

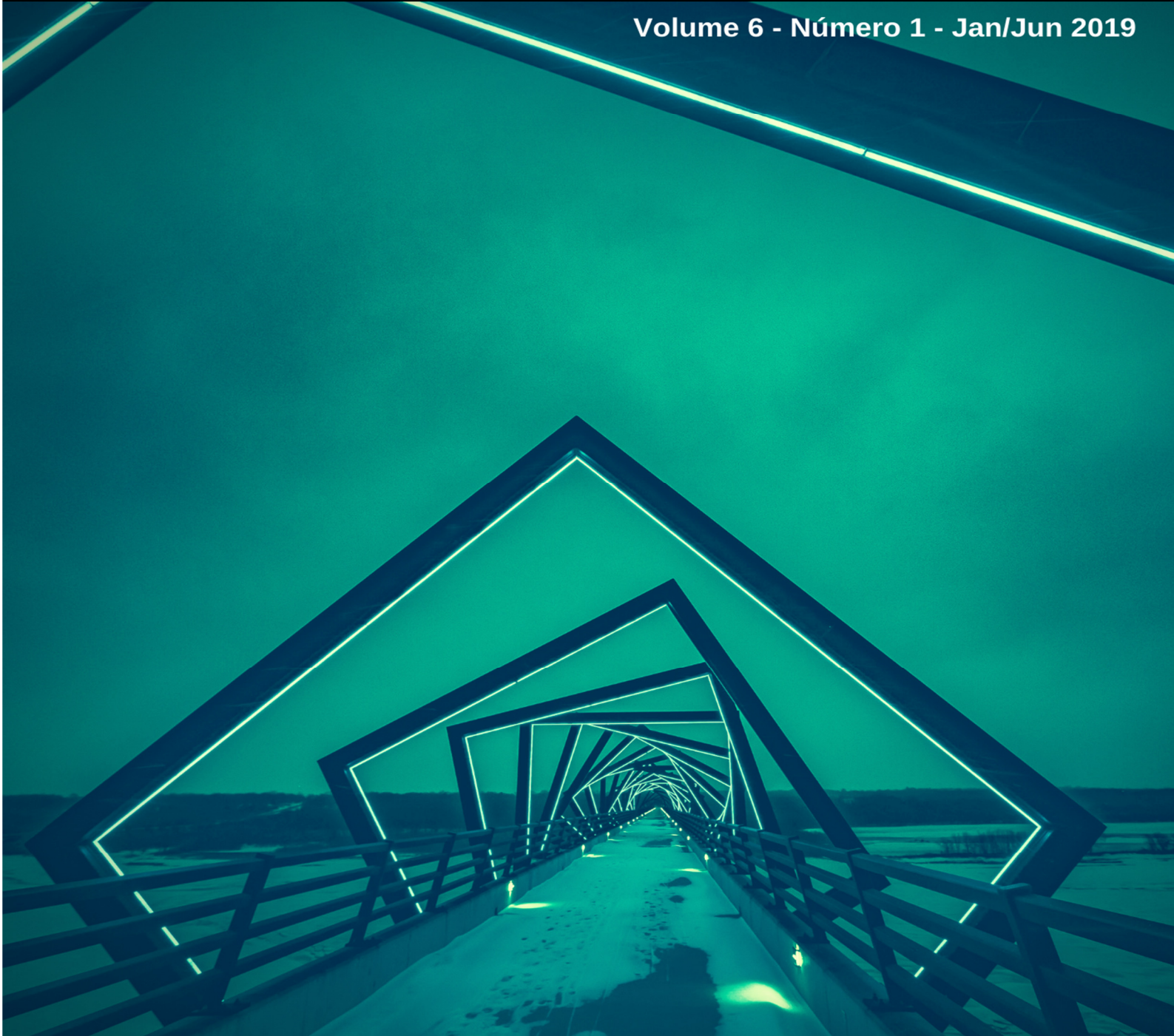
ISSN 2357-8203

Revista

Colineares

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem

Volume 6 - Número 1 - Jan/Jun 2019



UERN

ISSN 2357-8203

Revista *Colineares*

.....
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem

Volume 6 - Número 1 - Jan/Jun 2019



Programa de
Pós-graduação
em Ciências
da Linguagem

SUMÁRIO

ARTIGOS

EUFEMIZAÇÃO DO TRÁGICO NO CONTO “A MARIA LIONÇA”, DE MIGUEL TORGA

*Jessica Marissa Mendes da Silva Fernandes,
Paulo Ricardo Fernandes Rocha* 04-14

A SECA “CONSTRUINDO” E “DESCONSTRUINDO” O NORDESTE BRASILEIRO: UMA ANÁLISE DO LIVRO O QUINZE DE RACHEL DE QUEIROZ

Rusiane da Silva Torres, Raiane Torres da Silva 15-24

A NARRATIVA DE NAEL: UM OLHAR À DERIVA DE SI MESMO

Marcos Vinícius Medeiros da Silva 25-34

ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA: ALGUNS CONCEITOS FUNDAMENTAIS

Iara Fernanda Marinho 35-45

PIADAS MACHISTAS: UMA INVESTIGAÇÃO À LUZ DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

Francisca Janiele Buriti, Ivandilson Costa 46-55

ASPIRAÇÃO DA OCLUSIVA ALVEOLAR DESVOZEADA † NA INTERFONOLOGIA PORTUGUÊS BRASILEIRO (PB) - INGLÊS LÍNGUA ADICIONAL (ILA)

Mylani Nathalini Dantas Costa, Anderson Romário Souza Silva, Clerton Luiz Felix Barboza 56-70

NOME DE URNA: ESTRATÉGIAS LINGUÍSTICAS PARA ANGARIAR VOTOS

Shirlene Aparecida da Rocha, Andreza Marcião dos Santos 71-85

EUFEMIZAÇÃO DO TRÁGICO NO CONTO “A MARIA LIONÇA”, DE MIGUEL TORGA

EUPHEMIZATION OF THE TRAGIC IN THE SHORT STORY “A MARIA LIONÇA” BY MIGUEL TORGA

Jessica Marissa Mendes da Silva Fernandes¹

Paulo Ricardo Fernandes Rocha²

RESUMO: O trágico como temática literária surgiu na dramaturgia da Antiga Grécia. Ao longo do tempo, a temática da tragédia grega se reverberou também em outros gêneros literários. Dados os aspectos pesados contidos nas narrativas trágicas, consideramos oportuno investigar o processo de eufemização do trágico. Portanto, nosso objetivo, neste artigo, é analisar como ocorre a eufemização do trágico no conto “A Maria Lionça”, de Miguel Torga (1996), publicado na obra *Contos da Montanha*. A presente investigação justifica-se pela escassez de estudos na perspectiva apontada. Sendo assim, selecionamos alguns trechos do conto para ilustrarem a nossa análise. Para a fundamentação teórica de nossa pesquisa, que é integralmente bibliográfica, nos baseamos em estudos acerca do trágico e do eufemismo, sob o viés literário. Recorremos às pesquisas de teóricos como Strôngoli (2000), Szondi (2004), Lukács (2000), Machado (2005, 2006), Moisés (2013), Leal (2014), Nietzsche (1997, 2014), Oliveira (2015), dentre outros. Diante dos estudos e da análise realizados, observou-se que o conto “A Maria Lionça” é construído sob uma aura eufêmica que consiste na exaltação atribuída ao espaço e, principalmente, à personagem Lionça. Dessa forma, a eufemização se dá na atenuação da morte; e este abrandamento é motivado pela tentativa de levar o leitor a enxergar a integridade e hombridade da personagem Maria Lionça como virtudes superiores às desgraças que lhe sobrevieram.

Palavras-chave: Trágico. Eufemização. Maria Lionça. Miguel Torga.

ABSTRACT: The tragic as a literary theme appeared in the dramaturgy from Ancient Greece. Over time, the Greek tragedy as a theme has reverberated in other literary genres. Based on the sad aspects of tragic narratives, we consider it relevant to investigate how the tragic is euphemized. Therefore, in this article our objective is to analyze how the euphemization of tragic occurs in the short story “A Maria Lionça” by Miguel Torga (1996), published in *Contos da Montanha*. The present investigation is justified by the limited number of studies in this perspective. We selected some excerpts from the short story to illustrate our analysis. The theoretical basis of our research, which is totally bibliographical, is based on studies about the tragic and the euphemism from literary perspective. We make use of theoreticians such as Strôngoli (2000), Szondi (2004), Lukács (2000), Machado (2005, 2006), Moisés (2013), Leal

¹ Graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa (2017) pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Atualmente é aluna do Mestrado Acadêmico em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UERN). Membro do Grupo de Estudos Críticos da Literatura (GECLIT) desde novembro de 2018. E-mail: jessicamendescaraubas@gmail.com

² Graduado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa (2016) pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Atualmente é aluno do Mestrado Acadêmico em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UERN). E-mail: prferocha@gmail.com

(2014), Nietzsche (1997, 2014), Oliveira (2015), among others. According to the studies and analysis made, it was noticed that the short story "A Maria Lionça" is built under a euphemistic aura consisting of exaltation attributed to the space and, mainly, the Lionça figure. Thus, euphemization occurs from the attenuation of death; and this softening is motivated by the attempt to lead the reader to see the integrity and honesty of the character Maria Lionça as virtues which are superior to the misfortunes that came to her.

Keywords: Tragic. Euphemization. Maria Lionça. Miguel Torga.

1 INTRODUÇÃO

"A Maria Lionça" é o primeiro de vinte e três contos que compõem o livro *Contos da Montanha*, do escritor português Miguel Torga ([1941] 1996). A obra, como um todo, remete ao interior de Portugal e apresenta personagens emblemáticos da cultura de Trás-os-Montes, região transmontana do país. Em "A Maria Lionça", os fatos da narrativa ocorrem na pequena aldeia de Galafura, e é neste espaço que o trágico se instaura sobre a vida da personagem Maria Lionça.

O trágico, de um modo geral, assoma-se nos acontecimentos dolorosos e/ou vergonhosos. É o desvelar do opróbrio e das desgraças que assolam a nossa existência. Na literatura, a tragédia surgiu como gênero da dramaturgia grega (NIETZSCHE, 1997). O drama objetiva abordar as desgraças e as desventuras que nos ultrajam. Mas, por outro lado, também destaca os feitos heroicos de seus personagens, talvez como uma forma de aliviar, em certa medida, o impacto que as calamidades podem vir a nos causar. A tragicidade não se reservou apenas à dramaturgia e acabou por se reconfigurar também em outros gêneros literários.

Assim, somos levados a refletir que, mesmo o texto literário nos fazendo amargar a desolação, o terror, ou o vexame, ele também pode se revestir de recursos estéticos e/ou linguísticos, que possam, de algum modo, suavizar as repercussões negativas e chocantes causadas no espectador/leitor. A propósito, o eufemismo é um recurso linguístico bastante utilizado para mascarar as calamidades, conferindo-lhes aparência de leveza.

O eufemismo, que é o abrandamento daquilo que pode chocar, impactar a outrem (MOISÉS, 2013), é uma das formas de se mascarar o trágico. Este recurso linguístico também é utilizado como recurso literário e pode direcionar o olhar do leitor a uma visão otimista frente ao infortúnio.

Sendo assim, o objetivo deste trabalho é investigar como se dá a eufemização do trágico no conto "A Maria Lionça", de Miguel Torga. Nossa investigação se mostra oportuna, pois notamos que existem poucas pesquisas desenvolvidas sob esse viés nos estudos da crítica literária, de um modo geral. Além disso, este trabalho servirá de referencial teórico para embasar novas pesquisas que abordem os processos de eufemização no texto literário frente ao trágico. Nossa pesquisa é de caráter exploratório e bibliográfico; e, para a fundamentação teórica, nos baseamos nos estudos de autores como Strôngoli (2000), Szondi (2004), Lukács (2000), Moisés (2013), Leal (2014), Nietzsche (1997, 2014), Machado (2005, 2006), Oliveira (2015), dentre outros.

O capítulo seguinte abordará algumas considerações teóricas sobre o trágico desde sua origem; no terceiro capítulo, em linhas gerais, apresentaremos algumas

definições acerca do termo eufemismo, tendo em vista a sua utilização como recurso literário; por fim, no quarto capítulo, por meio da seleção de alguns trechos da narrativa, será feita a análise da eufemização do trágico no conto “A Maria Lionça”, desde a “aura eufêmica” estabelecida na descrição que o foco narrativo faz do espaço e da personagem até a realização tangível do eufemismo em relação aos acontecimentos trágicos.

2 O PERCURSO HISTÓRICO DO TRÁGICO

A tragédia é um dos gêneros literários mais antigos. Surgiu na Antiga Grécia, onde dramaturgos criavam peças teatrais, organizadas em versos, para serem encenadas como a representação dos dramas humanos, sempre com repercussões trágicas. A gênese deste gênero teatral encontra-se no ditirambo³, que, segundo Nietzsche (2004, p. 11), “[...] é apontado como o tipo de poesia lírica dionisíaca e, por isso, como a raiz da tragédia”. A sabedoria dionisíaca tinha a finalidade de usar a tragédia para “[...] fazer o espectador aceitar o sofrimento com alegria, como parte integrante da vida, porque seu próprio aniquilamento como indivíduo em nada afeta a essência da vida, o mais íntimo do mundo” (MACHADO, 2005, p. 179). Desse modo, buscava-se a aceitação das desgraças ou, pelo menos, a compreensão de que estamos sujeitos a elas. O ditirambo foi, portanto, o prenúncio do nascimento da tragédia que, inserida na dramaturgia, ganhou espaço substancial no cânone literário.

Édipo Rei, de Sófocles (496-406 a.C.), é uma das tragédias gregas mais conhecidas. No enredo, Édipo é amaldiçoado pelos deuses e descobre que está destinado a casar com sua mãe (relação incestuosa) e a matar seu próprio pai (parricídio). Édipo se esforça para fugir de seu destino. Ele se torna herói e rei de Tebas, ao decifrar o enigma da esfinge. Porém, mesmo diante de sua relutância, descobre que é o assassino de seu pai e que está casado com a própria mãe, tornando-se, por fim, andarilho até sua morte.

Nota-se que as tragédias gregas tratavam de barbáries e desgraças como assassinato, suicídio, incesto, ou seja, temas que trazem à baila as inescrupulosidades e misérias humanas. Segundo Lukácks (2000, p. 39), a tragédia “[...] transpôs-se incólume em sua essência até nossos dias, ao passo que a epopeia teve de desaparecer e dar lugar a uma forma absolutamente nova, o romance”. A epopeia centrava-se em enaltecer os feitos memoráveis e as aventuras de seus lendários heróis. No entanto, a tragédia, mesmo enobrecendo heróis, apontava para a problematização da vida, para os desfechos trágicos e desoladores, e provavelmente, em decorrência disso, a sua essência acabou por se reverberar também nas produções literárias ulteriores.

³ “Por volta do século VII a.C., o ditirambo consistia num canto em louvor a Baco [ou Dionísio], e aludiria, pelo significado estrito de ‘duas portas’, ao duplo nascimento do deus do vinho e do prazer [...] Nos séculos VII e VI a.C., o poeta Arion, de Corinto, considerado o primeiro a compor ditirambos com título próprio e ação homogênea, emprestou-lhe a estrutura que se tornaria clássica: adotou a intervenção do coro e fixou-lhe o número em cinquenta participantes; destacou o líder do coro (corifeu e, tornando-se solista, implantou o germe do diálogo, que teria colaborado, conforme se supõe, no processo criador das representações trágicas” (MOISÉS, 2013, p. 131).

A exemplo disso, na Literatura Ocidental, William Shakespeare (1564-1616), escritor e dramaturgo inglês, adotou o trágico como característica principal em muitas de suas peças teatrais e romances, cujos enredos se mantêm populares até os nossos dias. Em sua produção, figuram obras como *Romeu e Julieta*, *Hamlet*, *Otelo*, *O Mouro de Veneza*, dentre outras.

Em um levantamento histórico, Szondi (2004) explica que desde Aristóteles há uma poética da tragédia, mas somente a partir de Schelling surge uma filosofia do trágico. A poética aristotélica se preocupava em estudar a estrutura do gênero e determinar os elementos que o constituem enquanto arte. Além disso, Aristóteles também se preocupou em estudar as emoções que a tragédia buscava despertar no espectador. Segundo Machado (2006, p. 29), “[...] o prazer próprio da tragédia está ligado aos fatos que suscitam medo e compaixão” e “[...] a purificação dessas emoções, efeito catártico da tragédia”, substituem o sofrimento pelo prazer. O espectador podia, pela imitação, purificar-se de seus sentimentos, libertar-se de suas paixões e, assim, sentir prazer na catarse provocada pelas encenações trágicas.

Posteriormente, o fenômeno trágico passa a ser temática integrante da filosofia alemã. O início do século XVIII marca o renascimento da tragédia. Nietzsche descreveu o espírito alemão que, para os filósofos, ressurgiu:

[...] vive em nós a sensação de que o nascimento de uma era trágica tivesse significado para o espírito alemão apenas um retorno a ele mesmo, um bem aventurado reencontrar-se a si próprio (NIETZSCHE, 1997, p. 119-120).

Neste retorno ao trágico, Schiller, Goethe, e Winckelmann – este último como precursor –, constituem um grupo de teóricos em busca da

[...] ‘nostalgia pela Grécia’ [...] convencidos da importância dos gregos antigos para a formação da Alemanha [...] a arte é determinada já encarnado em algumas obras do passado, ou, mais precisamente, que o ideal da arte em estado puro já se encontra nas obras de arte gregas [...] (MACHADO, 2005, 175).

De acordo com a postura filosófica desses estudiosos, a arte grega ocupa papel dominante, indissociável e soberano na construção da filosofia alemã, justamente por esta arte – a grega – ser tida como protótipo, em estado puro, isto é, modelo indispensável à formação alemã. Em razão disso, passou-se a pensar a arte grega como molde para a arte moderna (MACHADO, 2005, p. 177).

Nos séculos XX e XXI, narrativas de ficção seguem incorporando a tragicidade, provando-nos que o trágico, além de se manter no gênero teatral, também se reconfigurou em outros gêneros. No entanto, Leal (2014) explica que a tragicidade no romance não ocorre da mesma maneira que ocorria com o herói grego. A *harmatia* (termo aristotélico que corresponde ao erro causador da queda do herói trágico) dá-se na relação do homem com os bens e com outros homens.

A título de exemplo, no século XIX, em *O jogador* de Fiódor Dostoiévski (1821-1881), é escancarada a problemática da jogatina, mostrando personagens que vão à

bancarrota, ao apostarem todos os seus haveres em jogos de cassino. Aléksei Ivánovich, um deles, simples empregado de um hotel, se envolve em apostas, influenciado pela enteada de um general para quem ele trabalha. O trágico se instaura sobre a vida dos personagens, levando uns à loucura, outros à falência. Ivánovich, em dado momento, logra fortuna nos jogos. No entanto, se torna um jogador compulsivo e gasta tudo que adquiriu, tornando-se um perdedor no jogo, no amor e na vida.

O que se pode aferir através desses exemplos, até aqui, é que a tragédia ainda permanece viva nas produções literárias, revestindo-se das especificidades de cada época. Entende-se que o fenômeno trágico pode se instaurar pelo viés da torpeza ou da futilidade, ou simplesmente do destino, trazendo à tona reflexões sobre as mazelas sociais e sobre os conflitos internos que permeiam a nossa existência. No entanto, é importante pensar a tragicidade não apenas como gênero, mas também como uma forma de construção do pensamento humano.

3 EUFEMIZAÇÃO COMO RECURSO LITERÁRIO

Antes de ser discutida a acepção dicionarizada do termo eufemismo, faz-se oportuno apresentar algumas considerações a respeito de sua função em relação ao trágico. Nosso objetivo não é fazer um jogo de identificação deste fenômeno linguístico, mas compreendermos o eufemismo como um recurso literário capaz até de deter, em certa medida, as impressões pesarasas provocadas pela vivência do trágico.

Na realidade ou na ficção, as tragédias são capazes de provocar desconforto, dor e perturbação, além da não aceitação do infortúnio. O eufemismo surge não para desfazer o trágico e anular seus efeitos, mas se consolida como uma estratégia de atenuação da forma com a qual iremos “digerir” os episódios fatídicos e indesejados que permeiam a nossa existência. Com isto, queremos dizer que o eufemismo se coloca entre o trágico e a tomada de consciência que se tem deste.

Neste aspecto, a tragicidade é intencionalmente envolvida por uma minimização de seus impactos de recepção. De acordo com *o Dicionário de Eufemismos da Língua Portuguesa*,

[...] o eufemismo é o uso da palavra, locução, acepção mais agradável, ou expressão de demagogia comunicativa com objetivo de minimizar e suavizar a expressão ou ideia rude, ofensiva ou desagradável, ou mesmo tabuística, substituindo o termo contundente por vocábulos ou circunloquções amenas ou polidas (OLIVEIRA, 2015, p. 25).

Conforme mencionado, a função do eufemismo não é anular a expressão rude, mas suavizá-la através de outras palavras ou por meio de circunloquções, conhecidas popularmente como rodeios. *A priori*, as palavras são selecionadas antes de serem externadas ao outro. Ainda segundo Oliveira (2015), as causas apontadas para o uso dessa figura de pensamento são sociais, morais e religiosas.

A sociedade, com seus códigos e crenças, define os padrões de comportamento a serem seguidos entre os indivíduos. Desse modo, além de regras

e restrições a determinados comportamentos considerados inadequados e/ou nocivos, existem também restrições àquilo que se fala ou escreve (RAJAGOPALAN, 2000). Por sua vez, o eufemismo significa também dizer com palavras admissíveis o que não se pode dizer “com todas as letras”, em dado momento, lugar, ou circunstância, em razão de tabus, proibições, decoro, comedimento e pudor.

À luz da semiótica, o processo de eufemização está inserido no conceito de símbolo. Baseando-se nos estudos de Roland Barthes, Strôngoli (2000, p. 57) explica que “[...] o símbolo nada mais é que eufemização, atividade criada para disfarçar as falhas do processo de refletir ou de comunicar, manifestação da incapacidade de o homem vislumbrar a verdade”. Neste sentido, o eufemismo serve para disfarçar com uma certa leveza as verdades consideradas contundentes com as quais o ser humano não consegue lidar.

Vale lembrar que o eufemismo também pode perpassar a mera substituição de palavras rudes por palavras moderadas, principalmente quando este fenômeno ocorre no texto literário. Segundo o *Dicionário de Termos Literários*, o eufemismo se caracteriza por:

[...] empregar expressões de bom augúrio [...]. Atualmente, designa o conjunto de meios linguísticos por meio dos quais mascaramos uma ideia desagradável, odiosa ou triste [...] é, pois, um abrandamento, graças ao qual evitamos o nome próprio nos casos em que o seu emprego poderia chocar por uma razão qualquer (NYROP, 1913 *apud* MOISÉS, 2013, p. 180).

Neste aspecto, o que se quer atenuar com o eufemismo é o choque provocado pelo emprego de palavras desagradáveis, detestáveis e causadoras de tristeza no leitor. Cenas de terror, morte, violência e abandono, por exemplo, podem ser perspicazmente mascaradas com outras formas de dizer, esquivando-se dos termos que lhes são próprios, estes, muitas vezes, considerados ríspidos e cruéis. Desse modo, o texto literário passa a utilizar o abrandamento das ideias traumatizantes como recurso linguístico e literário, de tal modo que pode desviar o olhar do leitor dos aspectos negativos do enredo para uma visão otimista, que se sobreleva aos infortúnios e desdobramentos trágicos.

4 A EUFEMIZAÇÃO DO TRÁGICO NO CONTO “A MARIA LIONÇA”, DE MIGUEL TORGA

Os fatos da narrativa se desenvolvem em um espaço interiorano e rústico, que remetem à simplicidade dos habitantes das regiões montanhosas do interior de Portugal. O narrador descreve um cenário bucólico:

Galafura, vista da terra chá, parece o talefe do mundo. Um talefe encardido pelo tempo, mas de sólido granito. Com o céu a servir-lhe de telhado e debruçada sobre o Varosa, que corre ao fundo, no abismo, quem quiser tomar-lhe o bafo tem de subir por um carreiro torto, a pique, cavado na fraga, polido anos a fio pelos socos do

Preguiças, o moleiro, e pelas ferraduras do macho que leva pela arreata. Duas horas de penitência (TORGA, 1996, p. 05).

O ambiente campestre é delineado sob uma visão poética. As metáforas constituem a descrição do lugar. Galafura é descrita como o topo do mundo enrijecido pelo tempo, tendo o céu como telhado em alusão a sua altitude. De modo geral, os elementos da natureza e o estilo de vida campestre pintam o espaço: o carreiro torto, “o rio Varosa”, “o moleiro Preguiças”, “as ferraduras do macho”, por exemplo, denotam a um lugar rústico, com poucas influências do processo de civilização humana. Os aspectos espaciais de Galafura apresentam poucas características de um ambiente urbano. Por sua vez, a paisagem campestre mostra-se preponderante diante da aldeia.

O vilarejo resume-se a “[...] uma rua comprida, de casas com craveiros à janela, duas quelhas menos alegres, o largo, o cruzeiro, a igreja e uma fonte a jorrar água muito fria. Montanha. O berço digno da Maria Lionça” (TORGA, 1996, p. 5). A melhor forma de resumir o espaço da narrativa é utilizando a palavra “montanha”. Este elemento é a síntese de representação do lugar. O pequeno povoado situa-se no que parece ser o “talefe do mundo”, simples, rústico e “perto do céu”: Galafura é por isso o berço digno de Maria Lionça.

A personagem Lionça é a representação máxima do lugar onde nasceu, emblema da cultura transmontana, e carrega as virtudes de uma autêntica mulher campesina. Conforme descreve o narrador, ela não sabia ler e nem tinha riquezas: a personagem “nasceu pobre, viveu pobre, morreu pobre” (TORGA, 1996, p. 5). Sua herança mais importante não consistia em bens materiais, mas na conduta admirável e impecável que deixou como exemplo a todos que a conheciam.

Nota-se um tom de exaltação à figura de Lionça – ela representa Galafura, Galafura a criou. A construção do espaço e da personagem no início do conto talvez não configure um eufemismo propriamente dito, mas ajuda, de antemão, a construir o que pode ser nomeado de “aura eufêmica”, através da qual o altruísmo prenuncia que ocupará um papel indelével na tessitura do conto. A ocorrência do eufemismo aludindo aos acontecimentos trágicos, logo em seguida, ratificam a ideia inicial: o trágico não pesará o suficiente para fazer oscilar ou colocar em dúvida a hombridade de Maria Lionça.

A eufemização vai sendo estabelecida frente aos fatos tristes e infelizes da vida de Lionça, narrados a partir de sua morte: “Quando Deus a levou, num Março que se esforçava por dar remate prazenteiro a três meses de invernia sem paralelo na lembrança dos velhos, Galafura não quis acreditar” (TORGA, 2018, p. 5). Maria não morreu, mas Deus a levou. Os termos que fariam referência direta à morte são substituídos por outros mais suaves. Vê-se a eufemização e o abrandamento (MOISÉS, 2013) do sentido negativo e pesaroso da morte. Galafura, personificada, se mostra perplexa com a morte da camponesa. Dizer que “Deus a levou” também assinala a bondade atribuída à Lionça, pois somente os bons herdarão os céus e estarão ao lado de Deus, segundo a crença religiosa do cristianismo. Além disso, é uma forma de conformação diante da perda causada em razão da morte de uma pessoa amada.

A aura eufêmica que paira sobre os dissabores de Lionça muito tem a ver com o que ela representa para o lugar onde nasceu: “Embora igual às outras, pela pobreza e pela condição, havia à sua volta um halo de pureza que simbolizava a própria pureza

de Galafura. Na pessoa da Maria Lionça convergiam todas as virtudes da povoação” (TORGA, 1996, p. 6). De certo modo, é como se a imagem de pureza atribuída à personagem tornasse os fatos trágicos de sua vida quase irrelevantes diante daquilo que ela representa para o povoado. Se nela convergiam todas as virtudes da povoação, nada seria suficientemente trágico para desconstruir a beleza de sua imagem.

Em sua juventude, Lionça casa-se com Lourenço Ruivo. O matrimônio cria nos moradores de Galafura uma expectativa ímpar de felicidade. No entanto, a narrativa indica o que o destino reservava para ela:

E Galafura, depois do arroz doce, pôs-se confiada à espera da felicidade futura do casal. Esquecidos das manhas e artimanhas da vida, todos sonhavam para os dois a ventura que não tinham tido. Só o destino, fiel às misérias do mundo, sabia que fora reservado à Maria Lionça um papel mais significativo: ser ali a expressão humana dum sofrimento levado aos confins do possível. Torná-la imune à desgraça seria desenraizá-la do torrão nativo (TORGA, 1996, p. 6).

Inicialmente, os recém-casados e principalmente o povoado usufruem do “arroz doce” – a sensação de que o futuro será próspero –, mas é a partir desse casamento que a *via crucis* da camponesa começa a ser traçada. De semelhante modo, na tragédia grega, o destino não podia ser mudado, pois os deuses o traçavam (NIETZSCHE, 2014); no conto, o próprio destino (que sabe o que está reservado para o futuro) alia-se às misérias: Maria seria a expressão do sofrimento, e alguém que fazia parte daquele torrão de modo algum poderia passar pela vida sem padecer. As características da tragédia se tornam evidentes na narrativa. Não se pode fugir do destino, pois ele já está traçado.

Nota-se que, apesar de os aspectos trágicos serem claramente anunciados nesse trecho pelo narrador, ainda nos é dada uma justificativa para o sofrimento de Lionça, em uma tentativa de atenuar sua penúria. Suas raízes são de sofrimento. Ela não poderia estar imune às tragédias, caso contrário, negaria o seu berço, sua identidade de mulher transmontana. O sofrimento é parte de sua essência (SZONDI, 2004).

Isso pode ser constatado quando Maria Lionça passa por sua primeira desilusão. Ao dar à luz o filho Pedro, Lourenço Ruivo, acovardado, a abandona e parte para o Brasil. Mesmo sem o marido dar notícias por 15 anos, Maria segue resignada e sem se queixar do abandono que sofreu:

Com o filho sempre agarrado às saias, como um permanente sinal de que já pagara à vida o seu tributo de mulher, mourejava de sol a sol para manter as courelas fofas e gordas. Depositária do pobre patrimônio do casal, queria conservá-lo intacto e granjeado. Se o outro parceiro desertara, mais uma razão para se manter firme e corajosa ao leme do pequeno barco. (TORGA, 1996, p. 7)

Maria cuida de seus filhos sozinha e trabalha com afinco em atividades do campo para garantir o sustento da família. A personagem mostra resignação e não reluta contra a sua condição desfavorável, mas conforma-se com o sofrimento. Na

tragédia grega, alguns personagens mostravam-se relutantes contra o destino trágico. Édipo, por exemplo, não aceitou o destino que os deuses lhe impuseram e a sua resistência agravou ainda mais sua condição miserável; Maria Lionça, por outro lado, não imprimiu resistência alguma aos problemas que lhe surgiam. Ela manteve-se paciente esperando por um marido que por 15 anos não lhe escrevera sequer uma carta, e exercendo o papel sofrível de mãe, mulher e esposa fiel. A resignação de Lionça leva-nos a entender porque a eufemização se sobrepõe aos aspectos negativos de sua história trágica, pois, de fato, o trágico não consegue macular a nobreza de Lionça.

Também não são os erros de Maria que a conduzem ao infortúnio, justificando, assim, a construção de uma reputação intacta. Nesse aspecto, ela se diferencia do arquétipo dostoiévskiano, adotado no personagem Aléksei Ivánovich, em *O Jogador*. Quanto mais a personagem Lionça sofre, mais ela é purificada aos olhos dos moradores de Galafura. Não bastasse o abandono, anos depois, o marido retorna ao povoado doente para morrer e confessa sua infidelidade; o filho Pedro, desiludido com a imagem paterna que vê, deixa o povoado e torna-se marinheiro. Mesmo diante das decepções, Maria Lionça permanece submissa ao seu destino:

E Galafura [...] saudava respeitosamente nela uma permanência que resgatava a traição do marido e a fraqueza do filho. [...] O tempo dera-lhe a chave daquela existência, destinada, afinal, mais às provações do sofrimento do que ao gosto das alegrias. Só ela os podia esclarecer e ajudar no desespero de certas horas e situações (TORGA, 1996, p. 8).

Mais uma vez a narrativa indica que Lionça está destinada às provações do sofrimento (MACHADO, 2005), no entanto, ela sabia lidar com isso, inclusive seu exemplo ajudava outras pessoas a compreenderem as contrariedades da vida, conforme indica o narrador.

O eufemismo também é construído no momento em que a morte de Pedro é narrada. Após receber um telegrama, Lionça, aos 60 anos, faz a sua primeira longa viagem e se depara com o filho praticamente morto: “Deram-lho no hospital, a exalar o último suspiro [...] E daí a pouco, no macho do Preguiças, o Pedro subia a serra para dormir o derradeiro sono em Galafura, que era ao mesmo tempo a terra onde nascera e o regaço eterno de sua mãe” (TORGA, 1996, p. 9).

“O último suspiro” e “o derradeiro sono” são as expressões utilizadas para eufemizar e suavizar um fato nada agradável que mais uma vez se abate sobre a vida de Lionça: Pedro, seu único filho, morre em seus braços, e regressa ao seu torrão natal, sobre o animal do Preguiças, para ser sepultado. Identifica-se uma delicadeza na forma como a morte de Pedro é narrada. O conto induz o leitor a sentir compaixão por Maria Lionça ter tido um destino tão infeliz. Além disso, é despertado o sentimento de admiração pela personagem diante de sua tenacidade – o destino estava traçado, mas Maria Lionça, corajosamente, optou por aceitá-lo. “Fala-se nela e paira logo no ar um respeito silencioso, uma emoção contida” (TORGA, 1996, p. 5). Esse trecho, que inicia a descrição da personagem no conto, ilustra e sintetiza com propriedade a imagem de uma “heroína” construída e moldada pelo trágico. O respeito e a emoção que a história de Lionça impõe ao leitor reside na sua capacidade de resignação. Daí surge a necessidade de eufemizar os efeitos negativos produzidos pelo trágico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise realizada, podemos constatar que o espaço e principalmente a personagem Maria Lionça exercem um domínio significativo na construção de uma aura eufêmica. As virtudes do espaço e da personagem se harmonizam e remetem a uma pureza que resiste aos impactos causados pelo trágico.

Os fatos lamentáveis e dolorosos sofrem um abrandamento intencional, pois existe por parte do narrador uma delicadeza ao tratar das fatalidades ocorridas na vida de Lionça. A sua história, embora triste, é revestida de expressões eufêmicas que se fidelizam à inteireza de caráter atribuída à personagem. O conto nos faz refletir a tragédia como parte integrante da vida, objetivo primeiro do ditirambo, fio condutor da tragédia. Embora as fatalidades façam parte da narrativa, elas não se sobrepõem às virtudes de Lionça.

Além disso, outro fator que contribui para a eufemização do trágico no conto reside no fato de Maria Lionça não ter cometido erros que provocassem ou justificassem as tragédias em sua vida, eximindo-a da culpa, opondo-se ao arquétipo dostoiévskiano. O foco narrativo ainda apresenta uma justificativa para o sofrimento da personagem que, por ter nascido em Galafura, tinha que padecer. Por conseguinte, os reveses na vida de Maria Lionça são também uma forma de purificação da personagem aos olhos de Galafura: quanto mais sofre, mais beatificada é. Isso a aproxima de uma alçada heroica não realizada por feitos propriamente heroicos, como na tragédia grega, mas por manter em si mesma as virtudes e os atributos de nobreza, honradez e conformidade, mesmo diante do abandono e da morte. O destino aparece no conto como o principal responsável pelo sofrimento de Lionça, ela não reluta contra ele, mas o aceita abnegadamente.

A tragédia grega tinha a função de despertar medo e/ou compaixão no espectador; no conto analisado neste artigo, os infortúnios conduzem o leitor a se compadecer pela história de Lionça, e o caminho encontrado para se produzir esse sentimento é a exaltação da figura de Maria Lionça e a suavização dos momentos tristes de sua sina – eles não são omitidos, mas são eufemizados. Sendo assim, o eufemismo, imbuído por uma aura eufêmica, se realiza como recurso literário para mascarar a morte no conto, não deixando de dizê-la, mas a mencionando de maneira comedida e suavizada, levando o leitor a compreender que as virtudes de Lionça se sobrelevam aos acontecimentos trágicos.

REFERÊNCIAS

LEAL, Luciana Ferreira. **Elementos do trágico em Eça de Queirós: A Tragédia da Rua das Flores e Os Maias**. São Paulo: UNESP, 2014.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica**. Tradução de: José Marcos Mariani de Macedo. 34. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e o renascimento do trágico**. *Kriterion*, Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, v. 46, nº 112, p. 174-182, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://twixar.me/JWG3>>. Acesso em: 3 jul. 2018.

_____. **O nascimento do trágico**: de Schiller a Nietzsche. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O nascimento da tragédia, ou helenismo e pessimismo**. Tradução de: J. Guinsburg. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. Disponível em: <<http://twixar.me/7KG3>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

_____. **Introdução à tragédia de Sófocles**. Tradução de: Ernani Chaves. São Paulo: Zahar, 2014. Disponível em: <<http://twixar.me/NKG3>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

OLIVEIRA, Roseli. **Dicionário de eufemismos da língua portuguesa**. Foz do Iguaçu: Editares, 2015.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Sobre o porquê de tanto ódio contra a linguagem "politicamente correta". In: SILVA, F.L.L. e MOURA, H. H. M. (Orgs.). **O direito à fala**: a questão do preconceito lingüístico Florianópolis: Insular, 2000. p. 93-102. Disponível em: <<file:///D:/Documentos/Downloads/Politicamente+Correto.pdf>>. Acesso em: 8 jul. 2018.

STRÔNGOLI, Maria Tereza Q. G. Do signo ao símbolo: as figurativizações do imaginário. In: PINO, Dino del. (Org.). **Semiótica**: Olhares. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 55-64.

SZONDI, Peter. **Ensaio sobre o trágico**. Tradução de: Pedro Süsserkind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

TORGA, Miguel. **Contos da montanha**. 8. ed. Coimbra, 1996. Disponível em: <<http://twixar.me/VKG3>>. Acesso em: 29 jun. 2018.

**A SECA “CONSTRUINDO” E “DESCONSTRUINDO” O NORDESTE
BRASILEIRO: UMA ANÁLISE DO LIVRO O QUINZE
DE RACHEL DE QUEIROZ**

**THE DROUGHT "CONSTRUCTING" AND "DECONSTRUCTING"
BRAZILIAN NORTHEAST: AN ANALYSIS OF THE BOOK THE
FIFTEEN BY RACHEL DE QUEIROZ**

Rusiane da Silva Torres⁴

Raiane Torres da Silva⁵

RESUMO: Esse artigo busca analisar a seca como elemento construtor da região Nordeste, fenômeno destaque na Literatura Regionalista dos anos 1930, dos quais focamos na escritora cearense Rachel de Queiroz. Utilizamos como fontes para a elaboração deste trabalho, o livro O Quinze de Rachel de Queiroz, matérias de jornais locais de Mossoró/RN, O Comércio de Mossoró e O Mossoroense, além de matérias de jornais cearenses, como por exemplo, A Lucta. Ao término do trabalho podemos perceber o fenômeno da seca como elemento capaz de criar características identitárias para o povo nordestino e sertanejo, ao mesmo tempo que se apresenta como um dos responsáveis pelo esvaziamento do sertão.

Palavras-chave: Seca. Literatura. Nordeste.

ABSTRACT: This article seeks to analyze the drought as a building element of the Northeast region, a phenomenon highlighted in the Regionalist Literature of the 1930s, in which we focus on Ceará writer Rachel de Queiroz. We used as sources for this work, the book O Quinze by Rachel de Queiroz, articles from local newspapers of Mossoró / RN, O Comércio de Mossoró and O Mossoroense, as well as articles from Ceará newspapers, such as A Lucta. At the end of the work we can perceive the drought phenomenon as an element capable of creating identity characteristics for the northeastern, while presenting itself as one of those responsible for emptying the region.

Keywords: Drought. Literature. Northeast.

1 INTRODUÇÃO

A seca é elemento presente na construção sócio-espacial da região que hoje chamamos de Nordeste, o fenômeno foi responsável em mostrar para o país, um Brasil seco até então desconhecido. Essa exibição se deu por meio da música, das pinturas, e em especial, por meio da literatura regionalista da década de 1930.

⁴ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino – POSENSINO (UERN/UFERSA/IFRN). Graduada em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

⁵ Graduada pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Autores como Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, José Américo de Almeida, utilizaram o tema da seca na elaboração de seus maiores clássicos literários. O país conheceu uma população com características próprias.

A cearense Rachel de Queiroz, ganhou notoriedade no cenário ao escrever o livro *O Quinze*, principal objeto de estudo dessa pesquisa, no ano de 1930, baseado na seca de 1915. Rachel não utilizou fontes históricas na elaboração da obra, entretanto, alguns dos cenários descritos na narrativa foram presenciados e/ou ouvidos pela autora.

Este estudo consiste em analisar como a cearense enxerga a seca na sua obra literária e como esse fenômeno é apresentado em periódicos de grande circulação em Mossoró/RN *O Mossoroense* dos anos de 1915 e 1916, e o jornal *O Comércio de Mossoró* do ano de 1915⁶. Usamos ainda o jornal cearense *A Lucta* do ano de 1915⁷. O objetivo do uso desses jornais é entender a seca no principal meio de veiculação de notícias da época. Compreender como os jornais elaboraram um discurso para a seca e como eles se dirigiam aos retirantes nordestinos.

O trabalho está dividido em duas seções, que articuladamente visam alcançar o objetivo proposto. O primeiro tópico busca discutir a criação do Nordeste e sua relação com o fenômeno da seca, usando Albuquerque Júnior (1987; 2011) para caracterizar o processo de “invenção” da região. O segundo ponto aborda o processo de despovoamento do Nordeste, ocasionado pela seca.

2 DISCUTINDO A SECA NO NORDESTE

Quando fala-se em Nordeste brasileiro, é comum se associar à imagem da pobreza, do sofrimento, da gente humilde, atrasada, analfabeta e matuta. Quando falamos em sertão, a palavra seca geralmente já nos vem à mente. A seca aparece muitas vezes como fenômeno atrelado a essa região. É como se não houvesse o Nordeste sem a estiagem, e vice-versa. Essa relação muitas vezes é tão intensa, que chegamos a nos questionar se existiria o Nordeste sem o fenômeno da seca. Parece que a região “respira” a seca. Albuquerque Junior (2011) enxerga a seca como elemento construtor sócio-espacial da região, hoje chamada Nordeste.

Os Estados que hoje compõem a região Nordeste do país, antes integravam a região Norte, entretanto, as características climáticas entre os Estados eram divergentes. Enquanto nas áreas próximas à Floresta Amazônica as chuvas eram constantes, nas proximidades do sertão, a chuva era escassa. O que fazer com tamanha desigualdade? O que fazer com o dinheiro que entra na região: investir nas áreas ricas em água, ou investir na região árida? Modernizar a região ou alimentar os moradores das áreas mais pobres?

Logo a temática da seca se fez presente na música, nas pinturas, na literatura. A seca aparece na literatura de Rachel de Queiroz como sendo uma “fatalidade” capaz de alterar a sociedade sertaneja, inclusive as relações entre os homens e mulheres, conforme destaca Albuquerque Júnior (2011, p. 138),

⁶ Jornais disponíveis no acervo do Museu Histórico de Mossoró Lauro da Escócia.

⁷ Jornal digitalizado, disponível em <<https://www.bn.br/search/node/jornal%20lucta>>. Acesso em outubro de 2018.

Toda utopia de Rachel gira em torno desta ideia de ordenamento da natureza, da construção de uma ordem social mais de acordo com a 'natureza humana'. Uma sociedade que permitisse ao homem se encontrar com sua essência. Uma sociedade sem máscaras.

Desta forma, podemos perceber que Rachel enxerga a seca como elemento que constrói o sujeito sertanejo. A natureza organiza seus hábitos, modela seus costumes. Logo, quando a natureza sofre alguma alteração, dentre elas a seca, o sujeito tende a se alterar. O nordestino comumente vai residir nos grandes centros urbanos em decorrência da seca, leva em sua bagagem costumes, alguns deles incapazes de se aplicar em outros lugares. O indivíduo nordestino na escrita de Rachel, apresenta seus próprios traços, uma identidade construída através da natureza existente na região.

Segundo Albuquerque Júnior (1987), a seca foi elemento fundamental para a construção da região, é o fenômeno que chama a atenção dos mais diversos veículos de comunicação, como jornal e rádio, especialmente os meios de comunicação da Região Sul, estampando o fenômeno como o principal responsável pelos problemas existentes na região. A seca é vista e discursada não apenas como agente capaz de alterar o meio natural, mas outros aspectos tais como:

Ao lado do tema da seca, estes discursos vão abordar também as questões econômicas, sociais e políticas que mais preocupam cada agente social da região. A seca vai ser ligada a temas como o do trabalho, da modernização, do controle social, etc., que deixam transparecer, pois a preocupação que o momento histórico colocava para estes homens, no seu cotidiano, quer seja como dominadores, quer seja como dominados (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1987, p.09).

Na literatura regionalista de 30, a seca é habitualmente ligada a uma questão "problema", responsável pela morte dos personagens, ou ainda, alterando seu comportamento, gerando dor e angústia. As secas dos anos de 1877-79, foi a primeira a ter repercussão nacional pela imprensa e a alcançar setores de pequenos e médios proprietários de terra. Ficou conhecida como a "Grande Seca"⁸, tendo o governo oferecido um número considerável de recursos para as vítimas da estiagem. O fato fez com que o parlamento do Norte descobrisse a poderosa arma que tinham nas suas mãos, para exigir tratamento igual ao dado a região Sul, em recursos financeiros, políticos e sociais. Nesse momento, as elites locais se apropriaram do discurso de combate à seca para obter recursos do Governo Federal.

O tema da seca foi, sem dúvida, o mais importante, por ter dado origem à própria ideia da existência de uma região à parte, chamada Nordeste, e cujo recorte se estabelecia pela área de ocorrência deste fenômeno. [...] A seca foi decisiva para pensar o Nordeste como um recorte inclusive 'natural', climático, um meio homogêneo que,

⁸ A seca de 1877 recebeu esse nome devido o número alarmante de retirantes que fugiam do sertão em direção aos centros urbanos, em especial no Ceará.

portanto, teria originado uma sociedade também homogênea (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p. 138).

O Norte apresentava divergências dentro de uma mesma região, divergência quanto ao clima, aos costumes e cultura do povo. O Nordeste começa onde a seca inicia. Seu território foi debilitado nos lugares atingidos pela falta de chuva. Cria-se uma região em torno da seca, da desertificação. A imprensa teve um papel importante para despertar a atenção para o problema da seca na região.

O despertar da consciência da elite nortista para a gravidade da situação que vivia é acompanhada de um despertar nacional para a existência do fenômeno da seca do norte, antes conhecida apenas como 'seca do Ceará', graças à intensa campanha que é desenvolvida pela imprensa local, inicialmente, e nacional, posteriormente, que explora as imagens de miséria, de desespero, morte e dor que estavam ocorrendo nessa área, durante esta estiagem. A imprensa contribuiu, portanto, para demonstrar a própria elite nortista que a seca era um tema capaz de mobilizar a opinião pública não só das províncias por ela diretamente afetada, como de todo o país (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1995, p.117).

A seca de 1877 fez com essa região se tornasse foco de debate em todo território. De acordo com Felipe e Theophilo Guerra, o ano de 1877 jamais se apagará da memória dos sertanejos, pela "Grande Seca".

A seca foi devastadora em todas as quatro províncias: Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba; em todas elas ficou a população reduzida a miséria, a ruínas e a pobreza; o quadro foi horrível, só apreciável por quem sabe-o por experiência; foi completa, por assim dizer, a extinção dos semoventes. A mortandade nos últimos meses do ano é espantosa por toda parte; em Mossoró o obituário acusa uma diária de 30 a 40 pessoas (GUERRA; GUERRA, 1990, p.39).

A seca matou inúmeras pessoas que dependiam da chuva para plantar, para criar seus animais. A pobreza se estabeleceu. Os costumes dos moradores se alteraram, até os mais velhos temeram a "Grande Seca". Muitos sertanejos pensaram em largar sua morada e migrar em busca de novas terras, entretanto, o medo pelo desconhecido era seu principal vilão, onde "muitos pobres se recolhiam a casa e amedrontados com suas famílias falavam em migrar." (THEÓFILO, 1922, p. 80-81).

A seca de 1877 marca o início de migração entre os sertanejos, por isso muitos pesquisadores (MORAES, 2003) atribuíram o termo nômade para se referir ao povo cearense do ano de 1877. No livro *A Fome*, um dos mais consistentes relatos sobre o cenário de 1877, nas ruas da capital do Ceará, o memorialista Rodolpho Theophilo descreve os verdadeiros cenários de dor presenciados: "A peste e a fome matam mais de 400 por dia! O que te afirmo é que, durante o tempo em que estive parado em uma esquina, vi passar 20 cadáveres: e como seguem para a vala! Faz horror!" (TEÓFILO, apud TRAVASSOS, 2011, p. 718).

Não demorou muito para que o Nordeste fosse atingido por outra seca de grande escala. Estamos nos referindo à seca do ano de 1915, seca essa imortalizada na literatura de Rachel de Queiroz. Conforme ocorreu na “Grande Seca”, a migração também foi marca desse período. Castro (2010) mencionando notícias do jornal circulante no Estado do Ceará daquele ano, *A Pátria*, destaca que “Levas de retirantes já começam a invadir a cidade, procurando num intuito de conservação salvar a vida... Deixo na responsabilidade do governo tomar providências” (CASTRO, 2010, p. 97). os retirantes muitas vezes eram vistos como seres indesejados nas cidades, apesar de diversas cidades brasileiras desenvolverem-se às custas desses imigrantes. A população moradora dos lugares buscados pelos retirantes, aclamavam que o governo devia adotar medidas para ajudar ou afastar os nômades, que a cada dia alastravam-se na cidade.

A seca de 1915 serviu de cenário principal para a escrita literária regionalista de Rachel de Queiroz. Em sua obra, ela apresenta o fenômeno como elemento capaz de alterar um ambiente e os costumes de seus moradores, responsável ainda pelo deslocamentos dos personagens principais. Neste ano, o então Presidente da República, Venceslau Brás Pereira Gomes, foi o responsável pela reestruturação da Inspetoria Federal de Obras contra as Secas (IFOCS)⁹. Algumas medidas, pouco eficazes, foram implantadas, como a construção de açudes e barragens que reunia a população nas chamadas “frentes de trabalho” evitando a emigração e o esvaziamento do sertão.

Uma dessas “frentes de trabalho” é mencionada na obra aqui analisada. O personagem Chico Bento conseguiu trabalho na construção de uma barragem, indicado pela comadre Conceição, moça que ajudou o vaqueiro desde que chegou à capital Fortaleza.

Armado com um cartãozinho do bispo e um bilhete particular de Conceição à senhora que administrava o serviço, Chico Bento conseguiu obter o ambicionado lugar no açude do Tauape. No bilhete, a moça fazia o possível para comover a destinatária; e a senhora, apesar de já se ter habituado a esses pedidos que falavam sempre numa pobreza extrema e em criancinhas famintas, achou jeito de desentulhar uma pá, e ela mesma guiou o vaqueiro aturdido, com seu ferro na mão, e o entregou ao feitor. Duramente Chico Bento trabalhou todo o dia no serviço da barragem. Só de longe parava para tomar fôlego, sentindo o pobre peito cansado e os músculos vadios (QUEIROZ, 2004, p. 106).

O salário ganho por Chico Bento ao término do longo dia de trabalho, era tão mesquinho que mal dava para comprar alimento digno para a família. No entanto, o vaqueiro comemorava ao receber o pouco de dinheiro, alegando que era melhor trabalhar que roubar. O personagem encontrava outra vantagem no duro trabalho, se

⁹ A Inspetoria Federal de Obras contra as Secas (IFOCS) foi criada em 1909. Pouco tempo depois seus serviços forma interrompidos, voltando a funcionar na seca de 1915. Substituído posteriormente pelo Departamento Nacional de Obras contra as Secas (DNOCS).

alimentar satisfatoriamente. Rachel de Queiroz não dá muita relevância a esse trabalho na sua obra, mudando de assunto e não retomando-o durante a narrativa.

A seca de 1915 mudou a estrutura do Estado do Ceará. Um cordão de isolamento foi criado para separar os retirantes dos moradores dos centros urbanos, os chamados campos de concentração. Na seca do ano de 1932, esses campos foram reativados. Neves (1995) apresenta alguns dados dos números de retirantes que os campos de concentração, espalhados no Estado do Ceará, receberam na seca do ano de 1932.

O campo de Quixeramobim durou apenas 3 meses (abril a junho de 1932) e chegou a concentrar quase 5 mil pessoas. [...] Em Cariús, outro campo sobre o qual apenas alguns números estiveram à disposição. Esteve em atividade durante um ano (05.32 a 04.33) e atingiu uma população máxima de 31.906 pessoas em julho. O campo do 'Burity', município de Crato, na estrada que vai para Juazeiro, foi o maior de todos, chegando a abrigar 60 mil retirantes! (NEVES, 1995, p. 109).

Neves (1995) ressalta que por falta de documentação é difícil definir um número concreto de quantas pessoas esses lugares receberam, nas secas de 1915 e 1932. Embora não tenhamos um resultado exato, podemos dizer que nesses anos de seca o Nordeste passa por um processo de esvaziamento das áreas mais secas da região. Como o governo encara esse processo de migração? Migrar seria de fato a melhor opção dentro do fenômeno da seca?

3 A RETIRADA MOLDANDO O NORDESTE

Na mesma proporção que a seca foi responsável em construir sócio-espacialmente a região Nordeste, separando-a do Norte, o fenômeno também foi responsável pelo despovoamento do sertão, tendo em vista as diversas fugas para os centros urbanos. Migrar é muitas vezes considerada a melhor opção para os moradores das regiões mais atingidas pela estiagem.

Chico Bento, personagem de Rachel de Queiroz, não encontrou mais motivos para permanecer morando nas Aroeiras. Sua única fonte de renda era o emprego de vaqueiro na fazenda de Dona Maroca, após a senhora desistir de enfrentar a seca e soltar seu gado, o vaqueiro ficou sem seu sustento, como iria alimentar sua família sem emprego? Como sobreviver à seca que atingia o sertão? A opção encontrada no meio de toda desgraça foi migrar, ir para o Amazonas.

São vários os motivos que ocasionam a migração interna, dos quais Gonçalves (2011) destaca: a disponibilidade de vagas de emprego; busca por melhores condições de vida; a fuga da seca. O ciclo da borracha no Amazonas que se iniciou no século XIX resultou na migração de inúmeros nordestinos, que enxergavam na produção do látex uma nova forma de sobrevivência.

Analisando os jornais do município de Mossoró/RN, podemos perceber em diversos momentos, que os representantes políticos não aconselhavam o processo de retirada por conta da seca. Alegavam que todo o sofrimento passado em decorrência da longa viagem poderia ser evitado. "Passar mal por passar mal, deixe

está em sua terra, pelo menos evitam canseiras de longas viagens penosas, em meio ou no fim das travessias só encontram a morte” (O COMÉRCIO DE MOSSORÓ, 1915, nº 556). É possível notar, que para parte da população, migrar seria um processo em vão, tendo em vista que muitos, se não a maioria, morreriam na viagem e não alcançariam seu destino final. Entretanto, não cabe ao sujeito nordestino esperar a morte chegar e não fazer nada para tentar mudar essa situação.

Em Rachel de Queiroz, Chico Bento conseguiu chegar à capital do Estado, e de lá seguiu viagem rumo a São Paulo. Entretanto, até chegar em Fortaleza, o vaqueiro enfrentou a dor da perda um filho e o desaparecimento de outro. Passou fome, humilhação, tendo que pedir diariamente esmolas para poder comer e sobreviver. Não teria sido mais conveniente ficar nas Aroeiras e morrer na sua casa, embora simples, mas sua? Se tivesse optado em não migrar, poderia ter dado um enterro digno ao seu filho, e não ter deixado seu cadáver à beira de uma estrada.

Evitar a angústia da retirada foi citada em outras manchetes de jornais, dentre elas do Estado do Ceará. Nos noticiários do jornal *A Lucta*, nos deparamos com a seguinte matéria: “A retirada é um grande mal ocasionador de doenças e mortes, e todos devem ter a caridade de aconselhar o povo a não se retirar de seus lugares de origem” (A LUCTA, 1915). O conselho dado pelo jornal é claro, migrar só gera sofrimento não é a melhor solução encontrada diante da seca, todos devem permanecer em suas residências e esperar a chuva chegar. Entretanto, não encontramos nos jornais, soluções cabíveis para enfrentar a estiagem, a não ser esperar a chuva cair no sertão. Vale frisar, que o periódico era um dos oficiais do Governo do Ceará, logo ideologicamente o jornal apresentava a visão do governo, que era contra as práticas migratórias.

O jornal *A Lucta* por diversas vezes se posicionou contrário a invasão da capital por conta dos flagelados, haja vista sua finalidade e objetivo mascarado por trás dos noticiários. De acordo com Travassos (2011), na seca de 1877, o jornal trazia matérias que contestavam a ideia de retirada do sertão, a autora define seus noticiários sobre a seca como sendo “um discurso contestatório e de denúncia” (TRAVASSOS, 2011, p.722). O jornal tinha a função de mostrar os danos que retirantes causavam nas cidades, representando sinal de perigo, tendo em vista, que sem conseguir emprego e alimento para saciar sua fome, muitos optavam em roubar. É comum relacionar a figura do retirante da seca, com os bandidos das cidades, ou ainda os mendigos.

Outra preocupação estampada nas notícias dos jornais diz respeito ao medo que os governantes tinham com relação ao despovoamento do sertão. “O povo migra para o Mato Grosso, Amazonas, São Paulo, tenhamos fé, confiança e trabalhemos e venceremos, afinal o sertão do Rio Grande do Norte não ficará despovoado” (COMÉRCIO DE MOSSORÓ, 1915, nº 557). O artigo no qual foi retirado a citação anterior é intitulado *O despovoamento*, nele encontramos uma espécie de pedido para que a população não feche suas casas e pegue a estrada. O artigo finaliza com a tese de que esqueletos não são mãos trabalhadoras na cidade, que ninguém vai querer contratar um retirante, que um miserável não apresenta mais forças para trabalhar. No artigo, podemos perceber não só um pedido, mas uma ordem: migrar poderia fazer desaparecer com uma região, com um vilarejo, um sítio.

Através da obra de Rachel de Queiroz, *O Quinze*, podemos perceber que até os moradores mais antigos de uma região se retiram em decorrência da seca, um exemplo disso é a Mãe Nácia. Como uma senhora já idosa, viúva, sobreviveria

sozinha em uma fazenda em plena estiagem? Conceição não enxerga outra saída a não ser levar a sua avó para Fortaleza. Inácia nunca tinha deixado suas terras, e isso lhe causou uma enorme comoção. Chegando a se considerar covarde em abandonar suas terras e seu gado. “- Deixar tudo assim, morrendo de fome e de sede! Fazia vinte e cinco anos que eu não saía do Logradouro, a não ser para o Quixadá!” (QUEIROZ, 2003, p. 38). A pobre senhora se questionava se tinha feito a melhor escolha, mas logo pensava que a longa estiagem acabaria com o gado, e ela sozinha, sem a ajuda de ninguém, possivelmente, não evitaria que os animais morressem. Sua fuga para a cidade seria uma fuga do sofrimento, sabia que na casa de sua neta não seria atingida pelos males trazidos pela seca. Em muitos casos na obra de Rachel de Queiroz, é possível identificar um discurso romantizado em torno da estiagem e de seus danos. A autora assemelha o ato de resistência de Vicente como um ato heroico e valente.

Ainda analisando o discurso da seca nos jornais, notamos que para o sertanejo vítima da seca, só restava duas duras opções: emigrar em busca de novas terras, ou permanecer em seu lugar e origem e esperar a chuva chegar. Os dois caminhos talvez levem a um mesmo destino: a morte. No Jornal *O Mossoroense* encontramos um artigo enfatizando qual seria o destino dos retirantes:

Os pobres homens transferidos de seus pátrios lares, em penoso êxodo, comidos pela fome andam sem pousada, de sítio em sítio, de casa em casa, romeiros da miséria, praguejando a vida, lastimando a sorte. Estes chegam aos novos lugares sem rumo e sem destino. Onde trabalhar? Como sobreviver em novas terras? Só o tempo dirá (O MOSSOROENSE, 1915, nº 338).

A obra de Rachel de Queiroz começa com a seca e termina com a chegada do inverno. O sertanejo migra, mas leva as recordações do sertão na sua bagagem. Chico Bento quando estava prestes a deixar o sertão e ir para São Paulo, sente saudades de suas terras. “Seria possível que fossem saudades daquela miséria, daquele horror? E a vista interior do vaqueiro, mostrou-lhe a imagem da casa abandonada, fechada e viúva, nas Aroeiras” (QUEIROZ, 2004, p.117). Notamos a empatia com seu lugar de origem. Apesar de todos os males vividos pelo personagem, era ali que ele queria ficar, que queria ver seus filhos crescer, que queria morrer.

Um ponto que merece destaque diz respeito à figura do retirante, visto para muitos como seres imundos capazes de prejudicar a fisionomia da cidade. Em diversos trechos da obra *O Quinze* os retirantes aparecem como seres insignificantes aos olhos da população residente das cidades. Muitos se escondiam quando eles batiam na porta em busca de esmolas. Podemos citar quando Chico Bento vai pedir ajuda ao delegado no caso do desaparecimento do seu filho.

Lá dentro, uma voz de mulher disse baixinho:

- Abre não, menina, é retirante... É melhor fingir que não ouve...

Chico Bento escutou; e sua voz lenta explicou, dolorida:

- Não vim pedir esmola, dona; eu careço é de ver o delegado daqui... (QUEIROZ, 2004, p. 87)

Existia receio de abrir a porta de sua casa para retirantes, estes podiam representar perigo. Outro trecho da obra que ressalta o desprezo é no momento em que Conceição chora com a despedida de Chico Bento, que estava partindo para São Paulo. Um viajante questiona quais os motivos de uma moça, branca e limpa, chorar por causa de um retirante sujo. Dessa forma, o homem é esquecimento, a figura que prevalece em Chico Bento é de um morto de fome, suas qualidades, seus sentimentos são desprezados. Ora, qual o motivo de uma pessoa chorar por flagelados? Conceição não o enxergava como retirante, ela conhecia seus valores, seus sentimentos, e sobretudo, todo o sofrimento já enfrentado pela família.

Rachel de Queiroz “imortalizou” a seca de 1915. Sua escrita regionalista apresentou a seca para todo o país, seus personagens são de forma romantizada vistos como heróis da seca. Há nordestinos em todas as regiões do Brasil, e a seca é um dos responsáveis por esse forte processo de imigração.

Passados mais de cem anos da seca de 1915, o Nordeste brasileiro ainda sofre com esse problema. Hoje a população já não migra em grande escala. Entretanto, notamos um desaparecimento das lavouras agrícolas, o gado de pequenos produtores não está mais nos pastos. O sertão foi invadido em grande parte pela modernidade, e o sertanejo hoje não mais busca seu sustento apenas do trabalho rural.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A região Nordeste do Brasil é caracterizada pelo polígono das secas, onde essas irregularidades pluviométricas causam danos à população local. De fenômeno natural, a seca passa a ser vista como um fenômeno social, capaz de mudar o lugar de morada da população. Desta forma, a seca é vista como elemento que moldou a estrutura física da região. Além do ambiente físico, a seca foi responsável por elaborar traços na identidade do sertanejo.

O fenômeno seca foi o tema de maior destaque na literatura regionalista dos anos 30, onde esses escritos literários buscavam a criação de uma identidade para o povo nordestino. Autores como José Américo, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, são exemplos de escritores que se propuseram a elaborar uma imagem para a região.

Realizamos um estudo sobre a seca de 1915 em diversos meios de propagação de notícias, periódicos, narrativa literária, textos com cunho histórico e científico. Os periódicos analisados evidenciam o discurso da seca elaborado pelos jornalistas, muitas vezes com entrevistas com os responsáveis pelo Estado do Ceará, ou do município de Mossoró. Vale frisar que nos dias atuais, muitos ainda consideram a seca como responsável pelo atraso em algumas áreas na região, principalmente no que diz respeito à concentração e distribuição da renda.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **A invenção do Nordeste e outras artes**; prefácio de Margareth Rego. 5.ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Falas de Astúcia e de Angústia: A seca no imaginário - de problema a solução (1877-1922).** (Dissertação de Mestrado em História), Departamento de História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1987.

_____. Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca do Nordeste. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 28, p. 111-120, 1995.

CASTRO, Lara de. As retiradas para os campos de açudagem na seca “do Quinze”. **Revista Historiar**, ano II, n. I, 2010.

GONÇALVES, A. J. Migrações Internas: evoluções e desafios. **Estudos Avançados**, v. 15. N. 43, 2011. p. 173-184.

GUERRA, Felipe; GUERRA, Theophilo. **Secas contra a seca**. Mossoró: Fundação Guimarães Rosa. Coleção Mossoroense, Volume XXIX.

MORAIS, Viviane Lima de. **As Razões e Destinos da Migração: trabalhadores e emigrantes cearenses pelo Brasil no final do século XIX**. Dissertação de Mestrado, PUC/SP, 2003.

NEVES, Frederico de Castro. Curral dos Bárbaros: os Campos de Concentração no Ceará (1915 e 1932), **Revista brasileira de História**. São Paulo. Vº 15, nº29, p. 93-122. 1995

TRAVASSOS, Lidianny Soares Mota. Uma História não contada: O Campo de Concentração para flagelados em 1915 em Fortaleza – Ceará. **Perspectivas Históricas: Historiografia, pesquisa e patrimônio**. Fortaleza, novembro, 2011.

THEÓPHILO, Rodolpho. **História das Secas no Ceará (1877-1879)**. Rio de Janeiro, Imprensa Inglesa, 1922.

FONTES

Jornal **O Mossoroense**. Anos 1915, 1916 acervo. Museu Municipal Lauro da Escócia. Mossoró RN.

Jornal **O Comércio de Mossoró**. Ano 1915. Museu Municipal Lauro da Escócia. Mossoró RN.

Jornal **A Lucta**. Ano 1915. Disponível no sítio da Biblioteca Nacional.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

A NARRATIVA DE NAEL: UM OLHAR À DERIVA DE SI MESMO

THE NARRATIVE OF NAEL: A LOOK AT THE DERIVA FROM YOURSELF

Marcos Vinícius Medeiros da Silva¹⁰

É a experiência da memória enquanto linguagem que me interessa.

Milton Hatoum

RESUMO: Em *Dois irmãos*, Milton Hatoum retoma o tema do drama familiar e da casa que se desfez. Para isso, se utiliza de um narrador em primeira pessoa que constrói seu relato à moda antiga, como os velhos contadores de histórias da tradição oral. Juntando os cacos do passado, o narrador decide contar a história da família da qual fazia parte, usando sua memória e os relatos de outras pessoas com quem conviveu, quando quase todos estão mortos. Esse narrador caminha em meio às luzes do que viu e às sombras do que não pôde ver, por isso traz consigo uma visão parcial dos fatos, cabendo ao leitor tomar parte da narrativa e a também construir o texto à medida que vai se aprofundando na história. Assim, Hatoum nos apresenta uma narrativa cheia de silêncios e lacunas, que a lógica mesma da narração não consegue preencher, e que só pode chegar a um bom termo com a participação do leitor.

Palavras-chave: Memória. Narrador. Leitor.

ABSTRACT: In *Dois irmãos*, Milton Hatoum takes up the theme of the family drama and the house that has broken up. For this, he uses a first-person narrator who builds his story in the old fashion, like the old storytellers of oral tradition. Putting together the pieces of the past, the narrator decides to tell the story of the family of which he was part of, using his memory and the reports of other people with whom he lived, when almost all are dead. This narrator walks in the midst of the lights of what he has seen and in the shadows of what he could not see, so he brings with him a partial view of the facts, it being incumbent to the reader to take part in the narrative and also to construct the text as it goes deeper into the story. Thus Hatoum presents us with a narrative full of silences and gaps, which the logic of narration itself cannot fulfill, and which can only come to a good conclusion with the participation of the reader.

Keywords: Memory. Narrator. Reader.

¹⁰ Possui doutorado em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ (2013); mestrado em Letras pela Universidade Federal do Ceará - UFC (2009) e graduação em Letras pela Universidade Federal do Ceará - UFC (2004). Atualmente é professor adjunto IV da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. É membro do Grupo de Estudos de Literatura e suas interfaces Críticas (GELINTER). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Portuguesa e Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: discurso e memória. E-mail: profmarcosmedeiros@hotmail.com

A linguagem, na narrativa de Milton Hatoum, está a serviço da memória e a memória é comprometida pela subjetividade daquele que recorda, desse modo, o que se registra sofre a ação de vários agentes físicos, os sentidos, as imagens fotográficas e a natureza, e de agentes metafísicos, tempo, nostalgia, perda, que acabam por comprometer essa recordação, tornando a memória dinâmica, fluida e falível.

À parte disso, temos ainda que observar que, ao rememorar, o sujeito se vê diante de silêncios, de lacunas, de vazios, que são irrecuperáveis, mas que também preenchem e erigem a linguagem narrativa. O fracasso que daí advém está inerentemente ligado ao processo de recordação.

Dois irmãos (2000), segundo romance de Milton Hatoum, narra a história de rivalidade entre dois irmãos gêmeos, Yaqub e Omar, o Caçula, e os laços conflituosos com o pai, a mãe e a irmã. Nesse meio familiar, vivem a empregada da casa, Domingas, e seu filho, Nael, rapaz que cresceu como neto natural do casal de imigrantes, fruto da relação de Domingas com um dos gêmeos. Ele luta e sofre com a memória da infância, passada ao lado da mãe, serviçal na casa dos libaneses. Nael caracteriza-se como observador e narrador dos fatos presenciados que culminam com a destruição da casa familiar.

Em entrevista à *Revista Magma* Hatoum diz que “No *Dois Irmãos*, eu tentei fazer de Manaus um personagem, que dá um sentido mais histórico e mesmo político à narrativa. Muita coisa sobre Manaus realmente existiu ou ainda existe” (BARRETO; MELO, 2003, p. 63). Nesse trecho da entrevista, o autor confirma o uso da memória no decorrer de todo enredo ao dizer que muita coisa existiu ou ainda existe, o que existiu é narrado então, através da memória.

Em outro momento, volta a destacar o fato de haver uma forte relação entre a vivência do escritor, a memória por ele guardada, com o que vai se transformar em matéria ficcional.

Muito do que escrevi é uma tentativa de recriar um pequeno mundo de seres e situações num lugar também inventado, mas com referências fortes à cidade em que nasci e morei muitos anos. Em Manaus estão os prazeres e assombros da infância, e os desatinos da adolescência. A vida portuária, que une a cidade ao interior do Amazonas e do qual ela é inseparável, o rio e a floresta, as histórias que ouvi dos familiares, amigos e conhecidos, as leituras sobre a Amazônia e a experiência de vida em outros lugares do Brasil e do mundo, tudo isso tem contribuído de alguma maneira para a elaboração dos meus textos (HATOUM, 2011, p. 2).

Esse poder da ficção é resultante de experiências concretas advindas do contato com pessoas e situações que cercam o autor, ocasião em que o mundo real é recriado. É o que observa Pouillon quando afirma que essa prática permite às personagens romanescas serem consideradas “vivas”, sujeitas à compreensão psicológica dos leitores (POUILLON, 1974, p. 24).

Em *Dois irmãos*, a princípio, o autor já deixa claro que o enredo vai tratar da trajetória de uma vida de intrigas e disputas de dois irmãos gêmeos, Yaqub, o mais velho, e Omar, o Caçula como vai ser chamado na maioria das vezes na obra.

No centro desse conflito, está Nael, o narrador que nos conduz através dos caminhos tortuosos e imprecisos de sua memória da infância e da adolescência. Ele é um professor, que, aproximadamente, aos trinta e dois anos de idade, num jogo de interditos, juntando os cacos do passado e as ruínas de uma casa destruída, decide contar a história da família da qual era uma espécie de membro flutuante, usando, para isso, sua memória e os relatos de outras pessoas com quem conviveu, quando quase todos estão mortos.

Flávio Carneiro, ao se referir às obras do início do século XXI, destaca que “Parte significativa da produção ficcional da última década resgata o narrador benjaminiano, o velho contador de histórias, cujo relato beira a oralidade e se reveste de uma sabedoria marcada pelas lições da experiência” (CARNEIRO, 2005, p. 306).

Este narrador tem relação direta com o que podemos observar em Nael, de *Dois irmãos*. Ele constrói seu relato baseado nos conhecimentos reunidos ao longo dos anos, na convivência da família libanesa. Perto do fim do romance, ele comenta sobre o momento em que começou a reunir informações para a escrita de uma obra:

Eu tinha começado a reunir, pela primeira vez, os escritos de Antenor Laval, e a anotar minhas conversas com Halim. Passei parte da tarde com as palavras do poeta inédito e a voz do amante de Zana. Ia de um para o outro, e essa alternância – o jogo de lembranças e esquecimentos – me dava prazer (HATOUM, 2000, p. 265).

Ao contar essa história, descobrimos que Nael é filho de um dos gêmeos com a empregada da família, Domingas, o que já deixa clara a posição que ele, inevitavelmente, vai ocupar dentro dessa organização social: a de membro flutuante. Essa oscilação de pertencimento ocorre porque ao mesmo tempo em que Nael podia fazer suas refeições na mesa junto com a família, “frequentar o interior da casa, sentar no sofá cinzento e nas cadeiras de palha da sala” (HATOUM, 2000, p. 82), em nenhum momento ele é chamado por denominações familiares, como sobrinho, filho e neto, por exemplo.

Sua avó, Zana, reforça essa ideia de não pertencimento de Nael ao comentar o pensamento de Halim sobre criar uma órfã em casa, quando decidiram criar Domingas: “vivia dizendo: ‘Deve ser penoso criar o filho dos outros, um filho de ninguém’. Quando tu nasceste, eu perguntei: E agora, nós vamos aturar mais um filho de ninguém? Halim se aborreceu, disse que tu eras alguém, filho da casa...” (HATOUM, 2000, p. 250).

Halim era a pessoa mais sensível à condição de Nael. Sempre procurou deixar clara sua posição sobre o filho de Domingas ser membro da família, neto dele, que queria que carregasse um nome escolhido por ele:

“Quando tu nasceste”, ela disse, “seu Halim me ajudou, não quis me tirar da casa... Me prometeu que ia estudar. Tu eras neto dele, não ia te deixar na rua. Ele foi ao teu batizado, só ele me acompanhou. E ainda me pediu para escolher teu nome. Nael, ele disse, o nome do pai dele. Eu achava um nome estranho, mas ele queria muito, eu deixei...” (HATOUM, 2000, p. 241).

Para Halim, Nael era, sem dúvida, filho de um dos gêmeos, neto dele, portanto, que deveria ter sua dignidade reconhecida, mesmo que isso fosse somente da parte do avô.

Apenas no quarto capítulo, temos as primeiras informações sobre o narrador e sua origem, quando ele anuncia “a minha história também depende dela, Domingas.” (HATOUM, 2000, p. 25), para, em seguida, demonstrar indiretamente que a relação que tinha com aquela família era próxima: “A patroa estranhou, mas consentiu, desde que Domingas não voltasse tarde. Foi a única vez que saí de Manaus com minha mãe” (HATOUM, 2000, p.74).

Essa revelação muda o enfoque que o leitor dá às palavras do narrador, visto que se torna claro que o envolvimento direto e indireto que possui com a história pode comprometer sua narração. De qualquer forma, o próprio narrador esclarece sua relação de proximidade com o que conta:

Isso Domingas me contou. Mas muita coisa do que aconteceu eu mesmo vi, porque enxerguei de fora aquele pequeno mundo. Sim, de fora e às vezes distante. Mas fui o observador desse jogo e presenciei muitas cartadas, até o lance final (HATOUM, 2000, p. 29).

Muito do que Nael nos conta ele vivenciou, mas grande parte da história da família lhe chegou por terceiros, por meio de relatos que ele juntou com os seus. Quando se refere ao fato de enxergar de fora, a distância do meio em que os acontecimentos se desenvolveram, entendemos que o narrador faz referência aos momentos de não pertencimento à família. Essa exterioridade fica marcada na posição espacial e social que ocupa, que destoa da ocupada pela família.

Segundo Stefania Chiarelli:

Hatum retoma em **Dois irmãos** o procedimento de dotar a história de um narrador cuja visão é marcada pela exterioridade, ainda que esteja de dentro da família. Como a narradora do **Relato**, Nael também é uma espécie de filho adotivo: personagem marginal, bastardo, filho da empregada doméstica com um dos patrões. Dessa forma, ambos os narradores constituem um ponto de vista externo/interno, dada a possibilidade de estranharem o ambiente familiar ao mesmo tempo em que são estranhados por ele. É Nael quem resgata toda a história familiar após o desmantelamento do clã (CHIARELLI, 2005, p. 59).

Nael e a mãe viviam no espaço destinado à empregada, um quartinho humilde nos fundos da casa. Era um local que carecia de ventilação e de boa iluminação, o que restringia sua utilização para outras tarefas que não a de dormir. Mesmo que pudesse frequentar a casa de seus patrões e/ou familiares, Nael não usufruía dos confortos que a família oferecia aos seus, afastando-se, nesse ponto, das situações compartilhadas por eles.

Para mudar de condição, ele se esforçava para estudar. Nos momentos em que tinha algum sossego, se concentrava nos estudos, mas esses momentos eram raros, uma vez que era bastante solicitado para toda sorte de tarefas. Ciente de sua

situação de explorado, pensou até em fugir de casa, mas, convencido pela mãe, optou por permanecer no quartinho que lhe cabia.

Então, se a fuga estava descartada, melhor mesmo era se dedicar ao que lhe pudesse dar um futuro, e o único futuro que ele enxergava estava na liberdade que os livros poderiam lhe proporcionar. Apegou-se, desse modo, ao costume de estudar, o que o aproximava mais de Yaqub e o distanciava de Omar, “Zana devia achar estranho me ver sentado no quartinho, lendo e estudando, enquanto o filho mourejava” (HATOUM, 2000, p.207).

Zana estranhava, sobretudo, porque a condição de subalterno não estava em consonância com a atitude do filho da empregada. A agregados, cabiam tão somente todos os serviços domésticos e um espaço no fundo do quintal, como forma de pagamento. O espaço de moradia reservado a eles, portanto, pode ser visto como um favor daquela família, da qual também faziam parte.

A respeito disso, Roberto Schwarz, em estudo sobre a abordagem que Machado de Assis dá à questão social, analisa a importância do favor na relação de trabalho e troca instituída entre o latifundiário, detentor de posses, e os homens livres, na época escravista, uma vez que:

Nem proprietários nem proletários, seu acesso à vida social e a seus bens depende materialmente do favor, indireto ou direto, de um grande. O agregado é a sua caricatura. O favor é, portanto, o mecanismo através do qual se reproduz uma das grandes classes da sociedade, envolvendo também outra, a dos que têm. [...] Assim, com mil formas e nomes, o favor atravessou e afetou no conjunto a existência nacional, ressalvada sempre a relação produtiva de base, essa assegurada pela força (SCHWARZ, 1977, p. 16).

Era essa a situação em que se encontravam Nael e Domingas. Eles retribuíam o favor de receber alimentação e moradia, mesmo que precários, com os diversos serviços que prestavam: enquanto ela cuidava da maioria dos afazeres domésticos, o menino se ocupava dos caprichos e pedidos de Zana. Desse modo, os dois podiam ser considerados agregados, vivendo à margem. Conforme pontuou Roberto Schwarz, eram participantes de uma relação em que esse tipo de benefício desempenhava papel fundamental na sociedade, visto que “o favor, ponto por ponto, pratica a dependência da pessoa, a universalidade da lei, a cultura desinteressada, remuneração e serviços pessoais.” (SCHWARZ, 1977, p.16).

Nael também se via à margem em muitas ocasiões em que não participava do que se passava na casa, ficava à mercê das suas fontes de informação. Como sabemos, ele conta fatos que presenciou, mas, sobretudo, conta o que não presenciou, tendo, portanto, que obter essas informações de algum modo. Para isso, se vale do relato dos outros, e das oportunidades de escutar atrás da porta, que sua situação de filho da empregada lhe propiciava, o que, convenhamos, nem sempre era uma forma segura de informação: “Eu estava alheio ao que vinha acontecendo nas últimas semanas, não conseguia escutar os cochichos entre Zana e Rânia, nem decifrar os gestos e olhares que trocavam, mas escutei o nome de Yaqub e do hotel em que ele estava” (HATOUM, 2000, p. 230).

Por participar ativamente da história e ser, desse modo, personagem dela, Nael apresenta-se como um narrador em primeira pessoa. Os fatos que narra, como vimos, dependem de relatos de outros, e, a partir dos relatos, de interpretações próprias

acerca do que soube, o que nos faz compreender de que forma ele chega a conclusões sobre o passado posto a limpo.

A partir da classificação da personagem proposta por Norman Friedman, percebemos que Nael se encaixa no chamado narrador “eu” como testemunha, uma vez que se trata de um:

personagem em seu próprio direito *dentro* da estória, mais ou menos envolvido na ação, mais ou menos familiarizado com os personagens principais, que fala ao leitor na primeira pessoa. [...] À sua disposição o leitor possui apenas os pensamentos, sentimentos e percepções do narrador-testemunha; e, portanto, vê a estória daquele ponto que poderíamos chamar de periferia nômade (FRIEDMAN, 2002, p.175-176).

O ponto de vista de Nael sobre a história que narra não é pleno, pois o que ele sabe é restrito pela visão parcial dos fatos e pela interpretação que dá deles. Em virtude disso, também o leitor se encontra em posição desfavorável quanto ao que realmente aconteceu, visto que é totalmente dependente do relato do narrador.

Segundo Anatol Rosenfeld, há uma especificidade que decorre da visão de narradores que assumem o papel de narrar algo com o qual estão intimamente ligados:

A enfocação microscópica aplicada à vida psíquica teve efeitos semelhantes à visão de um inseto debaixo da lente do microscópio. Não o reconhecemos mais como tal, pois, eliminada a distância, focalizamos apenas uma parcela dele, imensamente ampliada. [...] Devido à focalização ampliada de certos mecanismos psíquicos perde-se a noção de personalidade total e do seu “caráter” que já não pode ser elaborado de modo plástico, ao longo de um enredo em sequência causal, através de um tempo de cronologia coerente. Há, portanto, plena interdependência entre a dissolução da cronologia, da motivação causal, do enredo e da personalidade (ROSENFELD, 1973, p. 85).

O narrador de *Dois irmãos* está dentro da história e, ao destacar características psicológicas das personagens que narra, o faz de acordo com o que simbolizavam para ele, ou melhor, com o tratamento que esses personagens lhe dispensavam. Assim, ele revela ao leitor importantes marcas características das personagens que, a um primeiro olhar, vão direcionar, em grande medida, a visão que teremos deles ao longo da história, quase impossibilitando o leitor, através da limitação de informações, de fazer outros julgamentos acerca do caráter de cada personagem.

Ainda de acordo com Rosenfeld, o tempo é fator importante a se considerar, no momento em que nos deparamos com um relato ao qual estamos submetidos.

A irrupção, no momento atual, do passado remoto e das imagens obsessivas do futuro não pode ser apenas afirmada como num tratado de psicologia. Ela tem de processar-se no próprio contexto narrativo em cuja estrutura os níveis temporais passam a confundir-se sem demarcação nítida entre passado, presente e futuro. Desta forma, o

leitor – que não teme esse esforço – tem de participar da própria experiência da personagem (ROSENFELD, 1973, p. 83).

O modo como Nael narra os fatos obriga-nos a arrumá-los em uma cronologia que nos traga alguma lógica temporal, uma vez que o narrador expõe os fatos de acordo com a percepção que a memória oferece. Isso confirma a posição de Rosenfeld que exorta o leitor a participar da história.

Nael, como o Brás Cubas machadiano, inicia o primeiro capítulo pelo final do seu relato, entregando a responsabilidade ao leitor de acompanhar a narrativa até conseguir atar as duas pontas da história, tarefa que, ao segui-lo, nós, leitores, contamos com sua colaboração.

Em seguida, Nael descreve o retorno de Yaqub do Líbano, sem logo apresentar detalhes porque isso aconteceu. Como a vazante de um rio, o narrador tem seus momentos de fluxo e refluxo, desse modo, vai e vem em seu relato, conta um fato aqui, outro ali e volta, quase sempre, para completar o que havia começado.

Fiquei observando Yaqub. [...] Lembrei da última vez que o tinha visto em casa, dos nossos passeios, e senti medo da distância, do longo tempo que havia passado sem vê-lo: o tempo que faz uma pessoa se tornar humilde, cínica ou cética. Pensei que ele fosse se tornar mais arrogante, dono de muitas verdades e certezas, se não de todas. Lembrei-me das palavras de minha mãe: “Logo que ele chegou do Líbano, vinha conversar comigo. Só ele entrava no meu quarto, só ele dizia que queria ouvir minha história... Ele só era calado com os outros” (HATOUM, 2000, p. 195).

Um detalhe narrado no início da história, a volta de Yaqub do Líbano, é retomado muito depois para abrir uma nova reflexão, um novo pensamento. Assim segue toda a narrativa de *Dois irmãos*, sem nunca parar seu fluxo, perene como um rio que não interrompe seu percurso.

Como vimos, há idas e voltas de situações que vão ocorrer ao longo da narrativa. Segundo Ligia Chiappini, historiadores utilizam marcas organizacionais de enunciação, como “os *flash-back* ou a narrativa em ziguezague, que retrocede ao passado de cada personagem histórica que aparece (e ao dos seus antepassados), para explicar sua vida até o presente do relato, como faz, por exemplo, Heródoto” (CHIAPPINI, 2007, p.80).

Em *Dois irmãos*, essa situação, segundo observamos, conserva-se durante todo o percurso narrativo, o que pode criar problemas de entendimento para o leitor. De acordo com Rosenfeld:

A dificuldade que boa parte do público encontra em adaptar-se a este tipo de pintura ou romance decorre da circunstância de a arte moderna negar o compromisso com este mundo empírico das “aparências”, isto é, com o mundo temporal e espacial posto como real e absoluto pelo realismo tradicional e pelo senso comum (ROSENFELD, 1973, p. 81).

Desse modo, o leitor se vê diante de um mundo do qual ele deve participar, e, para isso, tem que usar toda a sua habilidade de intérprete para compreendê-lo. Não

há mais como se contentar com explicações superficiais sobre o que está posto diante dos olhos de todos.

De acordo com Silva, o leitor de Hatoum é levado a agir “com cuidadoso critério, tentando reunir os motivos que movem os conflitos entre Omar e Yaqub” (SILVA, 2017, p. 134). O ouvinte criterioso é semelhante ao leitor modelo de Machado de Assis, aquele deseja mais do texto, que não se satisfaz com o óbvio. É natural então que esse ouvinte desconfie de Nael como narrador. É necessário que se analise, com a devida atenção, o relato de alguém que se baseia nas falas de outras personagens e as interpreta, e que tem na memória seu aliado mais forte. Isso não é seguro porque “a memória inventa, mesmo quando quer ser fiel ao passado” (HATOUM, 2000, p. 90).

Susana Scramin explica que “diante da perda e da falta de saídas seguras, o leitor é convocado a preencher as lacunas, criando assim uma espécie de romance no qual a figura do leitor-produtor torna-se um personagem suplementar” (SCRAMIN, 2000, p.11). A figura desse leitor-produtor é, muitas vezes, demandada, porque há situações em que surgem dúvidas do próprio narrador a respeito do que ele mesmo nos conta, sobretudo no que diz respeito à dúvida sobre sua origem paterna.

Pressenti que não veria mais Yaqub. Perguntei à minha mãe o que eles conversaram quando ele entrou no quarto dela. O que havia entre os dois? Tive coragem de lhe perguntar se Yaqub era meu pai. Eu não suportava o Caçula, tudo o que via e sentia, tudo o que Halim havia me contado bastava para me fazer detestar o Omar (HATOUM, 2000, p. 202).

Essa dúvida se arrasta pela narrativa e nos leva, como detetives, a tentar encontrar a resposta para ela a partir das pistas que o texto nos dá e das informações que vão aparecendo a cada momento em que o narrador toca no assunto, e se lembra de algo novo.

Outra situação que fica claramente subordinada à participação do leitor diz respeito à relação entre os gêmeos e a irmã Rânia, mas, neste caso, o leitor é convocado a, por assim dizer, fazer seu próprio julgamento a respeito das relações afetivas entre alguns membros da família libanesa. Nael, alguns momentos, nota haver uma intimidade além do que se poderia supor entre Rânia e os irmãos.

Nos quatro dias de visita ela se empeteceu como nunca, e parecia que toda a sua sensualidade, represada por tanto tempo, jorrava de uma só vez sobre o irmão visitante. Rânia, não a mãe, ganhou os melhores presentes dele: um colar de pérolas e um bracelete de prata, que ela nunca usou na nossa frente.

Ainda chovia muito quando a vi subir a escada, de mãos dadas com Yaqub; entraram no quarto dela, alguém fechou a porta e nesse momento minha imaginação correu solta. Só desceram para comer (HATOUM, 2000, p. 117).

Em outros momentos, percebe também uma excessiva intimidade entre Omar e Rânia: “Omar reaparecia, de carne e osso, sorrindo cinicamente para a irmã. Sorria, fazia-lhe cócegas nos quadris, nas nádegas, uma das mãos tateava-lhe o vão das pernas. Rânia suave, se eriçava e se afastava do irmão” (HATOUM, 2000, p. 93-94).

Stefania Chiarelli observa que, em *Relato de um certo Oriente* e, sobretudo, em *Dois irmãos*, os laços afetivos das famílias libanesas descritas por Hatoum se estabelecem dentro do próprio clã:

A impossibilidade de estabelecer vínculos amorosos com indivíduos não marcados por laços de parentesco é ainda mais marcante em **Dois irmãos**, em que comparecem personagens fadados a uma vida afetiva continuamente sufocada pela intervenção de familiares. O clima incestuoso está presente de forma ostensiva na relação da matriarca Zana com o filho Omar, assim como na filha Rânia e a paixão pelos irmãos gêmeos (CHIARELLI, 2005, p. 53).

O grau de intimidade entre as personagens, que chega a beirar o incesto, gera, muitas vezes, um certo incômodo, uma vez que, para a maioria das culturas, esse tipo de relação é um tabu.

O leitor, instigado pela questão apresentada, é obrigado a avaliar a situação e tirar suas próprias conclusões. Nael não nos entrega a história sem que haja de nossa parte algum esforço em tentar compreendê-la. O papel do leitor não se restringe, desse modo, a observar os fatos de um lugar seguro, sem maiores implicações com o que ouve, lê e vê. De acordo com Umberto Eco:

Qualquer narrativa de ficção é necessária e fatalmente rápida porque, ao construir um mundo que inclui uma multiplicidade de acontecimentos e de personagens, não pode dizer tudo sobre esse mundo. Alude a ele e pede ao leitor que preencha toda uma série de lacunas. Afinal (como já escrevi), todo texto é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor que faça parte de seu trabalho (ECO, 1994, p. 9).

A narrativa de *Dois irmãos* coloca o leitor na condição de coautor laborioso. Hatoum propõe em seus textos a participação ativa do leitor, que, de figura muitas vezes passiva, se vê constantemente impelido a tomar parte da história que lê, e a também construir o texto à medida que vai se aprofundando na história.

Nael é essa máquina, não diria preguiçosa, pois que seu texto é um “parto” escritural; mas que nos apresenta uma narrativa cheia de silêncios e lacunas, que a lógica mesma da narração não consegue preencher, e que só pode chegar a um bom termo com a arguta participação do leitor.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Ricardo; MELO, Jefferson. Treze perguntas para Milton Hatoum.

Revista Magma. São Paulo, Edusp, n. 8, p. 63, dez. 2003.

CARNEIRO, Flávio. **No país do presente**: ficção brasileira no início do século XXI.

Rio de Janeiro: Roco, 2005, p. 306.

CHIAPPINI, Ligia. **O foco narrativo**. São Paulo: Ática, 2007, p.80.

CHIARELLI, Stefania. **Vidas em trânsito**: as ficções de Samuel Rawet e Milton Hatoum. 2005. 157 f. Tese (doutorado) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005, p. 59.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das letras, 1994, p. 9.

FRIEDMAN, Norman. (2002). **O ponto de vista na ficção**: o desenvolvimento de um conceito crítico. Revista USP, n. 53, p. 166-182, mar/mai. 2002. Disponível em: < <http://www.usp.br/revistausp/53/15/norman-2.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2013.

HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Por que escrevo**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2011, p. 2.

POUILLON, Jean. **O tempo do romance**. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1974, p. 24.

ROSENFELD, A. **Texto/Contexto**: ensaios. São Paulo: Perspectiva; Brasília, INL, 1973, p. 85.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades, 1977, p. 16.

SCRAMIN, Susana. **O território da identidade**. *Cult*- Revista Brasileira de Literatura, São Paulo, n. 36, p.11, jul. 2000.

SILVA, Marcos Vinicius Medeiros da. **Mitos, memória e infância em Dois irmãos e Órfãos do Eldorado, de Milton Hatoum**. Curitiba: CRV, 2017, p. 134.

ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA: ALGUNS CONCEITOS FUNDAMENTAIS

Iara Fernanda Marinho¹¹

RESUMO: A Análise do Discurso de base francesa surgiu por volta dos anos 1960 e os estudos desta área foram e são necessários para a compreensão dos discursos que circulam na nossa sociedade. Neste artigo, trazemos alguns conceitos fundamentais desse campo de estudos, para tanto, utilizamos uma abordagem baseada nos pressupostos teóricos de autores como Foucault (2008, 2010), Orlandi (1999) e Gregolin (1995). O objetivo do artigo é deixar mais claro e de mais fácil acesso alguns conceitos que servem de base para a compreensão dessa teoria. Diante disso, trabalhamos aqui com conceitos essenciais, como Discurso, Formação Discursiva, Sujeito, Ideologia, Enunciado, Interdiscurso, Acontecimento e Arquivo. Percebemos então que os conceitos, em sua maioria, funcionam de forma interligada, sendo necessário o conhecimento de cada um deles para que seja possível discutir os demais, sendo apresentados separadamente apenas com a finalidade de uma melhor organização.

Palavras-chave: Análise do discurso. Conceitos. Introdução à Análise do Discurso.

ABSTRACT: French Discourse analysis started in the 1960's and the studies in this area were and are still necessary to the comprehension of the discourses in which we are surrounded. In this paper we bring some concepts that are essential in these studies, to do so we bring authors such as Foucault (2008, 2010), Orlandi (1999) and Gregolin (1995). The aim is to facilitate the comprehension of these concepts that are the base to the theory. Therefore, we work here with essential concepts, such as Discourse, Discursive Formation, Subject, Ideology, Statement, Interdiscourse, Event and Archive. With that, we realize that most of the concepts work in an interconnected way, so it's necessary to know each one of them to discuss the others, and to understand the theory, being presented separately just for organization purposes.

Keywords: Discourse analysis. Concepts. Introduction to Discourse analysis.

1 INTRODUÇÃO

A análise do discurso (AD) surgiu nos anos 60, na França, e como o nome deixa claro, o seu objeto de estudo é o discurso. Durante esse período, o cenário da política francesa estava em efervescência, as disciplinas teóricas, como o estruturalismo e o gerativismo, estavam desestabilizadas e como resultado desse período conturbado surge a Análise do Discurso Francesa, quando o filósofo Michel Pêcheux, influenciado pelos estudos de Althusser, pensa em uma teoria de análise do discurso. A AD promoveu uma quebra no que vinha sendo proposto naquela

¹¹ Mestre (2019) pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPCL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Graduada em Letras - Língua Inglesa (2016) pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: iaramarinho@yahoo.com.br

época, tanto política como linguisticamente. O que se tinha até aquele momento eram os estudos estruturalistas e a gramática gerativa, que não levavam em conta a exterioridade do texto e nem o sujeito que enunciava. Esses estudos eram focados apenas na frase, naquilo que estava posto. (ORLANDI, 1999)

O interesse por uma compreensão que leva em consideração fatores extralinguísticos e não só aquilo que está posto, tem crescido nos últimos anos, conseqüentemente, a Análise do Discurso passa a ser também uma área de interesse, não só da Linguística, mas de outros campos que estudam o discurso, como a Comunicação, a mero modo de exemplificação. O fato é que os discursos passam a ser fonte de interesse por parte dos estudiosos, o que faz com que sua conceituação passe por dificuldades, sendo confundido muitas vezes com a oratória. No texto, a análise é voltada para o lexical e o sintático, estes não são o principal foco da AD, mas de outros estudos que têm na estrutura seu objeto de análise.

A análise do discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim a palavra em movimento, prática de linguagem: como estudo do discurso observa-se o homem falando (ORLANDI, 1999, p. 15).

Inicialmente, o discurso político era a maior preocupação dos analistas, apesar de não ser seu único objeto. Outro fato que gerou certo tipo de 'obsessão discursiva' (COURTINE, 2006), foi a revolta estudantil que aconteceu em maio de 1968, a primeira a ser midiaticizada, o que acabou dando mais destaque e gerando mais interesse por parte dos analistas.

Precisamos entender que, em AD, o discurso é exterior ao texto, mas é neste que ele se materializa. É no texto que estão concentrados os aspectos linguísticos, já no discurso é onde acontece a construção de sentido entre os interlocutores, o que existe é uma relação entre a língua e sua exterioridade, onde o social e o histórico se fazem presentes. Sobre isso, Gregolin (1995, p. 20) afirma que

empreender a análise do discurso significa tentar entender e explicar como se constrói o sentido de um texto e como esse texto se articula com a história e a sociedade que o produziu. O discurso é um objeto, ao mesmo tempo, linguístico e histórico; entendê-lo requer a análise desses dois elementos simultaneamente.

Para o desenvolvimento da Análise do Discurso Francesa, foram e ainda são de suma importância também os subsídios de outras áreas, que servem de base para este campo de estudo, como o Marxismo, a Psicanálise e a já mencionada Linguística, alicerce este que ficou conhecido como 'a tríplice aliança' (PÉCHEUX, 1998). Essa interdisciplinaridade que dá origem à AD serviu também para que não só a linguagem fosse alvo de reflexões, mas abriu portas para a melhor compreensão da noção de discurso, que surge a partir daí. As referências fundadoras da análise do discurso, segundo Gregolin (2003), se dividem em três pilares, sendo o primeiro: Louis Althusser; o segundo: Michel Foucault; e o terceiro: Mikhail Bakhtin.

Resumidamente, podemos dizer que esse campo de estudo, a AD, busca entender como e em que condições um determinado texto foi produzido, por qual sujeito, com qual intenção e em qual contexto ele vai fazer sentido. É através do discurso que o sujeito se constrói e se reconstrói constantemente, tendo o seu entorno transformado pela linguagem e a linguagem se modificando por influência dos fatores externos, em um movimento circular em que o linguístico e o histórico são dependentes um do outro.

No tópico a seguir, trabalhamos com a explicação dos principais conceitos da Análise do Discurso, como Discurso, Formação Discursiva, Sujeito, Ideologia, Enunciado, Interdiscurso, Acontecimento e Arquivo.

2 CONCEITOS FUNDAMENTAIS

2.1 Discurso

Primeiramente, trabalharemos o conceito de discurso, já que este dá nome a este campo teórico. Como já foi mencionado anteriormente, o objeto de estudo da Análise do Discurso é o próprio discurso, que faz parte das formações discursivas, conceito que trabalhamos mais a frente. A este respeito, Maingueneau (1997, p. 14) diz que “os objetos que interessam à AD, conseqüentemente, correspondem, de forma bastante satisfatória, ao que se chama, com frequência, de *formações discursivas*” (grifo do autor). A colocação do autor se dá pois os discursos de interesse dessa área não são aleatórios, como uma conversa de bar, exemplo do próprio autor, pois esses têm uma carga ideológica.

A AD vai se debruçar em objetos que “manifestam, de forma mais ou menos oblíqua, as preocupações que atravessam esta ou aquela coletividade em uma conjuntura dada” (MAINGUENEAU, 1997, p. 17). Como já mencionamos, nesse tipo de pesquisa busca-se estudar o sentido da língua em determinadas situações, a linguagem em seu uso real. O fato é que não existe concepção ou teoria única, mas é comum que por discurso se tenha a compreensão de “um suporte abstrato que sustenta os vários TEXTOS (concretos) que circulam em uma sociedade” (GREGOLIN, 1995, p. 17). É no discurso que estão concentrados os aspectos extralinguísticos. Em outra definição para esse termo, Foucault aponta que

chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; (...) é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência. (FOUCAULT, 2008, p.132-133)

Portanto, o discurso, na visão de Foucault, não é apenas aquilo que está posto, não é a ordenação das palavras, não é o que se materializa no papel, mas é o que se constrói também pelo contexto histórico-social, pelos modos de pensar, ou resumindo, por fatores extralinguísticos. Nesse campo teórico, os fatores extralinguísticos são tão importantes para a construção do sentido, quanto os fatores linguísticos.

Para a AD, os discursos são construções que refletem a visão de mundo tanto daqueles que enunciam quanto da sociedade da qual esses sujeitos fazem parte.

Nesse sentido, pode-se dizer que os discursos são construções sociais. Podemos citar alguns exemplos comuns no dia a dia, como os discursos machistas, os discursos políticos de direita ou de esquerda, o discurso racista, entre outros, que revelam o modo de pensar daqueles sujeitos que, consciente ou inconscientemente, revelam através do seu discurso a sua posição sujeito.

É assim que Foucault (2008, p. 30) procura entender e encontrar explicações para o seguinte questionamento: “(...) como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?”. É através da análise do discurso emitido pelo sujeito que poderá se perceber quais as finalidades daquele sujeito e o que ele quis dizer em seu enunciado. O fato é que o dizer do indivíduo e o sentido que ele dá para as palavras, certamente estão ligados à Formação Discursiva da qual ele faz parte. Por isso, trataremos sobre esse conceito a seguir.

2.2 Formação Discursiva

Como já comentamos, as palavras podem adquirir sentidos diferentes dependendo de por quem elas tenham sido utilizadas, isto é, a formação discursiva (FD) que sujeito que enuncia faz parte se materializa em seu discurso. Para Foucault (2008, p. 43),

no caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva*.

Isso acontece pelo motivo de que os discursos, ao se constituírem como parte de uma formação discursiva, deve ter algo em comum entre eles. Dito de outra forma, é necessário que exista certa semelhança, mesmo que para distanciar ou mostrar diferenças entre os objetos, seja preciso também considerar a heterogeneidade dos enunciados.

Para Orlandi (1999), é a formação discursiva que nos permite compreender o processo de produção de sentido. As FDs se relacionam com o sentido, pois é na formação discursiva de cada sujeito que as palavras vão ter significação. O lugar onde os sujeitos se encontram também vai definir o sentido dos enunciados. Como sabemos, o sentido de uma palavra vai além do seu significado, é preciso entender o contexto no qual ela se encontra e por qual sujeito (ideológico) foi utilizada.

Quando um sujeito enuncia algo, o fato dele estar inscrito em uma determinada formação discursiva e não em outra, faz com que aquilo que foi enunciado tenha um determinado sentido e não outro qualquer. Por essa razão, Foucault (2008, p. 132) afirma que “um enunciado pertence a uma formação discursiva, como uma frase pertence a um texto, e uma proposição a um conjunto dedutivo”. Aquele enunciado específico, proferido pelo sujeito, é atravessado pela ideologia. Portanto, o que determina os sentidos são as formações discursivas que “representam no discurso as formações ideológicas” (FOUCAULT, 2008, p. 132), podendo se afirmar que não existem discursos neutros. Esse ‘peso’ de sentido não está nas palavras, já que elas

não são preestabelecidas, e sim na forma como a ideologia se materializa nos discursos.

Uma FD se relaciona com outras FDs, por esse motivo, elas não são fechadas, como eram as máquinas discursivas durante a primeira fase da Análise do Discurso. Essa abertura fez com que a AD expandisse suas análises a partir da segunda fase.

2.3 Sujeito

Outro conceito fundamental para a AD é o de sujeito que, aqui, se diferencia do indivíduo, mas que por serem popularmente tidos como sinônimos, podem ser confundidos, por isso, a importância dessa diferenciação. Neste campo teórico,

o sujeito de linguagem é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundava em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia (ORLANDI, 1999, p. 20).

É por esse motivo que se diz que o sujeito não é dono do seu dizer, isso porque o dizer do sujeito é produzido ideologicamente. Em outras palavras, o sujeito é interpelado pela ideologia e esta mascara seu efeito sobre o sentido. Além disso, não se pode falar em UM sentido do discurso, mas sim nos sentidos, na heterogeneidade de sentidos que dialogam com os demais discursos que estão em circulação na coletividade.

Na visão da Análise do Discurso, o sujeito é inacabado, está sempre se reconstruindo e é também sujeito heterogêneo, isso porque o discurso está sendo atravessado por outras vozes é considerado um ser social, que se constrói nas interações sociais. Ele é um sujeito dividido, pois é ao mesmo tempo particularizado e coletivo. Quando nos referimos ao sujeito falante, estamos falando de um sujeito individualizado, que utiliza a língua de acordo com seu contexto sociocultural. Já ao falarmos sobre o sujeito falando, estamos considerando que esse sujeito é coletivo e que fala a partir de um conjunto de vozes sociais.

O conceito de sujeito e de formação discursiva tornam-se de extrema relevância em nossa pesquisa, pois, ao trabalhar com a análise do discurso, precisamos compreender quem é o sujeito que enuncia, de qual formação discursiva ele faz parte, quais condições de produção geraram tais discursos. Enfim, precisamos estudar qual o lugar desse sujeito, qual a sua ideologia e o que faz com que ele profira tais discursos.

2.4 Ideologia

Atualmente, ao falar sobre ideologia, é comum que se atribua um sentido negativo ao termo. Isto porque, ao longo dos anos, o modo de se entender essa expressão passou por várias transformações, sendo em algumas épocas, utilizada de modo pejorativo. Mas foi com os estudos de Marx que a ideologia passou a ser objeto de estudo e reflexão.

Antes de trazer a visão de Foucault (1978) e como a Análise do Discurso faz uso desse termo, falaremos brevemente sobre como ele é tratado na visão Marxista.

Para essa vertente de estudos, a ideologia está relacionada às classes sociais, fazendo com que os sujeitos se submetam a situações de exploração, sem perceberem seu protagonismo.

Foucault (1978) então se coloca contra essa visão Marxista sobre a ideologia, pois, para ele a ideologia não se define como algo que vai contra o poder, até porque ele não enxerga o poder como algo repressivo ou como algo que está na mão de uma classe social, na visão do autor o poder é considerado algo produtivo.

A ideologia aparece muito mais relacionada com a noção de verdade, pois, para Foucault (2010), os regimes de verdade excluem outros saberes, fazendo com que uma vontade de verdade seja dominante em determinadas épocas. Além disso, essa noção de verdade vai identificar os discursos não como verdadeiros ou falsos, mas como verdadeiro em um nível político.

Para Orlandi (1999), não existe discurso sem sujeito, assim como não existe sujeito sem ideologia. É por meio do discurso que conseguimos identificar as ideologias das quais os sujeitos fazem parte, pois os sujeitos que fazem parte de um determinado 'grupo' acabam produzindo discursos semelhantes, como exemplo, podemos citar o discurso político de sujeitos que seguem as ideias de direita ou de esquerda, de sujeitos religiosos que seguem uma religião e não outra, estes são os chamados 'aparelhos ideológicos' (ALTHUSSER, 1980). As ideologias buscam atuar em determinadas conjunturas, seja para manter ou modificar, e ainda justificam e explicam estilos de vida. São nesses discursos que a ideologia se materializa, pois,

a "ideologia" é um conjunto de representações dominantes em uma determinada classe dentro da sociedade. Como existem várias classes, várias ideologias estão permanentemente em confronto na sociedade. A ideologia é, pois, a visão de mundo de determinada classe, a maneira como ela representa a ordem social (GREGOLIN, 1995, p.17).

Então, o discurso passa a ter sentido para o sujeito que identifica o que foi dito como algo que faz parte de certa formação discursiva. Quando essa assimilação não é estabelecida, pode acontecer de o texto perder o sentido, gerando a não identificação do leitor/receptor com o discurso.

2.5 Enunciado

Ao falar sobre as práticas discursivas, na *Arqueologia do Saber*, Foucault (2008) traz como peça importante os conceitos de acontecimento e enunciado, que atuam também como categorias de análise dos discursos. Ao trabalhar o conceito de enunciado, diferentemente dos outros conceitos já estudados, vamos começar elencando o que ele NÃO é.

Para Foucault (2008), o enunciado não é uma proposição, não é uma frase e também não é um ato de fala, mas é o que dá possibilidade dessas três unidades existirem. Utilizando os exemplos do autor, ele defende que alguns enunciados não são frases, e cita o caso de uma série de palavras, em uma gramática latina, que não podem ser consideradas uma frase, mas sim um enunciado das flexões pessoais de um verbo; o autor diz ainda que uma prece, por exemplo, assim como tantos outros atos de fala, se constitui de mais de um ato e também de vários enunciados.

Então, conclui-se que o caráter do enunciado não tem uma forma fixa, ele pode variar e suas definições são múltiplas, por isso

encontramos enunciados sem estrutura proposicional legítima; encontramos enunciados onde não se pode reconhecer nenhuma frase; encontramos mais enunciados do que os *speech acts* que podemos isolar, como se o enunciado fosse mais tênue, menos carregado de determinações, menos fortemente estruturado, mais onipresente, também, que todas essas figuras (FOUCAULT, 2008, p. 95).

O que devemos manter em mente é que o enunciado tem uma função de existência. É ele quem possibilita a existência dessas outras categorias/unidades citadas anteriormente. Além disso, os enunciados dependem uns dos outros, pois “não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências, efeitos de série e de sucessão, uma distribuição de funções e de papéis” (FOUCAULT, 2008, p. 112). Isso significa dizer que os enunciados se apoiam e se completam uns nos outros, e a essa interação entre os enunciados, mesmo que não proposital, podemos chamar de interdiscurso, conceito que trataremos no tópico a seguir.

2.6 Interdiscurso

Como já foi mencionado, o conceito de interdiscurso é de suma importância para a Análise do Discurso e gera grandes reflexões, pois

o interdiscurso é todo conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. E isto é efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se apague na memória para que, passando para o “anonimato”, possa fazer sentido em “minhas” palavras (ORLANDI, 1999, p. 33-34).

Isso pelo motivo de que os discursos já estão circulando no mundo desde quando nascemos, então, nós não somos os primeiros, nem os últimos que iremos enunciar esses discursos, os quais já se encontram presentes na sociedade. Pode-se dizer que não existe um discurso primeiro, o que dizemos está estreitamente relacionado e ligado ao que já foi dito em um momento anterior.

Um conceito que tem contribuição significativa quando se fala em interdiscurso, é o conceito de esquecimento, porém, não iremos detalhá-lo aqui, mas precisamos mencioná-lo agora para a melhor compreensão do interdiscurso. Sua importância se dá pelo fato de que é o esquecimento quem distingue o interdiscurso do intertexto. O interdiscurso está muito mais relacionado com a memória discursiva, afetado pelo esquecimento e o intertexto voltado para a relação dos textos entre si (ORLANDI, 1999).

Tanto o sujeito que enuncia como seu receptor buscam no interdiscurso uma sustentação para aquilo que está sendo mencionado, é a partir do interdiscurso que o presente tem base, já que “(...) só uma parte do dizível é acessível ao sujeito, pois, mesmo o que ele não diz, (e que muitas vezes ele desconhece) significa em suas palavras” (ORLANDI, 1999, p. 34).

Para a autora, o interdiscurso pode ser chamado também de memória discursiva. O interdiscurso é a influência do já-dito, naquilo que se diz agora, isso significa dizer que o interdiscurso faz parte de todos os discursos. Conscientemente ou não, aparece no discurso atual, pois já está na memória do sujeito, da mesma forma que o não-dito também o compõe.

2.7 Acontecimento

Um dos conceitos que Foucault (2008) trabalha com profundidade na *Arqueologia do Saber* é o de acontecimento. O acontecimento não é o fato em si, mas sim quando um fato toma proporções gigantescas, passando a ter diversos efeitos de sentido. É também atravessado por interpretações, leva em conta as repetições e reatualizações e, a partir disso, acaba por se tornar um acontecimento, pois fica gravado na memória coletiva, podendo ser mencionado e lembrado por um povo.

Pêcheux (1998) diz que um acontecimento é o ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória, então podemos dizer que o acontecimento é algo relevante e se expressa na atualidade por meio de enunciados que retomam algo passado. Na visão de Foucault, todo acontecimento é único, o que não significa que seja fechado em si, ao contrário,

está aberto à repetição, à transformação, à reativação; finalmente, porque está ligado não apenas a situações que o provocam, e a consequências por ele ocasionadas, mas, ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem (FOUCAULT, 2008, p.32).

O acontecimento, por exemplo, pode ser assunto em livros de história, mas para que um fato seja considerado um acontecimento histórico, alguns critérios são necessários, por exemplo, a análise e seleção de um historiador. Por isso nem todo acontecimento é histórico, mas pode vir a se tornar, já outros acontecimentos que não se tornam históricos, acabam se perdendo, sendo esquecidos com o passar do tempo.

Vale ser ressaltado que, os acontecimentos que caem na rede do esquecimento dependem também da interpretação do historiador, já que é ele quem seleciona o que será considerado acontecimento histórico. Quando falamos sobre esse tipo de acontecimento, devemos estar atentos em compreendê-lo como um fato histórico, que depende de interpretações, e não simplesmente como um evento. Acontecimento histórico, acontecimento discursivo e acontecimento linguístico são conceitos que se entrelaçam na Análise do Discurso (FOUCAULT, 2008). Para o autor,

o campo dos acontecimentos discursivos [...] é o conjunto sempre finito e efetivamente limitado das únicas sequências linguísticas que

tenham sido formuladas: elas bem podem ser inumeráveis e podem, por sua massa, ultrapassar toda capacidade de registro, de memória, ou de leitura: elas constituem, entretanto, um conjunto finito (FOUCAULT, 2008, p. 30).

Um acontecimento histórico pode dar origem aos acontecimentos discursivos, e estes são, por vezes, uma consequência do acontecimento histórico. Os acontecimentos discursivos surgem quando certo enunciado passa a ser usado com sentidos diferentes daquele que ele teve inicialmente, podendo se dizer que houve um deslocamento ou uma resignificação do seu sentido, quebrando uma estabilidade que já existia. O que os acontecimentos possuem em comum é que em todos eles existe produção de sentido e transformação de sentidos já existentes. Podemos, então, concluir que todo dizer atual se entrelaça com um já-dito e,

por mais banal que seja, por menos importante que o imaginemos em suas consequências, por mais facilmente esquecido que possa ser após sua aparição, por menos entendido ou mal decifrado que o suponhamos, **um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente** (FOUCAULT, 2008, p. 31, grifo nosso).

Para o autor citado, o acontecimento passa a existir quando alguém enuncia algo em determinado momento e lugar, pois, para que essa enunciação seja possível existem condições de produção que precisam ser seguidas. Dessa forma, percebemos o discurso como acontecimento e esse enunciado, depois que é proferido, não se apaga permanentemente, pois passa a fazer parte de uma memória coletiva.

2.8 Arquivo

Para a Análise do Discurso, o conceito de arquivo está relacionado à memória, não no sentido da memória dos sujeitos individualizados, mas à memória em seu sentido amplo. Para esse campo dos estudos, “o arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares” (FOUCAULT, 2008, p. 147). Quando falamos sobre arquivo, o que compreendemos, no senso comum, é que está relacionado a um determinado conjunto de documentos, mas, para Foucault (2008), o arquivo não é uma soma de textos. Para este mesmo autor, o arquivo é o sistema geral da formação e da transformação dos enunciados. O teórico nos diz ainda que o arquivo não é descritível em sua totalidade.

Para entendermos melhor o conceito de arquivo, Foucault (2008, p.146) nos diz que

temos na densidade das práticas discursivas sistemas que instauram os enunciados como acontecimentos (tendo suas condições e seu domínio de aparecimento) e coisas (compreendendo sua possibilidade e seu campo de utilização). São todos esses sistemas de enunciados (acontecimentos de um lado, coisas de outro) que proponho chamar de *arquivo*.

Ao falar sobre arquivo, é comum que se tenha em mente a ideia de arquivos digitais, materiais arquivados, entre outras noções que são conhecidas popularmente, mas para o analista do discurso, ao falar sobre arquivo estamos nos referindo a algo mais ligado a algo documental, que tem uma certa ordem.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como sabemos, é de interesse da AD compreender em qual condição de produção um discurso foi gerado e quais sentidos ele pode ter a partir da sua construção, do momento histórico de produção e de como ele se relaciona com a sociedade daquela época.

Os conceitos estudados se mostram relevantes, pois é a partir deles que formamos uma base de compreensão da Análise do Discurso, percebemos ainda que estes são conceitos inseparáveis, que dependem uns dos outros. As divisões em nosso artigo se deram apenas para fim de organização, mas o fato é que não conseguimos analisar um discurso sem buscar compreender qual sujeito está por trás dele, de qual formação discursiva ele faz parte, qual ideologia segue e quais as condições de produção do seu discurso.

É preciso, então, que o discurso seja analisado linguística e historicamente, só assim conseguimos refletir e buscar um sentido mais amplo e completo, podendo ser uma forma de construção, mas também de desconstrução de textos.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. 3 ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.

COURTINE, Jean-Jaques. **Metamorfoses do discurso político**: as derivas da fala pública. Tradução de Carlos Piovezani e Nilton Milanez. São Carlos: Claraluz, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **A ordem do discurso**. 20.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

GREGOLIN, Maria R. V. **A análise do discurso**: conceitos e aplicações. Alfa, São Paulo, v.39, p.13-21, 1995.

_____. **Análise do Discurso**: Lugar de Enfrentamentos Teóricos. In: FERNANDES, C. A; SANTOS, J. B. C. (Orgs). **Teorias Lingüísticas**: problemáticas contemporâneas. Uberlândia, EDUFU, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em Análise do Discurso**. 3 ed. Campinas – SP: Pontes Editores, 1997.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso** – princípios e procedimentos. Campinas - SP: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. **Sobre a (des-)construção das teorias linguísticas**. Tradução de Faustino Machado da Silva. Cadernos de Tradução, Porto Alegre, 2. ed., n. 4, out. 1998.

PIADAS MACHISTAS: UMA INVESTIGAÇÃO À LUZ DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

MACHO JOKES: AN INVESTIGATION IN LIGHT OF CRITICAL DISCOURSE ANALYSIS

Francisca Janiele Buriti¹²

Ivandilson Costa¹³

RESUMO: O Discurso machista se reproduz de forma mais visível em textos humorísticos que circulam de forma habitual nos meios de comunicação, sejam escritos ou orais, principalmente em sites de internet. Este trabalho busca revelar como se dá o funcionamento desse tipo de discurso nas piadas. Para que esse objetivo fosse alcançado foram coletadas anedotas a partir da busca da expressão “piadas machistas” em um site de busca. A fundamentação teórica foi desenvolvida à luz da Análise Crítica do Discurso (ACD) a partir das considerações de Fairclough (2001) e Meurer (2005) sobre as perspectivas que se têm construídas sobre a análise de gêneros textuais e Wodak (2004), que fala sobre a sua origem. Além disso, temos como suporte fontes que tratam de teorias sobre as anedotas como em Possenti (1998), bem como outras fontes de outros autores. Os resultados da pesquisa apontam que as anedotas machistas são produzidas, distribuídas e consumidas para estabelecerem os estereótipos que denegam a mulher, como também, manter a hegemonia na hierarquia homem-mulher na sociedade.

Palavras-chave: Análise Crítica do Discurso. Discurso Machista. Gênero Anedótico.

ABSTRACT: The macho discourse reproduces itself most visibly in humorous texts that are usually circulated in the media, whether written or spoken, especially on internet sites. This paper seeks to reveal how this type of speech works in jokes. To achieve this goal, anecdotes were collected after the search of the expression “macho jokes” on a search engine. The theoretical foundation was developed in the light of Critical Discourse Analysis (CDA) from the considerations of Fairclough (2001) and Meurer (2005) on the perspectives that have been built on the analysis of textual genres and Wodak (2004), who speaks about its origin. In addition, we take as support sources that deal with anecdote theories such as Possenti (1998), as well as other sources by other authors. The research results indicate that macho anecdotes are produced, distributed and consumed to establish stereotypes that deny women, as well as maintain hegemony in the male-female hierarchy in society.

¹² Graduada em LETRAS (habilitação em Língua Portuguesa) pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2009). Possui experiência em docência, principalmente, no ensino de Língua Portuguesa. Atuou como diretora escolar - rede municipal de ensino de Itajá/RN (2013-2016). Atualmente é mestranda em Ciências da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem/UERN, com ingresso em 2018. E-mail: atitude2011@gmail.com

¹³ Possui graduação em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (hoje, Universidade Federal de Campina Grande) e mestrado em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco. É doutor em Letras/Linguística pela UFPE. Atualmente é professor adjunto da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, onde atua no curso de Letras/Língua Inglesa, bem como no Mestrado (PROFLETRAS). Tem experiência na área de Linguística, trabalhando principalmente com os seguintes temas: Análise Crítica do Discurso, discurso da mídia, design visual e linguagem publicitária. E-mail: ivan.dilson.ic@gmail.com

Keywords: Critical Discourse Analysis. Sexist Speech. Anecdotal Genre.

1 INTRODUÇÃO

As piadas têm sido objeto de pesquisa para vários estudiosos, de diversas áreas, como os da psicanálise, da psicologia e outras áreas afins, para explicarem o riso provocado por elas. Todavia, as piadas têm sido vistas além disso. Possenti (1998) vem estudando piadas como suporte para entender a relação entre humor e língua considerando aspectos linguísticos, como ambiguidade, variação linguística, fonologia, intertextualidade, entre outros. Nas análises linguísticas, o autor mostra que as piadas abordam problemas diversos na sociedade em vários temas: política, sexo, casamento, religião, morte, racismo, como também o machismo. Por isso, as piadas constituem-se como excelente *corpus* de estudo porque nelas são encontrados temas socialmente polêmicos que possuem valores enraizados, caracterizados pelas manifestações culturais e ideológicas.

Dessa forma, o discurso produzido através das piadas é visto como algo que vai além de diversão. Como já afirmou Fairclough (2001, p. 91) “implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros”. O discurso lúdico nas piadas, indubitavelmente, enquanto diverte produz seus propósitos.

Nessa perspectiva, este trabalho propõe a investigação do discurso machista em textos do gênero anedótico. Na seção seguinte, para a análise do discurso em questão, o trabalho se insere na Análise Crítica do Discurso (ACD), tendo como autores: Fairclough (2001), Meurer (2005) e Wodak (2004; 2008; 2009). A ACD funciona como teoria e método em análise de textos, procurando desvelar os sentidos que estão subjacentes no texto. Na seção 3, Possenti (1998) apresenta o estudo sobre análises linguísticas de piadas. Na seção 4, encontram-se os procedimentos metodológicos da pesquisa e a análise dos dados. Em seguida, estão as considerações finais e as referências bibliográficas.

2 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO: CONCEITO E VERTENTES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Segundo Wodak (2004), a ACD, ao longo de sua história, constitui-se como uma ciência crítica para a análise do discurso. Ela não se preocupa apenas com o texto em si, mas também com questões sociais que são manifestas por meio da linguagem. Através dela poderemos identificar problemas sociais vigentes, sendo que o seu interesse se particulariza na relação entre linguagem e poder. Quanto ao fato de se auto intitular ciência crítica, como já ressalta Van Dijk (apud WODAK, 2004, p. 223), isso se justifica pelo fato de que a ciência crítica de qualquer campo de conhecimento procura ir além de problemas sociais em vigor e se coloca a favor dos que padecem, julgando os que possuem o poder.

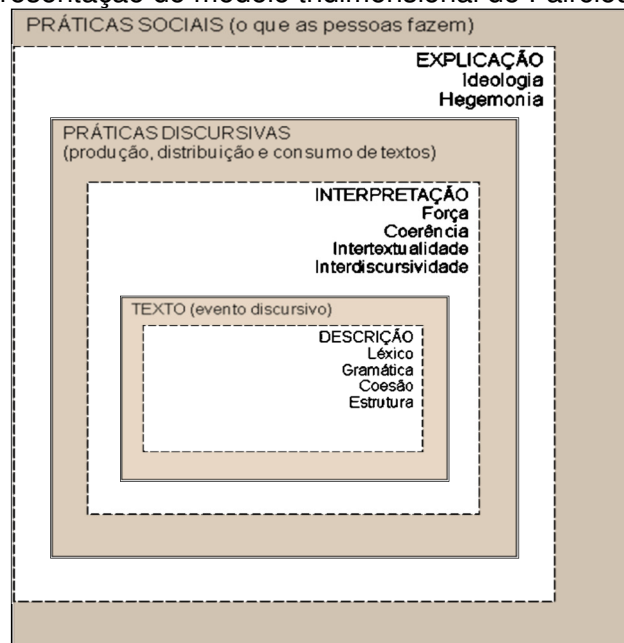
O que se refere a poder tratado aqui, não é ao poder físico, mas aquele que decorre simbolicamente através do discurso. Por exemplo, dos discursos

discriminatórios racistas ou sexistas, decorre dominação, em que uma raça se torna superior a outra ou em que um sexo é sobreposto em detrimento de outro, respectivamente.

Conforme Fairclough (2001), a ideologia e o poder são formados a partir de grupos sociais. Os grupos sociais são os responsáveis pela formação de certas crenças, identidades, ideologias, culturas, entre outros aspectos que são perpassados por discursos que se tornam convenções naturalizadas. São nestas convenções que o poder e a ideologia estão mascarados. É nesse contexto que a ACD entra em ação para que o opaco seja desvelado.

Na vertente metodológica, por sua vez, Meurer (2005) salienta que cada evento discursivo deve ser analisado sob três dimensões que se interconectam: *texto*, *prática discursiva* e *prática social*, como mostra a Figura 1:

Figura 1 – Representação do modelo tridimensional de Fairclough (2001)



Fonte: Meurer (2005, p. 95).

A primeira dimensão faz a descrição do *léxico* da gramática e da coesão ou estrutura do texto, que servirão para entendermos os significados das palavras. Meurer (2005) explica que, nessa dimensão, Fairclough (2001) não procura descrever o léxico baseando-se em significados de dicionários, mas a descrição do léxico é feita de acordo com o contexto em que está situado.

No campo da *gramática*, a análise textual volta-se principalmente para a oração, observando-se também a identificação do tema e as relações entre as construções passivas e ativas da oração. Essas observações contribuirão para enxergar a dimensão das práticas sociais. A *coesão* mostra de que forma os períodos e as orações estão ligados para formar unidades maiores no texto. A *estrutura* refere-se à arquitetura do texto, como ele se organiza (PEDROSA, 2008).

O texto é visto, na segunda dimensão, como prática discursiva no que diz respeito a como se produz, distribui e consome os textos. Trata-se de uma dimensão interpretativa que observa a *coerência*, a *força* (*ilocucionária*), a *intertextualidade* e a

interdiscursividade do texto, com a finalidade de identificar os aspectos sociais e institucionais abrangendo a produção, a distribuição e o consumo de textos. “Esta é a dimensão que mais especificamente investiga os recursos sociocognitivos de quem produz, distribui e interpreta textos: quem escreve para quem, em que circunstâncias, por quê?” (MEURER, 2005, p. 100).

E, finalmente, a terceira dimensão busca a explicação de como as estruturas sociais moldam e determinam o texto e como este atua sobre as estruturas sociais. Nela, o texto é visto como prática social, especificamente, quando ele é examinado em termos de *ideologia e hegemonia*. Segundo Meurer (2005, p. 102), “a ideologia é vista na ACD como forma de conceber a realidade que contribui para beneficiar certo(s) grupo(s) em detrimento de outro(s). Hegemonia é a continuidade do exercício de poder de uns sobre outros”. Esse poder abrange vários domínios de uma sociedade, como o econômico, o político, o ideológico e o cultural. É uma forma de luta constante, a fim de construir ou manter alianças e relações de dominação.

Não é interesse da ACD, portanto, investigar uma unidade linguística *per se*, mas estudar os fenômenos sociais que são necessariamente complexos e, portanto, exigem uma equipe multidisciplinar, bem como uma abordagem multi-metódica. A ACD, assim, não se apresenta como uma teoria simples, nem tampouco abraça uma metodologia específica. Ao contrário, estudos em ACD são variados, derivados de diferentes bases teóricas e voltados para uma multiplicidade de dados (cf. WODAK, 2004).

Uma das características volitivas da ACD é, nessa perspectiva, a sua diversidade. No entanto, alguns pilares podem ser notados dentro desta diversidade, tal como aponta Wodak (2009, p. 32): no que diz respeito à sua base teórica, a ACD trabalha ecleticamente em muitos aspectos, característica pela qual uma gama de teorias linguísticas e não-linguísticas são levadas em conta, embora cada abordagem seja capaz de enfatizar diferentes níveis; não há cânon definido para coleta de dados, mas muitas abordagens em ACD trabalham com dados reais existentes, isto é, textos não especificamente produzidos para os respectivos projetos de pesquisa; operacionalização e análise são orientadas para o problema, o que implica conhecimento linguístico especializado.

Wodak (2008) procura ainda fugir do risco de uma análise de discurso limitada ao princípio de triangulação. Para sua abordagem histórico-discursiva busca o empreendimento para se trabalhar interdisciplinar e multimetodologicamente e sobre a base de uma variedade de diferentes dados empíricos.

A abordagem multimetodológica e multidimensional, aliás, é apontada por Ramalho e Resende (2011) como primordial para um envolvimento amplo do objeto da pesquisa, bem como uma abordagem, cara aos pressupostos da ACD das práticas sociais envolvidas, a fim de que se dê conta de uma ontologia do mundo social como composto de práticas sociais articuladas. Na seção a seguir, trataremos sobre a importância do trabalho linguístico com textos do gênero anedótico.

3 A LÍNGUA E O HUMOR: POR QUE ESTUDAR PIADAS?

Para Possenti (1998), enquanto as piadas são vistas pelas pessoas como algo que proporciona divertimento, que faz provocar o riso, alguns estudiosos veem a

piada como uma fonte em potencial para estudar tanto os aspectos relacionados à linguagem quanto para compreender problemas sociais.

É Possenti (2001, p. 72) quem afirma que “as piadas fornecem simultaneamente um dos melhores retratos dos valores e problemas de uma sociedade [...]”. Nesta pesquisa, as piadas machistas são o nosso ponto de convergência para que sejam vistas as imagens que são construídas sobre a mulher no meio social.

Possenti (1998) propõe que existem três razões essenciais para que as piadas sejam estudadas. Primeiro, nelas se encontram temas sociais polêmicos e estes funcionam como indício do que está sendo debatido na sociedade. A segunda razão para estudar piadas, se fundamenta porque elas operam fortemente com estereótipos, que são facilmente compreendidos por qualquer interlocutor e por trazer uma visão simplificada dos problemas. Como exemplo, podemos citar alguns dos estereótipos comumente usados nas anedotas contra a mulher: ‘o homem é mais inteligente do que a mulher’ ‘a mulher é interesseira’ ou a ‘mulher só serve para os afazeres domésticos’ etc.

Possenti (1998, p. 26) destaca que existe uma terceira razão para estudar as piadas, pois “são quase sempre veículo de um discurso proibido, subterrâneo não oficial, que não se manifestaria, talvez, através de outras formas [...]”. Dessa forma as anedotas circulam como um discurso não oficial, funcionam como ‘brincadeira’, e tratam sobre preconceitos raciais e sexistas, sobre os políticos ladrões, sobre os homossexuais etc., de forma a não comprometer a quem fez a autoria.

Para Moraes (2005), nas piadas machistas estão presentes o discurso lúdico e o discurso autoritário. A interdiscursividade desses discursos funciona de modo estratégico, para que as afirmações sobre a oposição homem/mulher sejam ocultadas. O discurso autoritário está relacionado com o ‘machismo’, em que busca retomar os sentidos historicamente construídos sobre a mulher como um ser inferior em relação ao homem. O discurso lúdico constrói novos sentidos se ancorando na natureza de ficção das piadas.

Assim, esses discursos estão entrelaçados entre si estrategicamente para conservarem estereótipos em relação à mulher. Enquanto o lúdico provoca o riso, a brincadeira, o autoritário se constitui em afirmar a hierarquia homem-mulher na sociedade. Por fim, procederemos à análise de alguns dados na seção seguinte.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DOS DADOS

A pesquisa foi realizada de forma qualitativa e interpretativa. O seu *corpus* foi obtido através de sites de internet que contêm textos humorísticos. Para isso, lançamos mão do site de busca Google, tomado como representativo dada a sua reconhecida eficiência quanto ao número de resultados. No ‘buscador’ foi utilizado o termo *piadas machistas* para que os resultados fossem apresentados. O Google é um dos sites de pesquisa que possui em seu arcaibouço um vasto número de sites com o conteúdo procurado. Porém, selecionamos alguns, principalmente, os que possuem links exclusivamente com o gênero textual em questão.

Vamos tomar para a abordagem duas piadas que serão representativas. Estas, por sua vez, foram analisadas conforme as considerações sobre os estudos de piadas, e também, conforme o modelo tridimensional de Fairclough (2001) para análise de textos que apresentamos anteriormente.

Com base nessas considerações se faz oportuno agora apresentarmos as anedotas e suas análises.

Texto [1]

P. Sabe quando é que uma mulher perde 95% de sua inteligência?
R. Quando se separa do marido!

Disponível em: <<http://www.rivalcir.com.br/frases/machista.html>>

Acesso em: 17 jun. 2008.

Ao analisarmos o Texto [1] de acordo com a primeira dimensão, partindo para a identificação do seu tema, percebemos que se trata de uma piada machista que fala sobre a faculdade de raciocínio da mulher. Isto é enfatizado pelo uso do item lexical *inteligência*. Além da *mulher*, aparece outro personagem, o *marido*. Quanto à sua estrutura, trata-se de um texto muito curto, constituído de uma breve pergunta e de uma breve resposta que mais se adequaria à definição de um dístico ou um dito chistoso, ou seja, piadas ditas basicamente em duas frases, diferente da narrativa anedótica, do Texto [2], que apresenta uma estrutura mais longa, que também apresentaremos no decorrer deste trabalho.

Tratando-se das práticas discursivas, percebemos que não há uma inter-relação com outros textos. Podemos apontar como força ilocucionária do Texto [1] enquanto anedota sugere a insinuação que ao se separar do marido a mulher se torna praticamente um ser quase incapaz de raciocinar. Nesse caso, o divórcio resulta em perda de 95% de sua inteligência que a tinha quando estava casada, restando-lhe apenas 5%.

Já na terceira dimensão de análise, a piada remete à ideia de que a mulher só possui completamente a sua faculdade de raciocínio quando está 'ao lado' de um homem. Portanto, o texto dístico é uma forma de contribuir com o estereótipo de que o homem é hegemonicamente superior à mulher.

Texto [2]

Cerveja aumenta a feminilidade do homem!

Cuidado!!! Alerta geral... Um cientista, da University of Massachussetts, sugeriu que os homens deveriam tomar mais cuidado com o consumo de cerveja, pois, a análise dos resultados de uma recente pesquisa revelou a presença de hormônios femininos.

A teoria é de que:

"Beber cerveja faz os homens tornarem-se mulheres!". Para provar a teoria, foram dados a 100 homens 5 litros de cerveja a cada um. Observou-se que 100% dos homens:

- Ganharam peso - (coisa de mulher);
- Começaram a falar excessivamente e sem sentido - (coisa de mulher);
- Tornaram-se altamente emocionais - (coisa de mulher);
- Não conseguiram dirigir.... direito! - (coisa de mulher);
- Não conseguiram estacionar o carro na vaga - (coisa de mulher);
- Não conseguiram pensar racionalmente - (coisa de mulher);

- Discutiram por qualquer besteira - (coisa de mulher);
- Recusaram-se a pedir desculpas, mesmo quando errados - (coisa de mulher).

Assim sendo, não há mais testes programados, sendo que este foi considerado suficiente, assustador e definitivo. Enfim... terrível!

Disponível em: <<http://www.mdig.com.br/index>> Acesso: 17 jun. 2008.

Ao analisarmos o Texto [2] voltamos a nossa atenção para o título. Este fala de resultados de uma pesquisa feita por um cientista americano que teve a participação de 100 homens como cobaias. Os resultados da pesquisa manifestam que na cerveja são encontradas substâncias como o hormônio feminino e que cada homem, ao consumir 5 litros de cerveja mudaram de comportamento e passaram a adotar atitudes de mulher como as seguintes características apresentadas na anedota: *ganhar peso/falar excessivamente e sem compreensão/ser altamente emocional/não ter competência para dirigir/ não conseguir pensar/ discutir por qualquer bobagem/não pedir desculpas pelo erro cometido*.

Percebemos, por conseguinte, a intertextualidade do gênero anedótico – a piada – como do gênero jornalístico. Ou seja, ele se apresenta como se fosse uma notícia que revela os resultados de uma pesquisa científica. Desse modo, transmite o sentido que se trata de algo sério, de veracidade, principalmente pelo fato de que um cientista é um indivíduo que tem a autoridade de apresentar resultados de pesquisas através de análise de dados.

A *coerência* do Texto [2] que é tratada na segunda dimensão de análise, se forma nas informações apresentadas sobre os resultados da pesquisa, isto é, as ações de características femininas são marcadas como desequilíbrio. Com isso, entendemos no texto de que a mulher não tem habilidade para concentrar-se e nem dominar suas emoções e comportamentos como mostram as expressões *não ter competência para dirigir/não conseguir pensar/ não pedir desculpas pelo erro cometido*.

Os sentidos que o Texto [2] outorga sobre a mulher se constitui no estereótipo de que a mulher não tem autocontrole em manter a massa corpórea, ao falar, ao ser emotiva, ao dirigir, ao pensar ou em qualquer outra ação. Nesse aspecto, a anedota atribui o sentido de que o homem só se comporta com as ações mencionadas na piada quando ingerem cerveja que contém hormônios femininos, ou seja, não estando sob o efeito das substâncias o homem é um ser que tem autocontrole sobre suas ações.

O Texto [2] também se fundamenta no sentido ideológico de que pela lei da natureza biológica, no caso dos hormônios femininos, a mulher está sentenciada a não ter controle de si mesma em quaisquer ações seja física ou mental, ao contrário do homem que pode ter equilíbrio em qualquer aspecto da vida social. Nessa perspectiva, a piada é apenas um dos dizeres estabelecidos na sociedade sobre a mulher e o homem. Portanto, para o Texto [2], sob a visão de sua análise no que versa a dimensão das práticas sociais, o homem é visto pela lei da natureza e pela que é formada socialmente como o ser que pode ter o equilíbrio, o controle sobre todas as coisas.

No que podemos fazer alusão às práticas sociais, as anedotas tomadas como representativas servem para reforçar a ideia de que as relações de poder na nossa

sociedade são perpassadas através de textos/discursos. São nessas relações de poder que estão as ideologias de uma sociedade patriarcalista de que a mulher é inferior ao homem desde os aspectos anatômico, fisiológico e psicológico.

Nessas considerações, nas piadas que tomamos como *corpus* percebemos que o discurso machista é o resultado de que vivemos em uma sociedade patriarcalista. O patriarcalismo fundamenta a proeminência do grupo masculino, principalmente, tendo como princípio as diferenças dos fatores biológicos entre os homens e as mulheres. Nessa perspectiva, diante do pretexto de que pela lei da natureza o ‘homem é mais forte do que a mulher’ formam-se estereótipos que estigmatizam a mulher.

Dessa maneira, nos textos humorísticos em questão, o homem é constituído como o ser dominante, o mais forte, o mais inteligente. A mulher é sempre tratada com inferioridade. Como o discurso é uma forma de os indivíduos ou grupos sociais constituírem certas realidades e se sobrepõem aos outros, as piadas machistas são uma forma de estabelecer ou de dar continuidade à hierarquia homem-mulher a partir de estereótipos que são formados sobre a mulher. Dessa forma, as anedotas funcionam como “estratégias” que contribuem para estabelecer ou afirmar a superioridade do homem em relação à mulher, através de seus discursos de sentido machista. As piadas machistas funcionam como uma forma de inferiorizá-las com injúrias, com insultos ou com outras formas de depreciação, para colocá-la na parte mais desprezível da escala social. A seguir, trataremos sobre os considerações finais desta pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que a ACD, como teoria e método na análise de textos, tem uma preocupação em investigar não apenas o papel da linguagem nas práticas sociais, mas também na transformação social no que se refere a se dispor a desvelar o que está “opaco”, auxilia também para que sejam reparadas as injustiças sociais e, conseqüentemente, provocar nas pessoas a conscientização sobre a relação entre o discurso e as estruturas sociais. Ao se conscientizarem, haverá a mudança social no que diz respeito ao papel da linguagem. Haverá o combate dos efeitos ideológicos, principalmente por parte de grupos menos privilegiados socialmente, como o grupo social feminino.

Neste trabalho, identificamos que as piadas se tratam de algo além de divertimento. Ainda que sejam ponderadas como textos “não sérios” produzem formas de poder. É por meio da linguagem que as relações sociais de poder são construídas e mantidas.

É preciso registrar, diante do que se disse, que o campo dos trabalhos em ACD apresenta uma vocação não apenas interdisciplinar, trabalhando para a reunião de pressupostos, abordagem e terminologia de outros campos do conhecimento, agregados aos estudos linguísticos. Para além disso, os trabalhos em análise crítica apostam numa construção de caráter transdisciplinar, o que caracteriza sua pesquisa como aquela encarregada de promover um encontro e um diálogo entre diferentes disciplinas para pesquisar fundamentos específicos que venham ser “abordados no propósito de desenvolver as categorias teóricas, métodos de análise, as agendas de

pesquisa, por meio de um trabalho com a 'lógica' do outro" (FAIRCLOUGH, 2003, p. 225).

Por conseguinte, este empreendimento transdisciplinar, aliado ao caráter qualitativo, bem como (e conseqüentemente) o desapego por uma objetividade rígida na investigação, situa a ACD em um contexto de abordagem científica que se afasta de fatores como o determinismo, racionalismo, empirismo, de posições dicotômicas, de exclusividade de métodos quantitativos e, como ressalta Wodak (2008), em favor de uma postura anti-positivista, de uma tradição teórico-filosófica complexa, de uma pesquisa social e qualitativa. Isto conforme ressalta Souza-Santos (2002, p. 13): "dadas as condições sociais de produção e apropriação do conhecimento científico, a criação de objetos teóricos está cada vez mais vinculada à criação ou potenciação de sujeitos sociais".

Não obstante, vozes contrárias à ACD costumam afirmar que esta orientação encontra-se dividida entre a investigação social e argumentação política, enquanto outros a acusam de ser ora muito linguística ora não linguística o suficiente. De qualquer modo, é sempre importante assimilar, junto com Wodak (2009), que essas críticas mantêm vivo algo de extrema validade no campo epistemológico: a capacidade de autorreflexão, o que incentiva a busca por novas respostas e novas compreensões.

REFERÊNCIAS

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing discourse**: Textual analysis for social research. London/New York: Routledge, 2003.

_____. **Discurso e mudança social**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

MEURER, J. L. **Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough**. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA ROTH, D. (Org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005, p. 81-106.

MORAES, M. M. F. **Humor, Machismo e Linguagem**: a interdiscursividade entre o lúdico e o autoritário em piadas machistas. In: COSTA, N. B. (Org.). **Práticas discursivas, exercícios analíticos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

PEDROSA, C. E. F. **Análise Crítica do Discurso**: do linguístico ao social no gênero midiático. 1. ed. Aracaju: EDUFS, 2008. v. 1. 2008 p.

POSSENTI, S. **Os Humores da Língua**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

POSSENTI, Sírio. **O humor e a língua**. *Ciência Hoje*, v. 30 (176). Rio de Janeiro, SBPC. p. 72-74, 2001.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso (para a crítica)**: o texto como material de pesquisa. São Paulo: Pontes, 2011.

SOUZA-SANTOS, Boaventura. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. 6. Ed. Porto: Afrontamento, 2002.

WODAK, Ruth. **Do que trata a ACD**: um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 4, n. esp., p. 233-243, 2004 [2001].

_____. Introduction: **Discourse studies – important concepts and terms**. In: WODAK, R.; KRYŽANOWSKY, M. (Ed.) *Qualitative discourse analysis in the social sciences*. London: Palgrave, 2008.

_____. **Critical discourse analysis**: history, agenda, theory and methodology. In: WODAK, R.; MEYER, M. (Ed.) *Methods of Critical Discourse Analysis*. 2. ed. London: Sage, 2009.

ASPIRAÇÃO DA OCLUSIVA ALVEOLAR DESVOZEADA t NA INTERFONOLOGIA PORTUGUÊS BRASILEIRO (PB) - INGLÊS LÍNGUA ADICIONAL (ILA)

ASPIRATION OF THE VOICELESS ALVEOLAR STOP t IN BRAZILIAN PORTUGUESE (BP) - ENGLISH AS AN ADDITIONAL LANGUAGE (EAL) INTERPHONOLOGY

Mylani Nathalini Dantas Costa¹⁴

Anderson Romário Souza Silva¹⁵

Clerton Luiz Felix Barboza¹⁶

RESUMO: O objetivo desta pesquisa é analisar a emergência da aspiração da oclusiva alveolar desvozeada **t** por aprendizes brasileiros de ILA. A pergunta problema que norteia este estudo é: de que maneira emerge a aspiração da oclusiva alveolar desvozeada **t** na interfonologia PB-ILA? Hipotetizamos que a emergência da aspiração na oclusiva alveolar desvozeada **t** é influenciada pela vogal anterior alta **i** no PB e pela vogal **ɪ** no ILE. A fundamentação teórica deste estudo baseia-se na visão de língua enquanto Sistema Adaptativo Complexo - SAC (LARSEN-FREEMAN, 1997), na Fonologia de Uso (BYBEE, 2001) e na Teoria de Exemplos (PIERREHUMBERT, 2000). Esta pesquisa apresenta caráter quase-experimental, na qual foram realizadas análises de duração da aspiração com os dados de aprendizes iniciantes para averiguar a do objeto na interfonologia PB-ILA. Resultados indicaram maior duração da aspiração de **t** seguida pelas vogais altas do PB e do ILA. Adicionalmente, observou-se uma maior duração da aspiração de **t** no ILA do que no PB. Finalmente, o sexo dos informantes não influenciou de modo significativo a emergência do fenômeno. Conclui-se que o detalhe fonético de realização da aspiração da oclusiva **t** do ILA foi adquirido, de modo inesperado, pelos informantes de nível iniciante neste estudo.

Palavras-chave: SAC. Fonologia de Uso. Modelo de Exemplos. Interfonologia.

ABSTRACT: The main objective of this study is to analyze aspiration emergence of voiceless alveolar stop **t** by Brazilian EAL learners. The research-question that guides this study is: how does voiceless alveolar stop **t** aspiration emerges in BP-EAL interphonology? It is hypothesized that the emergence of aspiration for voiceless alveolar stop **t** is influenced by the high front vowel **i** in PB and by vowel **ɪ** in EAL. The theoretical background of this study is

¹⁴ Mestranda em Ciências da Linguagem UERN. Graduada em Língua Inglesa na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN e em Matemática pela Universidade Federal Rural do Semi Árido - UFRSA. Membro do Grupo de Pesquisa em Fonética e Fonologia – GPeff – UERN.

¹⁵ Graduado em Letras com habilitação em língua inglesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Mestre em Ciências da Linguagem pela UERN. Doutorando em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. Bolsista CAPES. Membro do Grupo de Pesquisa em Fonética e Fonologia – GPeff – UERN.

¹⁶ Graduado em Letras (2000) e Especialista no Ensino de Língua Inglesa (2004) pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, Instituição onde atualmente trabalha enquanto professor adjunto IV na Graduação de Língua Inglesa e no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPCL). Mestre em Linguística Aplicada (2008) pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Doutor em Linguística (2013) pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Líder do Grupo de Pesquisa em Fonética e Fonologia – GPeff – UERN.

based on the theory of language as Complex Adaptive System - CAS (LARSEN-FREEMAN, 1997), in Usage-based Phonology (BYBEE, 2001) and Exemplar Theory (PIERREHUBERT, 2001). This study has a quasi-experimental design, in which analyses involving aspiration duration are performed using beginner EAL learners seeking to analyze the influences for the emergence of aspiration in the voiceless alveolar stop **t** in BP-EAL interphonology. Results indicated longer **t** aspiration emergence followed by BP and EAL high vowels. Additionally, longer EAL **t** aspiration was reported in comparison to BP aspiration patterns. Finally, informants' sex did not significantly influence the phenomenon. It was concluded the phonetic detail associated to EAL **t** realization was acquired, unexpectedly, by the beginner level subjects in this study.

Keywords: CAS. Usage-based Phonology. Exemplar Model. Interphonology.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo geral analisar a emergência da aspiração na oclusiva alveolar desvozeada **t**¹⁷ por aprendizes brasileiros de ILA. Temos como pergunta problema: de que maneira emerge a aspiração na oclusiva alveolar desvozeada **t** na interfonologia PB-ILA? A hipótese deste estudo é que a emergência da aspiração na oclusiva alveolar desvozeada **t** é influenciada pela vogal anterior alta **i** no PB e pela vogal **ɪ** no ILA.

A aspiração é um fenômeno fonético associado à realização das oclusivas desvozeadas **p**, **t** e **k** do inglês, que devem ser realizadas com marcante aspiração quando precedem vogais em sílabas tônicas, ex. *pity* 'pʰɪt.i, *time* tʰaɪm, *cat* kʰæt (SILVA, 2012). O fenômeno da aspiração e de difícil apropriação por parte de aprendizes brasileiros de ILA, uma vez que a gramática fonológica do PB não faz uso desse detalhe fonético adicional à distinção entre oclusivas vozeadas e desvozeadas (ALVES, 2015).

O estudo da emergência de africadas em falares regionais do PB (CRISTÓFARO-SILVA et al, 2012) propiciou a realização de pesquisas adicionais em nível de graduação (COSTA; SILVA; BARBOZA, 2015; COSTA; BARBOZA, 2016). Os resultados desses estudos indicaram um continuum fonético de realização da oclusiva alveolar desvozeada **t**, passando por uma realização intermediária com maior aspiração **tʰ**, sendo o último estágio hipoteticamente associado à emergência da africada **tʃ**. Os referidos estudos indicam que a oclusiva alveolar desvozeada **t** apresenta maior duração na aspiração quando seguida da vogal **i**, *tipo* 'tʰi.pu, do que quando seguida de outras vogais, *teto* 'tɛ.tu. O presente estudo busca relacionar este achado à interfonologia PB-ILA, ao averiguar a possível influência da maior duração da aspiração da sequência **ti** no falar regional do PB na realização do ILA.

Sendo assim, este trabalho divide-se em seis seções. Posteriormente a esta introdução, é realizada uma revisão da fundamentação teórica e do fenômeno analisado, sendo na sequência apresentada a metodologia, os resultados e as considerações finais do estudo.

¹⁷ Nesta pesquisa, as representações fonéticas/fonológicas estão apresentadas em **negrito**. Tal escolha deu-se devido à adoção dos conceitos da língua enquanto SAC, da Fonologia de Uso e do Modelo de Exemplos para fundamentação teórica. Nesta concepção, não é feita a distinção entre o sistema fonético e o fonológico, pois acredita-se representações múltiplas e detalhadas da representação fonológica (PIERREHUBERT, 2000).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Apresentamos nesta seção a fundamentação teórica desta pesquisa. Primeiramente, será discutida a visão de língua(gem) enquanto Sistema Adaptativo Complexo (SAC), seguida pela discussão dos paradigmas fonológicos Fonologia de Uso e Teoria de Exemplares.

2.1 Sistema Adaptativo Complexo - SAC

Menezes (2013, p. 21) afirma que “Larsen-Freeman foi a primeira pesquisadora a propor que a aprendizagem de uma segunda língua – ASL é um fenômeno complexo, não linear e dinâmico, o que implica crescimento e mudança”. Um SAC, segundo Larsen-Freeman e Cameron (2008), é definido como um sistema cuja principal característica é a constante variação com o passar do tempo. Adicionalmente, as autoras afirmam que o estado futuro de um SAC depende de seu estado presente.

Em um SAC há agentes (os subsistemas que compõe o sistema), dinamicidade (estado de constante mudança), não-linearidade (dificuldade de associação entre a causa e os efeitos de um fenômeno), adaptabilidade (capacidade de modificar-se de acordo com as circunstâncias), emergência (características que tendem a surgir de modo espontâneo no sistema), bem como estados atratores (comportamentos os quais o sistema tende a repetir/preferir).

Na perspectiva da complexidade, a língua(gem) deve ser entendida como um sistema dinâmico não-linear, composto da inter-relação de elementos biocognitivos, socioculturais, históricos, e políticos que nos permitem pensar e agir na sociedade (MENEZES, 2013).

A adoção da visão de língua(gem) enquanto SAC contribui para a compreensão de que a complexa interação entre diversas variáveis é fator chave na aquisição linguística. Cada elemento, como a motivação, idade, estilo de aprendizagem, influência da língua materna e de outras línguas que o aprendiz fala ou aprende, faz parte do sistema e estão em interação, contribuindo com sua evolução ou mesmo constituindo obstáculos a serem vencidos (MENEZES, 2013).

Neste contexto, a visão de língua(gem) enquanto SAC tem uma relação direta com o uso da linguagem, discutida na próxima sessão, cujo foco é a Fonologia de Uso.

2.2 Fonologia de Uso

Segundo Bybee (2001, p. 2) “O foco na estrutura precisa ser complementado com uma perspectiva que inclua mais do que simplesmente a estrutura, uma visão que envolva dois outros aspectos importantes no fenômeno da linguagem – o contexto físico ou fenômeno linguístico, e o uso do idioma”. A visão de língua(gem) baseada no uso, deve, portanto, atentar para a emergência de um fenômeno a partir de influências probabilísticas, as quais podem influenciar o comportamento da língua(gem).

Cristófar-Silva (2006) explica que as representações mentais são armazenadas em várias redes que expressam interconexões entre diferentes sistemas linguísticos através da experiência do falante. Dessa forma, a visão de

língua(gem) emergindo do uso questiona formulações universais e o caráter inato da representação linguística, características associadas a outros paradigmas fonológicos.

Para a Fonologia de Uso, a palavra é o lócus da representação mental. Palavras são armazenadas no léxico mental através da relação em rede propiciada pela inferência de generalizações continuamente atualizadas através da experiência que o falante tem com a língua. Generalizações em torno do acesso a experiências linguísticas similares garantem a inteligibilidade e caracterização de comunidades de fala. A Fonologia de Uso sugere que a frequência dos itens lexicais influencia de modo significativo a representação mental, podendo estar associada às frequências de tipo e de ocorrência. A primeira corresponde ao número de vezes que determinado padrão ou sequência segmental é utilizada, enquanto a segunda refere-se ao total de vezes que um item lexical é observado num corpus.

Deste modo, a Fonologia de Uso propõe representações mentais múltiplas e detalhadas, as quais são adquiridas através das experiências diretas de palavras utilizadas pelos indivíduos na comunicação. Alinhando-se à noção de aquisição de palavras da Fonologia de Uso, a Teoria de Exemplares discute a questão da representação cognitiva dos itens lexicais, bem como o papel do detalhe fonético na construção da representação mental.

2.3 Teoria de Exemplares

Pierrehumbert (2000) propõe que as palavras são armazenadas no léxico mental juntamente com seus respectivos detalhes fonéticos, por meio de nuvens de exemplares. Desse modo, exemplares semelhantes tendem a estarem associados. A realização dessas representações mentais distintas é feita pelo falante a partir de escolhas probabilísticas. Segundo Cristófar-Silva (2003), exemplares são armazenados não apenas por similaridades sonoras, mas também por fatores sociais, morfológicos e/ou pragmáticos.

Quando um exemplar é utilizado como frequência, torna-se mais robusto que seus pares, constituindo-se num exemplar prototípico (BYBEE, 2001). Podemos tomar como exemplo neste caso a realização com pequena duração da aspiração das oclusivas desvozeadas no PB. Todavia, caso não seja usado com frequência, um dado exemplar sofrerá um processo de enfraquecimento. Nesse caso, por mais que um aprendiz brasileiro de ILA tenha contato com o inglês, cuja gramática fonológica demanda a realização de marcante aspiração das oclusivas desvozeadas em contexto fonotático tônico, o detalhe fonético da aspiração do PB funciona como atrator profundo dificultando a realização da maior duração. Cristófar-Silva (2003) enfatiza que a Teoria de Exemplares traz uma proposta que incorpora a percepção e produção da fala, utilizada também pela Fonologia de Uso. Assim, reforça-se a noção de que a Fonologia de Uso e a Teoria de Exemplares são teorias complementares.

A adoção de uma fundamentação teórica que advoga uma visão de língua(gem) enquanto Sistema Adaptativo Complexo, concomitantemente a uma visão de nível fonológico que enfatiza os modelos baseados no uso (Fonologia de Uso e Teoria de Exemplares), implica uma quebra de paradigma com os modelos fonológicos tradicionais. O paradigma defendido neste trabalho implica na concepção de representações mentais múltiplas e detalhadas que representam de modo direto

o uso linguístico. Passamos à discussão dos principais aspectos de realização das oclusivas alveolares do PB e do ILA na próxima seção.

3 INTERFONOLOGIA DAS OCLUSIVAS ALVEOLARES DESVOZEADAS PB-ILA

Há diferenças entre a oclusiva **t** no português e no inglês. Percebe-se que na língua inglesa a referida oclusiva é geralmente produzida com marcante aspiração (CRISTÓFARO-SILVA, 2012, p. 99). Um exemplo disso é a palavra *tu tu*, no português, e *two thu*, no inglês.

A aspiração é caracterizada como o sopro audível ocasionado durante a fase de soltura da realização das oclusivas desvozeadas **p**, **t** e **k**. A aspiração é um dos fenômenos característicos das oclusivas desvozeadas da língua inglesa. Como afirma Schwartzaupt et. al (2014, p. 1), “Sem a devida instrução, o aprendiz tende a não adquirir essa aspiração, característica do Inglês, uma vez que ele associa os segmentos aspirados da L2, [p^h], [t^h] e [k^h] às produções não aspiradas do Português Brasileiro (PB), [p], [t] e [k]”.

Neste contexto, a aspiração é um fenômeno recorrente para o aprendiz brasileiro de ILA e geralmente é percebido como fenômeno intermediário que antecede emergência de **tʃ** (COSTA; BARBOZA, 2016) quando a oclusiva **t** é seguida pela vogal **i**. O estudo de Zimmer et. al (2009, p. 117) afirma que “Quando os sons [p], [t] ou [k] aparecem no início de uma palavra monossilábica e estiver precedida por uma vogal, elas são pronunciadas com um sopro forte de ar (aspiração)”. Neste contexto, achamos necessário analisar quais aspectos influenciam a realização da aspiração na oclusiva alveolar desvozeada **t** por aprendizes iniciantes de inglês. Na próxima seção, estão descritos os procedimentos metodológicos.

4 METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa de desenho transversal, quantitativa e de caráter quase-experimental. Analisamos dados obtidos através de gravações de aprendizes brasileiros de ILA, em nível iniciante, matriculados nos Curso de Letras - Habilitação Língua Inglesa no Campus Central da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Apresentamos nas seções a seguir a descrição das variáveis deste estudo, bem como a seleção das palavras, informantes e descrição do experimento. Finalmente, apresentamos na seção final da metodologia os procedimentos de análise acústica e os testes estatísticos.

4.1 Descrição das variáveis

Este estudo analisa enquanto variável dependente a *duração da aspiração* da realização da oclusiva **t**. Analisamos enquanto variáveis independentes neste estudo o *sexo* e a *vogal seguinte* à oclusiva **t**.

Espera-se observar se há ou não influencia do sexo na emergência da aspiração. Já na variável vogal, objetiva-se analisar qual vogal apresenta maior influência na duração da aspiração na oclusiva **t**. No PB, as vogais seguintes analisadas foram **i**, **ɛ**, **u**. No ILA as vogais seguintes foram **ɪ**, **ɔ**, **u**. Abordamos a seleção dos informantes e palavras na próxima seção.

4.2 Seleção das palavras e dos informantes

Esta pesquisa fez uso de dados coletados no âmbito de um projeto intitulado *ESTUDO LONGITUDINAL DO DESENVOLVIMENTO DO SISTEMA SONORO DO INGLÊS POR APRENDIZES BRASILEIROS: UMA PERSPECTIVA DINÂMICA*. O referido projeto envolve a coleta de dados em quatro Instituições de Ensino Superior no Brasil. A análise longitudinal ainda não foi possível de ser realizada, motivo pelo qual apresentamos neste momento um recorte transversal. Tendo em vista os itens lexicais gravados no referido projeto, nesta pesquisa foram selecionadas seis palavras, sendo três para cada idioma analisado.

Quadro 1 – Palavras selecionadas.

	PB	ILA	
i	tigre	<i>tip</i>	ɪ
ɛ	tela	<i>talk</i>	ɔ
u	tubo	<i>tube</i>	ʊ

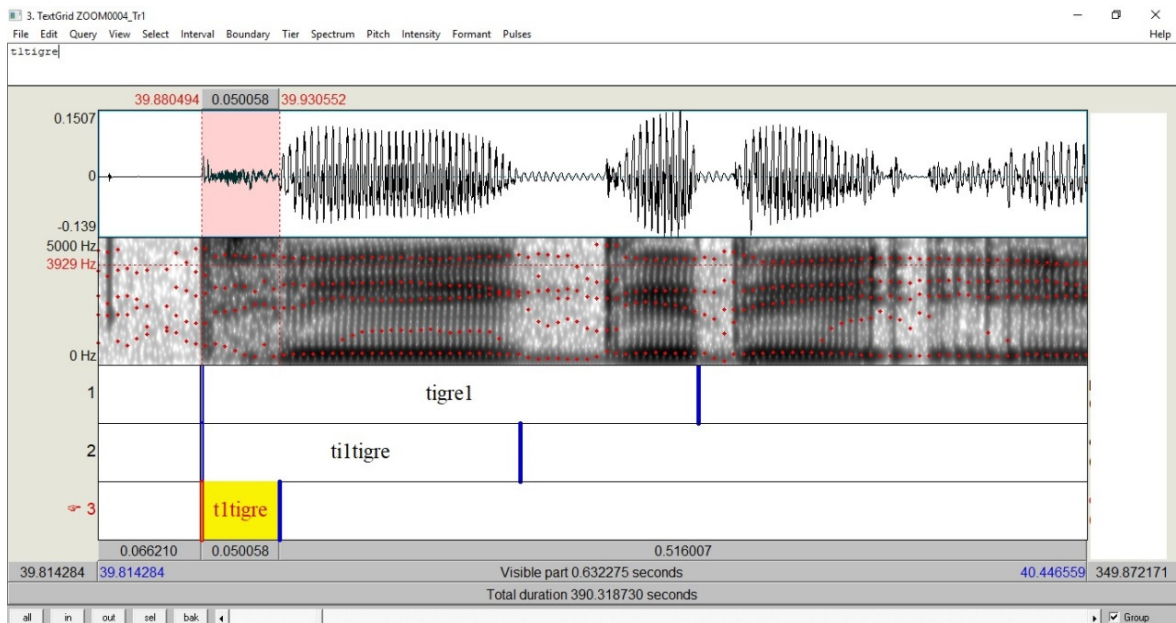
A escolha das referidas palavras teve como requisito a existência da oclusiva alveolar desvozeada **t** seguida pelas vogais **i**, **ɛ** e **u** no PB, além de **ɪ**, **ɔ** e **ʊ** no ILE.

Em relação à seleção dos informantes, o principal critério foi naturalidade e residência no Estado do Rio Grande do Norte. Todos os informantes são alunos de graduação em Letras – Habilitação em Língua Inglesa, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Foram escolhidos 10 informantes de nível iniciante, sendo 5 do sexo masculino e 5 do sexo feminino. Assim, como cada palavra foi repetida 3 vezes, totalizando-se 180 palavras para análise. Apresentamos na próxima seção detalhes da análise acústica e testes estatísticos.

4.3 Análise acústica e testes estatísticos

Utilizamos o programa de análise acústica Praat (BOERSMA; WEENIK, 2018) para a realização das segmentações. Três camadas (*tiers*) foram adicionadas a cada gravação de palavra, servindo de auxílio para as medidas de *duração da palavra*, *da sílaba* e *da aspiração*. Apenas a terceira camada, apontando a duração da aspiração, foi analisada nesta pesquisa. A Figura 1 exemplifica o procedimento de análise acústica.

Figura 1: Duração da aspiração da oclusiva *t* seguida da vogal *i* do PB.



Na Figura 1, apresentamos em amarelo a seleção da duração da aspiração da oclusiva alveolar desvozeada *t* seguida da vogal *i* na palavra *tigre*.

A análise estatística foi a última etapa para que pudéssemos chegar aos resultados deste estudo. Utilizamos testes *t* e ANOVAs enquanto testes estatísticos, devido à natureza de análise dos dados. O programa SPSS (POLAR ENGINEERING AND CONSULTING, 2008) foi utilizado para a realização dos testes estatísticos. O objetivo desta etapa foi analisar a existência de influência estatisticamente significativa das variáveis independentes *sexo* e *vogal seguinte* sobre a variável dependente *duração da aspiração*. A próxima seção apresenta a análise e discussão dos dados.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

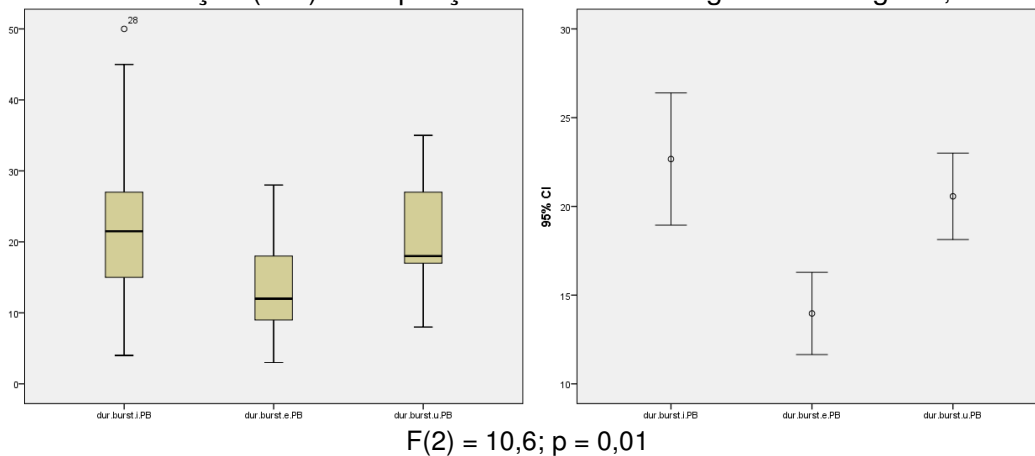
Nesta seção analisamos e discutimos dados relativos à influência das variáveis independentes *sexo* e *vogal seguinte* sobre a variável dependente *duração da aspiração* da oclusiva alveolar desvozeada *t*. Dividiremos os resultados em duas subseções, tratando primeiramente a variável independente vogal seguinte e posteriormente o sexo dos informantes. Dados são apresentados por meio de gráficos *boxplots*, intervalos de confiança e dos resultados da análise estatística.

5.1 Vogal seguinte

Nesta subseção são expostos os dados referentes à análise da variável independente vogal seguinte. Espera-se constatar quais das vogais analisadas (*i*, *ε* e *u* no PB; *ɪ*, *ɔ* e *ʊ* no ILA) apresentam maior influência sobre a duração da aspiração associada à realização da oclusiva *t* em ambas as línguas.

Primeiramente, analisamos se as vogais seguintes apresentadas anteriormente influenciam de modo distinto a emergência da aspiração no PB e ILA dos informantes. Posteriormente, os dados são analisados entre-línguas, buscando a observação de pares de vogais com características de realização semelhante. Apresentamos nas Figuras 2 e 3 dados relativos à duração da aspiração (eixo vertical) associado à realização das vogais seguintes **i**, **ɛ** e **u** do PB (eixo horizontal).

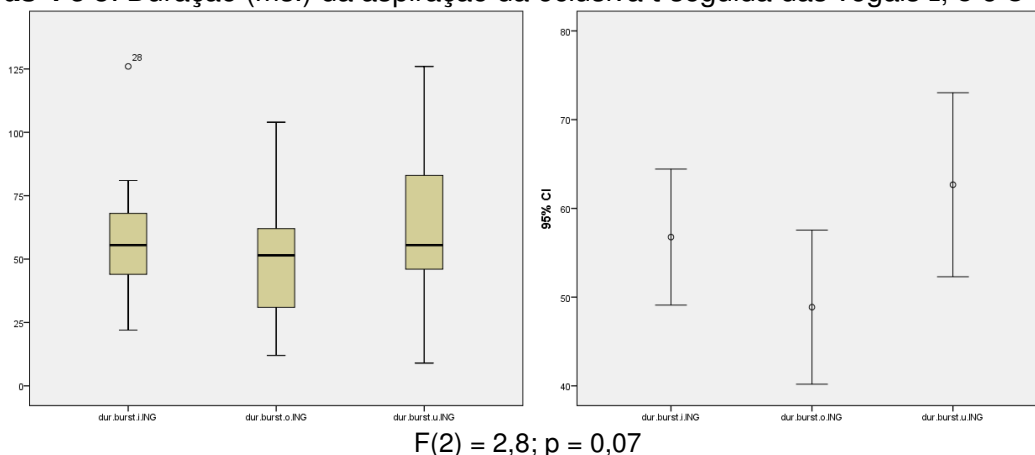
Figuras 2 e 3: Duração (ms.) da aspiração da oclusiva **t** seguida das vogais **i**, **ɛ** e **u** do PB.



A observação dos dados de modo gráfico, apresentada no boxplot da Figura 2 e no intervalo de confiança da Figura 3, indicam dois padrões distintos de realização da duração da aspiração da oclusiva **t** quanto à vogal seguinte. A duração da aspiração da oclusiva **t** apresenta uma maior duração quando precede as vogais altas **i** e **u** do que quando precede a vogal média-baixa **ɛ**. A hipótese dos padrões distintos de duração da aspiração a depender da vogal seguinte é confirmada do ponto de vista estatístico, uma vez que o resultado de uma ANOVA de medidas repetidas apontou diferença significativa entre os grupos. Conclui-se que a duração da aspiração da oclusiva **t** é influenciada pela vogal seguinte no PB.

Passamos à análise da influência das vogais **i**, **ɔ** e **u** do ILA sobre a realização da aspiração da oclusiva **t**. As Figuras 4 e 5 apresentam os dados da análise de duração da aspiração quanto à vogal seguinte do ILA neste estudo.

Figuras 4 e 5: Duração (ms.) da aspiração da oclusiva **t** seguida das vogais **i**, **ɔ** e **u** do ILA.

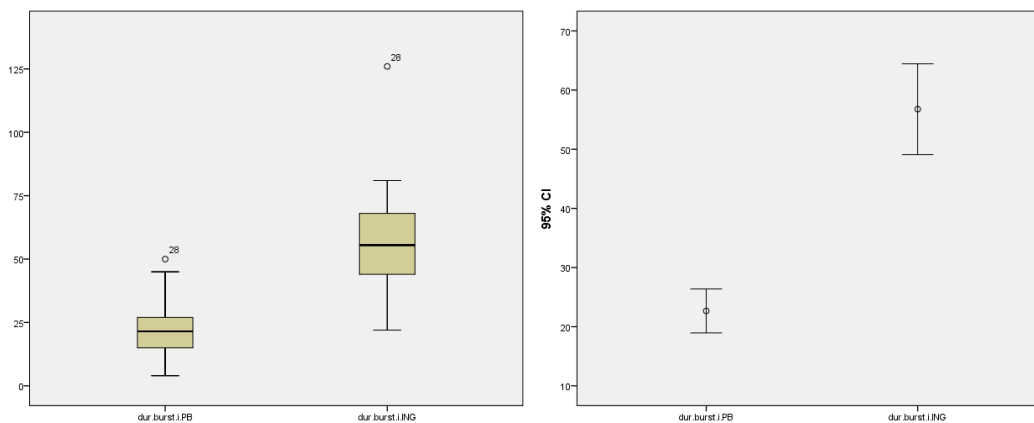


A observação impressionista dos dados apresentados nas Figuras 3 e 4, relativos à duração da aspiração no ILA, indica padrão de comportamento semelhante ao encontrado no PB. As vogais altas **i** e **u** aparentemente estão associadas a uma maior duração da aspiração da oclusiva **t** do que a vogal média-baixa **ɔ**. Todavia, a observação cuidadosa das Figuras 4 e 5 indica marcante sobreposição dos dados de duração da aspiração da oclusiva **t** associados a cada vogal seguinte. O resultado de uma ANOVA de medidas repetidas corrobora essa percepção, uma vez que apesar de aproximar-se do nível de significância estatística ($p < 0,05$), o teste indicou apenas diferença não-significativa entre os grupos. Todavia, é pertinente lembrar que o volume de dados do presente estudo não é muito grande, permitindo a hipótese de que um maior número de ocorrências analisadas retornaria uma diferença significativa entre os grupos, por aumentar o poder do teste estatístico (DANCEY; REIDY, 2006).

Apesar de a duração da aspiração da oclusiva **t** ser influenciada de modo distinto em cada língua, observamos que a realização da aspiração do ILA apresenta, de modo geral, maior duração do que a aspiração do PB. Com o intuito de averiguar a referida hipótese, passamos à comparação da influência de vogais semelhantes entre-línguas na emergência da aspiração da oclusiva **t** do PB e ILA a seguir.

Iniciamos a comparação entre-línguas observando como a realização da duração da aspiração da oclusiva é influenciada pelas vogais **i** do PB e **ɪ** do ILA, ambas vogais anteriores e altas. As Figuras 6 e 7 apresentam os referidos dados de forma gráfica.

Figuras 6 e 7: Duração (ms.) da aspiração da oclusiva **t** seguida das vogais **i** do PB e **ɪ** do ILA.



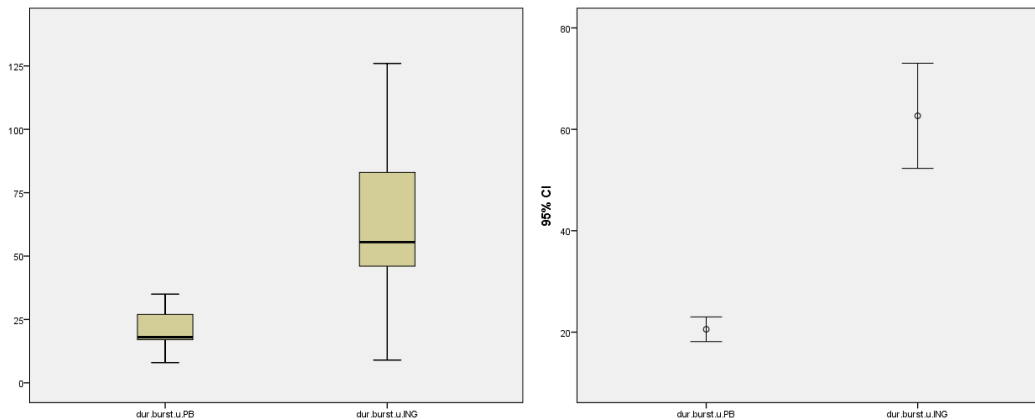
$$t(29) = -8,8; p < 0,01$$

A observação gráfica dos dados indica a existência de marcante diferença na duração da aspiração da oclusiva **t** seguida das vogais anteriores altas **i** do PB e **ɪ** do ILA. A observação dos dados indica que a vogal do ILA apresenta uma maior influência sobre a duração da aspiração da oclusiva **t** do que a vogal do PB. A análise estatística dos dados, realizada por meio de um teste t para amostras pareadas, indica que é baixa a probabilidade de a diferença entre os grupos ser decorrente do erro amostral. O fato indica que a realização da aspiração da oclusiva **t** no ILA é distinta do padrão encontrado no PB já no nível iniciante. A maior duração da

aspiração associada à realização da oclusiva **t** no ILA em comparação ao PB foi consistente mesmo com a alteração da vogal seguinte, conforme discutido a seguir.

Nas Figuras 8 e 9 apresentamos dados relativos à duração da aspiração da oclusiva **t** seguida das vogais **u** do PB e **u** do ILA.

Figuras 8 e 9: Duração (ms.) da aspiração da oclusiva **t** seguida das vogais **u** do PB e **u** do ILA.

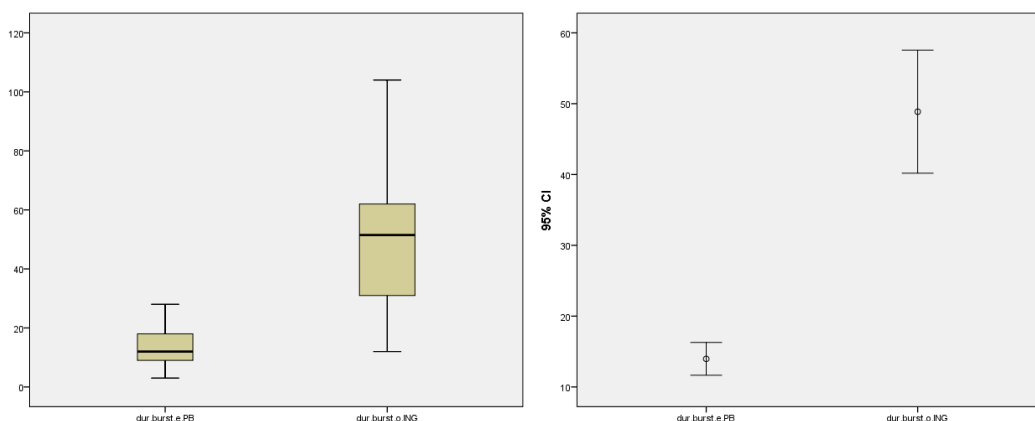


$$t(29) = -7,942; p < 0,01$$

A observação impressionista dos dados novamente revela marcante diferença na realização da aspiração da oclusiva **t** no ILA seguida pelas vogais do PB e ILA. A análise estatística por meio de um teste **t** pareado revela uma diferença significativa, indicando pequena probabilidade de a diferença entre os grupos ser decorrente do erro amostral.

Para encerrar a seção de comparação entre as influências de diferentes vogais seguintes do PB e do ILA na duração da aspiração da alveolar **t**, apresentamos nas Figuras 10 e 11 dados relativos às vogais médias-baixas **ε** do PB e **ɔ** do ILA sobre o fenômeno.

Figuras 10 e 11: Duração (ms.) da aspiração da oclusiva **t** seguida das vogais **ε** do PB e **ɔ** do ILA.



$$t(29) = -7,695; p < 0,01$$

Mais uma vez observa-se a maior duração da aspiração da oclusiva **t** associada à vogal média-baixa **ɔ** do ILA em comparação com a vogal média-baixa **ε** do PB. O teste *t* pareado indica novamente diferença significativa entre os grupos, sendo pequena a probabilidade de os resultados serem decorrentes do erro amostral.

A observação dos dados relativos à duração da aspiração da oclusiva **t** seguida de diferentes vogais do PB e ILA autoriza algumas conclusões. Primeiramente, percebe-se que a realização da aspiração da oclusiva **t** é significativamente influenciada pelas vogais do PB, com as vogais altas associadas a uma maior duração do fenômeno. Por sua vez, observou-se comportamento semelhante no ILA, mas que atingiu apenas diferença estatística não-significativa devido à influência as vogais seguintes sobre a aspiração.

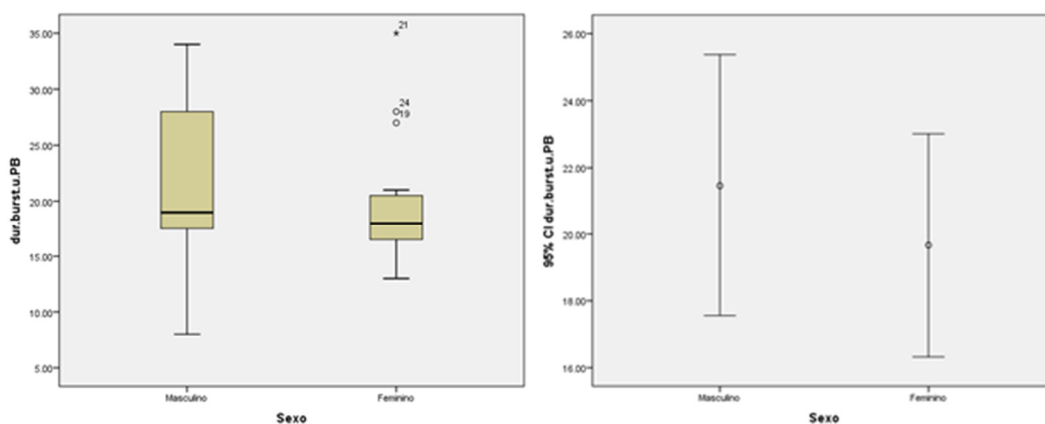
De modo inesperado, devido a este estudo utilizar apenas aprendizes iniciantes de inglês, observou-se marcante diferença na duração da aspiração da oclusiva **t** seguidas das vogais do PB e do ILA. O fenômeno não encontra-se relacionado a vogais específicas, com os dados apontando homogeneidade de comportamento entre as línguas analisadas. Conclui-se que a aquisição da aspiração da oclusiva **t** do ILA por aprendizes brasileiros é realizada de modo consistente mesmo em níveis iniciais de proficiência linguística. Apresentamos na seção a seguir análise envolvendo a variável sexo dos informantes.

5.2 Variável sexo

Na análise da variável sexo, objetivou-se analisar se a referida variável influencia de modo significativo a realização da duração da aspiração da oclusiva **t** no PB e ILA. Primeiro, são discutidos os dados referentes ao PB. Dados do ILA são apresentados na sequência.

As Figuras 12 e 13 apresentam dados relativos à realização da aspiração da oclusiva **t** seguida pela vogal **u** do PB por informantes do sexo masculino e feminino.

Figuras 12 e 13: Duração (ms.) da aspiração da oclusiva **t** seguida pela vogal **u** no PB por informantes do sexo masculino e feminino.



$$t(28) = 0,75; p = 0,45$$

Apesar da tendência pela maior duração por parte dos informantes do sexo masculino do que do feminino, as Figuras 12 e 13 apresentam marcante sobreposição dos dados de duração da aspiração da oclusiva **t** seguida da vogal **u** do PB. A análise estatística corrobora a impressão inicial, indicando a existência de diferença não-significativa entre os grupos.

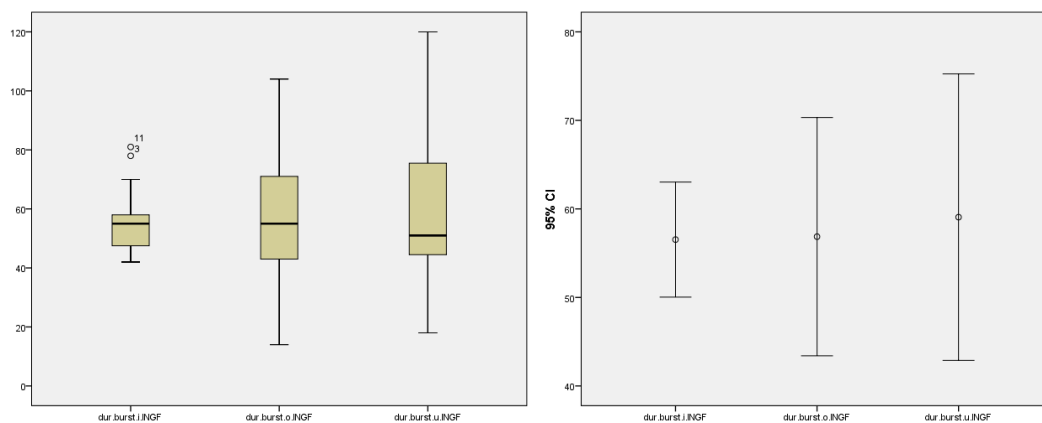
Testes semelhantes foram realizados visando analisar a influência da variável sexo na realização da aspirada da oclusiva seguida pelas vogais **i** e **ε** do PB. Encontramos apenas diferenças não-significativas também nesses casos, com a tendência pela maior duração da aspiração pelos informantes do sexo masculino mantendo-se consistente.

Testes estatísticos envolvendo a duração da aspiração da oclusiva **t** seguidas das vogais **i**, **ɔ** e **u** do ILA retornaram novamente apenas diferenças não-significativas entre os grupos de informantes do sexo masculino e feminino. Optamos pela não inclusão dos respectivos gráficos por concisão do texto. Conclui-se que no PB e no ILA o sexo dos informantes não implica em diferença de duração da aspiração da oclusiva **t** pelos informantes deste estudo.

Finalizados os testes entre-sexo, tendo sido encontradas apenas diferenças não-significativas entre os grupos masculino e feminino, passamos a partir deste momento à análise dentro-sexo. O objetivo desta análise é observar se informantes do mesmo sexo organizam a realização da aspiração da oclusiva **t** de modo distinto a depender da vogal seguinte do ILA.

Apresentamos nas Figuras 14 e 15 dados relativos à realização da aspiração da oclusiva **t** seguida pelas vogais **i**, **ɔ** e **u** do ILA por informantes do sexo feminino.

Figuras 14 e 15: Duração (ms.) da aspiração da oclusiva **t** seguida pelas vogais **i**, **ɔ** e **u** no ILA por informantes do sexo feminino.

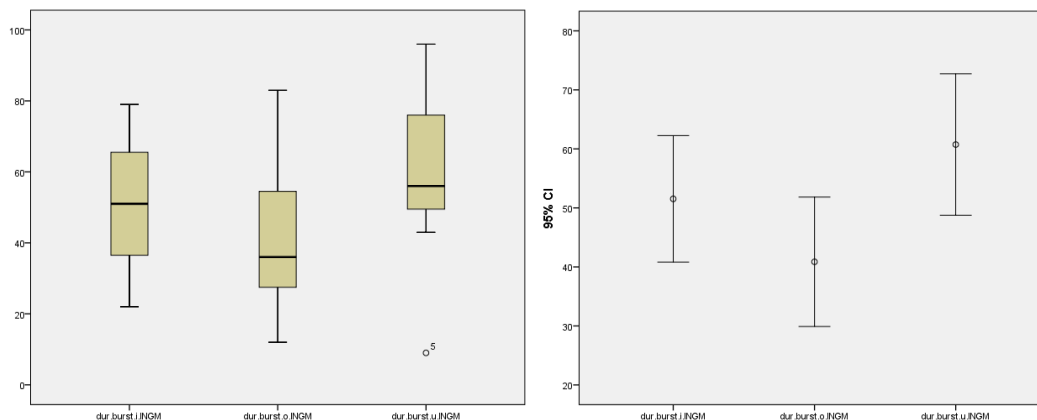


$$F(2) = 0,57 ; p = 0,9$$

Ao analisar as Figuras 14 e 15, pode-se observar uma alta sobreposição entre os valores de duração da aspiração pelas informantes do grupo feminino. O resultado da ANOVA para medidas repetidas indicou como esperado diferença altamente não-significativa entre os grupos. Conclui-se que o sistema de realização da aspiração da oclusiva **t** do ILA das informantes do sexo feminino deste estudo não é influenciado pela vogal seguinte de modo significativo.

Passamos à apresentação dos dados relativos à duração da aspiração da oclusiva **t** pelo grupo de informantes do sexo masculino nas Figuras 16 e 17.

Figuras 16 e 17: Duração (ms.) da aspiração da oclusiva **t** seguida pelas vogais **i**, **ε**, **u** no ILA por informantes do sexo masculino.



$$F(2) = 3,8; p = 0,04$$

No caso do grupo de informantes do sexo masculino, observa-se uma tendência pela realização da aspiração da oclusiva **t** quando seguida pelas vogais altas, quer anterior ou posterior. A realização da ANOVA de medidas repetidas indicou diferença significativa entre os grupos, apontando que informantes do sexo masculino são influenciados de modo significativo pela vogal seguinte quanto à duração da aspiração da oclusiva **t** do ILA, de modo distinto do que ocorreu com as informantes do sexo feminino.

Podemos resumir a análise da influência da variável independente sexo do informante como pouco influenciadora da variável dependente duração da aspiração da oclusiva **t** no PB e no ILA. Apenas encontramos diferença significativa quando observamos a influência da variável vogal seguinte na produção da aspiração dos informantes do sexo masculino. Todavia, o limitado número de ocorrências analisado nesta pesquisa aponta a necessidade de análises estatísticas mais robustas como necessário desdobramento desta pesquisa. Apresentamos na próxima seção o fechamento do artigo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve por objetivo analisar a emergência da aspiração na oclusiva alveolar desvozeada **t** por aprendizes brasileiros de ILA. Como pergunta problema, objetivamos responder: de que maneira emerge a aspiração na oclusiva alveolar desvozeada **t** na interfonologia PB-ILA? A hipótese deste estudo foi que a emergência da aspiração na oclusiva alveolar desvozeada **t** é influenciada pela vogal anterior alta **i** no PB e pela vogal **i** no ILA.

Tivemos como variável dependente a duração da aspiração da oclusiva **t**. Elencamos neste estudo a análise da influência sobre a aspiração de duas variáveis

independentes: a vogal seguinte e o sexo do informante. A hipótese básica foi refutada a partir da análise dos dados, retomada a seguir.

Observamos com que a realização da aspiração foi influenciada de modo significativo pela vogal seguinte à oclusiva **t**. Todavia, a variação aparentemente encontrou-se mais associada à altura da vogal, não estando a variação intrinsecamente associada a vogais específicas. Estudos posteriores poderão corroborar essa hipótese por meio da análise de todo o sistema vocálico do PB e do ILA, bem como a análise de um maior volume de dados, assim observando seus efeitos sobre a aspiração da oclusiva **t** e outras oclusivas desvozeadas.

Por sua vez, a análise da variável sexo dos informantes reportou, na grande maioria dos testes, apenas resultados não-significativos. O fato indica que provavelmente homens e mulheres apropriam-se da aspiração da oclusiva **t** de modo semelhante no PB e ILE, apesar de ser necessário a nosso ver aumento da base de dados para termos uma visão mais definitiva do fenômeno.

Por fim, conclui-se que a aquisição da aspiração da oclusiva **t** na interfonologia PB-ILA surpreendentemente é adquirida já nos estágios iniciais de proficiência linguística por aprendizes brasileiros de ILA no Rio Grande do Norte. O fenômeno pode estar relacionado à maior duração da aspiração da oclusiva **t** do PB comparada às oclusivas **p** e **k** no falar regional potiguar. Estudos ora em andamento buscarão averiguar a referida hipótese.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ubiratã K. Estudios recientes sobre la adquisición fonético-fonológica de lenguas extranjeras desarrollados en Brasil. In: LUCHINI, P. L.; GARCÍA, M. A. J.; ALVES, U. K (org.). **Fonética y Fonología**: Articulación entre enseñanza e investigación. Mar del Plata: Universidad Nacional de Mar del Plata, 2015. p. 98-109.

BOERSMA, Paul, WEENIK, David. Praat: doing phonetics by computer. Version 6.0.43. Disponível em: <http://www.praat.org>. 2018.

BYBEE, Joan. **Phonology and language use**. 2 ed. Cambridge: CUP, 2001.

COSTA, Mylani Nathalini Dantas; SILVA, Abraão Medeiros da; BARBOZA, Clerton Luiz Felix. A palatalização das oclusivas alveolares no PB: estado da arte. In: XI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UERN. **Anais do XI salão de iniciação científica da UERN**. Mossoró: UERN, 2015. p. 1572-1584.

COSTA, Mylani Nathalini Dantas; BARBOZA, Clerton Luiz Felix. Influência do falar regional na realização de línguas estrangeiras. **Revista Colineares**, v. 3, n. 1, p. 106-124, 2016.

CRISTÓFARO-SILVA, Thaís. **Pronúncia do inglês**: para falantes do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. Modelos multirrepresentacionais em fonologia. In: MARCHEZAN, Renata Coelho; CORTINA, Arnaldo. **Os fatos da linguagem, esse conjunto heteróclito**. Araraquara: FCLUNESP Laboratório Editorial, 2006. p. 171-185.

CRISTÓFARO-SILVA, Thaís; BARBOZA, Clerton L. F.; GUIMARÃES, Daniela; NASCIMENTO, Katiene. Revisitando a palatalização no português brasileiro. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 59-89, dez. 2012.

DANCEY, Christine P.; REIDY, John. **Estatística sem matemática para psicologia: usando SPSS para Windows**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

MENEZES, Vera. **Ensino de Língua Inglesa no Ensino Médio: teoria e prática**. 1. edi. São Paulo, 2013.

_____. Exemplar dynamics: word frequency, lenition and contrast. In: BYBEE, Joan; HOPPER, Paul (Comp.). **Frequency and the emergence of linguistic structure**. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 137-158.

POLAR ENGINEERING AND CONSULTING. **SPSS statistics**. Version 17.0. [S.l.]: Polar engineering and consulting, 2008.

SCHWARTZHAUPT, Bruno Moraes; BARATZ, Ana Hemmons; ALVES, Ubiratã Kickhöfel. Percepção e produção das plosivas do inglês (L2) por aprendizes brasileiros. In: SCHERER et.al (orgs.). **Anais do I seminário internacional de aquisição da linguagem - I SIAL**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. p. 01-13. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/anais/sial/2011/src/31.pdf>. Acesso em: 05 de junho de 2018.

ZIMMER, Silveira; SILVEIRA, Rosane; ALVES, Ubiratã Kickhöfel. **Pronunciation for Brazilians: Bringing theory and practice together**. Cambridges Scholars Publishing, 2009.

NOME DE URNA: ESTRATÉGIAS LINGUÍSTICAS PARA ANGARIAR VOTOS

BALLOT BOX NAME: LANGUAGE STRATEGIES TO GET VOTES

Shirlene Aparecida da Rocha¹⁸
Andreza Marcião dos Santos¹⁹

RESUMO: O presente trabalho visa analisar os nomes de urna utilizados por candidatos a vereadores nas eleições de 2016 em 3 cidades de Minas Gerais: Serra da Saudade, São José do Jacuri e Araçuaí. Para o desenvolvimento teórico foram consultados trabalhos sobre a onomástica, especificamente a antroponímia, como os de Vasconcelos (1928), Guérios (1981), Jonasson (1994), Carvalhinhos (2007), Henriques (2007), Van Langendonck (2007) e Amaral (2011). Foram coletados os dados eleitorais disponíveis no site do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Após o levantamento de dados eleitorais de cada cidade, foi feita a divisão entre os candidatos e os eleitos que utilizaram ortônimos (nome de urna igual ao nome civil) e alônimos (nome de urna diferente do nome civil). Ademais foram elencados os principais processos de alterações do nome civil realizados pelos candidatos (apelidos, hipocorísticos, parentesco, profissão, título militar, título religioso, papel social e até condição física) para se apresentarem aos eleitores. O que se comprovou com a pesquisa foi a preferência pelo uso de alônimos como nome de urna e o êxito das estratégias linguísticas eleitorais alonímicas utilizadas pelos candidatos.

Palavras-chave: Antroponímia. Nome de urna. Ortônimo. Alônimo.

ABSTRACT: The present research analyzes urn names used by candidates for city councilors in the 2016 elections in 3 cities of Minas Gerais: Serra da Saudade, São José do Jacuri and Araçuaí. For the theoretical background, studies involving onomastics, specifically anthroponymy, like those of Vasconcelos (1928), Guerios (1981), Jonasson (1994), Carvalhinhos (2007), Henriques (2007), Van Langendonck (2007) and Amaral (2011). Public electoral data available on the website of the Superior Electoral Court (TSE) was collected from each city. A division was made between the candidates and the elected who used orthonyms (the same as the civil name) and allonyms (different from the civil name). In addition, the main processes of civil name changes performed by some candidates (nicknames, hypocorists, kinship, profession, military title, religious title, social role and even physical condition) were presented to the voters. What was proved by the research was the preference for the use of alonyms as the name of a ballot box and the success of the electoral language strategies used by the candidates.

Keywords: Anthroponymy. Ballot box name. Orthonymous. Alonymous.

¹⁸ Doutoranda em Estudos Linguísticos pela UFMG; Professora EBTT-IFNMG, Campus Araçuaí. E-mail: shirlenerocha37@gmail.com

¹⁹ Doutoranda em Estudos Linguísticos pela UFMG. E-mail: andrezamarcao@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Sendo o Brasil um país de democracia representativa, a população é que escolhe seus representantes, presidente, governador, deputados federais e estaduais, senadores²⁰, vereadores e prefeitos, por meio do voto secreto, a cada 4 anos. O voto é obrigatório para pessoas entre 18 e 70 anos que sabem ler e escrever. Para analfabetos, pessoas com mais de 70 anos e jovens que têm entre 16 e 18 anos, o voto é facultativo. Analisamos nesta pesquisa os dados referentes às eleições municipais de 2016, para o mandato legislativo, nas cidades de Serra da Saudade, São José do Jacuri e Araçuaí, todas de Minas Gerais e com menos de 50.000 habitantes.

Tomamos como base, para a análise linguística dos nome de urna dos candidatos, a Resolução do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) de nº 23.455, de 15 de dezembro de 2015, capítulo VI, seção II, que dispõe sobre a escolha e o registro dos candidatos nas eleições de 2016.

Art. 30. O candidato será identificado pelo nome escolhido para constar na urna e pelo número indicado no pedido de registro.

Art. 31. O nome indicado, que será também utilizado na urna eletrônica, terá no máximo trinta caracteres, incluindo-se o espaço entre os nomes, podendo ser o prenome, sobrenome, cognome, nome abreviado, apelido ou nome pelo qual o candidato é mais conhecido, desde que não se estabeleça dúvida quanto a sua identidade, não atente contra o pudor e não seja ridículo ou irreverente. § 1º O candidato que, mesmo depois de intimado, não indicar o nome que deverá constar da urna eletrônica concorrerá com seu nome próprio, o qual, no caso de homonímia ou de excesso de caracteres, será adaptado pelo Juiz Eleitoral no julgamento do pedido de registro. § 2º Não será permitido, na composição do nome a ser inserido na urna eletrônica, o uso de expressão ou de siglas pertencentes a qualquer órgão da administração pública direta, indireta federal, estadual, distrital e municipal. (BRASIL, 2015, p. 10).

Sobre esta liberdade de escolha do nome de urna diferente do nome civil, os candidatos têm feito uso desta estratégia linguística com intuito de deixar a relação mais humana e até pessoal para tentar conquistar os eleitores. Nas eleições municipais de 2016, conforme publicação no portal G1 da globo (2016) a partir de dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), houve um crescimento de 25% referente ao uso do título religioso “pastor” comparado às eleições de 2012. Foram registradas 2.759 candidaturas com a palavra “pastor” como nome de urna e 557 com o termo “pastora”, além de variações como “pastorzinho” e “pastorzão”, totalizando 15. Outros 39 candidatos utilizaram nome de urna fazendo alusão a outro pastor, como por exemplo “Raquel do Pastor João”. Além de 2.186 candidatos com nome de urna “irmão”, 841 como “irmã” e 150 que colocaram o termo “padre” antes do prenome.

²⁰ Os senadores são eleitos segundo o sistema de voto majoritário, com mandato de oito anos, assim cada mandato de senador dura duas legislaturas.

Houve ainda nomes de urna com os termos “pais”, “mães”, “freis”, “bispos”, totalizando mais de 6.600 candidatos com referências religiosas por todo o Brasil.

Diante destes fatos, objetivamos verificar se nas cidades pesquisadas se repete este processo de nome de urna diferente do nome civil; se também houve muitos candidatos que utilizaram títulos religiosos; quais outras possibilidades de formação de nome de urna foram utilizadas; quais diferenças podemos perceber na caracterização linguística dos prenomes, apelidos, sobrenomes, hipocorísticos, etc. Para isso, além dos dados disponibilizados pelo TSE, para subsidiar a análise aqui proposta, consultamos pesquisas da onomástica, que é uma subárea da lexicologia responsável pelo estudo dos nomes próprios, dentro da qual se encontra a antroponímia, foco deste trabalho, e que se ocupa do estudo específico dos nomes, sobrenomes, alcunhas e apelidos de pessoas, ou de personativos.

Nosso trabalho se organiza da seguinte maneira: inicialmente retomamos alguns pressupostos teóricos sobre nomes próprios, categorias antroponímicas e nome de urna. Na sequência apresentamos os procedimentos metodológicos que utilizamos e os dados coletados para a seguir apresentarmos os resultados obtidos. Por fim, apresentamos as considerações finais, ressaltando a importância do tema e a necessidade de trabalhos mais aprofundados na área.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1 Os nomes próprios

Os nomes próprios, na tradição gramatical, são abordados como uma subdivisão do substantivo (próprio ou comum). No entanto, sabemos que os nomes próprios têm sido objeto de estudos interdisciplinares, por isso, merecem uma atenção especial, não devendo ser vistos apenas como meros rótulos. Amaral e Seide (2020) destacam o interesse de áreas do conhecimento como a Psicologia, a Psicopedagogia, a História, a Antropologia, a Lógica e a Filosofia pelo estudo do nome próprio, com diferentes abordagens.

Tangente à Linguística, diversos trabalhos têm sido desenvolvidos acerca dos nomes próprios (onomástica), seja sobre aspectos sintáticos, semânticos ou morfológicos, além de aspectos etimológicos, geográficos, sociais, históricos, etc. Portanto, o estudo dos nomes próprios mantém uma interface com diferentes áreas.

Jonasson (1994) afirma que os nomes próprios constituem uma categoria linguística prototípica, e possuem propriedades típicas (introdução por maiúscula, flexão fixa, ausência de determinação em função referencial, falta de sentido lexical e designação de pessoas e lugares) mas não definitórias. Além de terem estas propriedades típicas, em virtude do sistema linguístico, eles podem desempenhar diversas funções cognitivas ou comunicativas, vindo combinados com determinantes ou não, conforme apresentamos a seguir nas categorias antroponímicas.

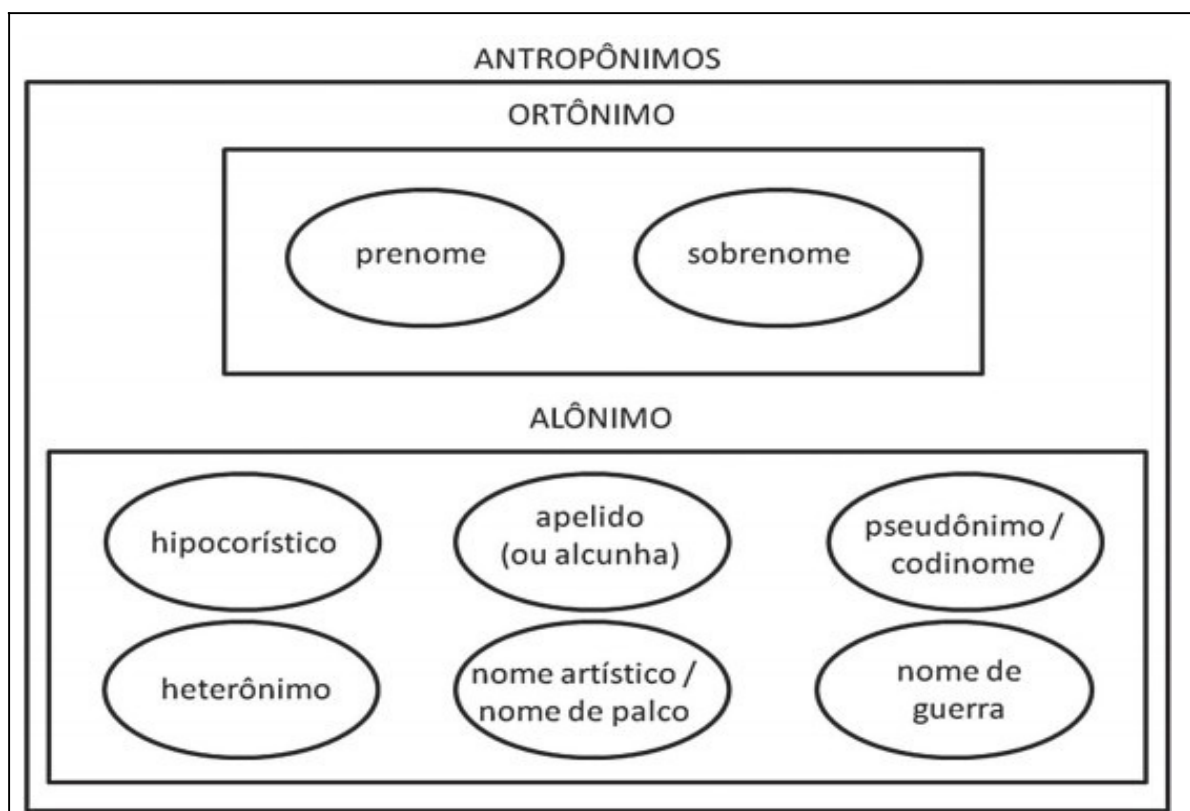
2.2 Categorias antroponímicas

Antroponímia é uma subárea ou vertente que integra a onomástica e que estuda os nomes próprios de pessoas, os antropônimos. Conforme Carvalhinhos (2007), o termo Antroponímia, em língua portuguesa, apareceu pela primeira vez em 1887, na Revista Lusitana, utilizada por seu criador, o filólogo Leite de Vasconcelos.

De acordo com Guérios (1981), existem duas possibilidades de estudo dos antropônimos: a) o nome a partir de sua etimologia, seu significado; b) a partir do uso do nome em um contexto social e cultural (possibilidade a partir da qual se criou a subárea denominada Socio-Onomástica). Na mesma direção e entendimento de Guérios temos Van Langendonck (2007, p.7), que define as perspectivas de estudo dos antropônimos propondo os seguintes termos: *proprial lemmas* (para forma linguística atrelada ao étimo²¹) e *individual use of proper name* (forma linguística atrelada ao uso).

Para Van Langendonck (2007), a classificação dos antropônimos “ainda constitui um real desafio para todos os níveis da linguística: morfologia, sintaxe, semântica e pragmática”. Conforme Amaral (2011), são várias as diferenças linguísticas na caracterização dos membros antroponímicos, como prenomes, apelidos, sobrenomes, hipocorísticos, etc., para fazer referência a um indivíduo. A fim de defini-los e classificá-los para os estudos linguísticos, ele apresenta uma proposta de classificação que divide o grupo de antropônimos em ortônimos (nome civil) e alônimos (nome não civil), a qual seguiremos neste trabalho e apresentamos na Figura 1.

Figura 1 – Diagrama da tipologia de antropônimos.



Fonte: Amaral (2011).

²¹ Toda forma dada ou estabelecida que constitui a base ou origem de uma palavra.

Sobre o ortônimo, é inquestionável seu caráter individualizador, particularizando uma pessoa no contexto da vida social e que, exceto por situações excepcionais, será conservado por toda a vida. Diversos autores tentam definir nome civil, inclusive juridicamente, como Diniz (1999, p. 209), para a quem “o nome integra a personalidade por ser o sinal exterior pelo qual se designa, se individualiza e se reconhece a pessoa no seio da família e da sociedade [...]”.

Quanto à composição do ortônimo, o Código Civil estabelece que toda pessoa tem direito ao nome, nele compreendidos o prenome (simples ou composto) e o sobrenome (apelido de família, patronímico ou agnome²²). Ademais, a Lei número 6.015, art. 55 parágrafo único, proíbe que os oficiais do cartório civil registrem prenomes que exponham ao ridículo os seus portadores, impondo-lhes danos psicológicos, morais e sociais.

Com referência aos alônimos, são bem heterogêneos, com apelidos, hipocorísticos, pseudônimos/codínome, nomes artísticos/nome de palco, heterônimos, etc. Quanto aos apelidos, adotamos a definição de Leborans (1999, p.81): “nome que substitui o nome civil, criado geralmente por um indivíduo diferente do portador do nome próprio e que frequentemente alude a uma característica física ou intelectual: pode ser ou não depreciativo”.

Os hipocorísticos, consideramos como palavra criada por afetividade, normalmente formada a partir de alguma alteração morfológica como: reduplicação silábica (*Lulu de Ana Luísa*); vários outros tipos de procedimentos de criação lexical como derivação por sufixação diminutiva (*Mariinha, Carmita*); aumentativa (*Marcão, Paulão*); de abreviação (*Guto por Gustavo; Caíque por Carlos Henrique*, etc).

O pseudônimo, com acepção semelhante ao codínome, se diferencia do apelido, pois normalmente é escolhido pelo portador do nome civil que o substitui, é o caso, por exemplo, de *Senor Abravanel*, que no final da década de 40 participou de um concurso para locutor da Rádio Guanabara, ficando em primeiro lugar. Logo participou e ganhou 12 concursos seguidos e quando tentaram impedi-lo de concorrer em outros concursos, adotou o pseudônimo de *Sílvio Santos* para continuar participando.

Nome artístico ou de palco é um tipo de pseudônimo, porém, normalmente é usado por atores, comediantes, músicos, etc., pelo fato de não terem um nome civil considerado muito atrativo ou então ser de difícil pronúncia ou escrita, caso de *Bucheça da dupla Claudinho e Buchecha*, cujo nome civil é *Claucirlei Jovêncio de Souza*. Tudo isso coaduna com *Dick* (1992), que, seguindo os postulados de *Dauzat* (1950) acerca da designação, afirma que a nomeação pode ter caráter espontâneo (apelidos), “nascida no seio popular e não individualizado, por não ter uma autoria identificável, em princípio”, bem como ser sistemática ou oficial (nome civil).

Toda esta heterogeneidade de formação dos alônimos vem ganhando destaque no meio político, através dos mais diversos nomes de urna, usados pelos candidatos a algum cargo eletivo, conforme próxima seção.

²² Tem a função de diferenciar pessoas da mesma família que possuem o mesmo prenome e sobrenome. São nomes do tipo *Filho, Neto, Neta, Sobrinho, Sobrinha*. Não se transmite e deve ser inscrito no momento do registro de nascimento.

2.2.1 Nome de Urna

No Brasil, a Lei nº 9.504 de 30 de setembro de 1997 estabelece as normas para as eleições, normatiza o nome de urna e estabelece as regras para sua formação, conforme se lê no artigo 12

Art. 12. O candidato às eleições proporcionais indicará, no pedido de registro, além de seu nome completo, as variações nominais com que deseja ser registrado, até o máximo de três opções, que poderão ser o prenome, sobrenome, cognome, nome abreviado, apelido ou nome pelo qual é mais conhecido, desde que não se estabeleça dúvida quanto à sua identidade, não atente contra o pudor e não seja ridículo ou irreverente, mencionando em que ordem de preferência deseja registrar-se (BRASIL, 1997, p. 4).

Portanto, o nome de urna é um ato jurídico, aplicado a um grupo restrito de indivíduos, no caso, os candidatos a algum cargo eletivo, que têm a possibilidade de escolher o antropônimo que julga melhor lhe representar diante dos eleitores, ou seja, um atalho cognitivo para chegar ao eleitor.

Para Silveira (1996), estes atalhos funcionam para "eleitores não racionais", ou seja, aqueles que não têm conhecimento aprofundado sobre questões políticas e votam pelo nome de urna. Dessa forma, uma pesquisa mais abrangente e aprofundada sobre como o eleitor faz suas escolhas políticas pode ser um meio de testar a hipótese de "Eleitor racional ou Eleitor não racional", proposta por Silveira (1996).

Importante ressaltar que algumas formações de nome de urna podem não ser tão favoráveis quanto outros. Termos religiosos, como pastor, padre, por exemplo, podem ser adicionados pelos candidatos com intuito de angariar votos e devido à competição entre cristãos, evangélicos e outros grupos religiosos, gerar efeitos negativos ou positivos. Identificar-se como padre, por exemplo, pode contribuir para conseguir votos de católicos, mas não de evangélicos. Por outro lado, os que usarem o título de médico, poderão influenciar a escolha de voto dos eleitores por se referir a um termo com o estereótipo positivo, pessoa inteligente, competente.

Apresentamos a seguir os procedimentos que utilizamos para coleta dos dados e os resultados obtidos na análise dos dados eleitorais de 2016 nos 3 municípios.

3 METODOLOGIA

Por se tratar de um estudo de caráter exploratório, com intuito de provocar uma pesquisa mais aprofundada sobre o tema, escolhemos para a análise 3 municípios de Minas Gerais, de diferentes mesorregiões, com população inferior a 50.000 habitantes, conforme dados censitários de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e com os quais tínhamos algum vínculo. Os municípios escolhidos foram: Serra da Saudade com 815 habitantes; São José do Jacuri com 6.553 habitantes; e, Araçuaí com 36.013 habitantes.

As pesquisas foram feitas no banco de dados do Repositório de dados eleitorais - Tribunal Superior Eleitoral (TSE) - alusivo aos dados das eleições municipais de 2016. Após coletados, os dados foram sistematizados e compilados no programa em planilha eletrônica, fato que possibilitou uma visão geral dos dados referentes a todos os candidatos e aos eleitos que fizeram uso de ortônimos ou alônimos, conforme Quadro 1, posteriormente representado em gráficos.

Quadro 1 - Nome de urna dos candidatos a vereadores

Município	Candidatos - 161		Eleitos - 29	
	ortônimos	alônimos	ortônimos	alônimos
Araçuaí	24	73	2	9
São José do Jacuri	16	33	2	7
Serra da Saudade	6	9	3	6
Total	46	115	7	22

Fonte: Elaborado pelas autoras.

No Quadro 1 já constatamos que nas eleições municipais de 2016, nas cidades pesquisadas, a formação dos nomes de urna com alônimos foi a que prevaleceu tanto para os candidatos 115/161 quanto para os eleitos 22/29.

A partir da apresentação dos dados na próxima seção, temos uma proposta de auxiliar na compreensão de como se dá a escolha do nome de urna, quais aspectos interferem nas escolhas dos candidatos para conquistar o eleitor.

4 ANÁLISE E RESULTADOS

Em todas as eleições, a lista de candidatos a cargos eletivos é extensa, por isso a importância do uso de boas estratégias para angariar votos. Em busca da melhor estratégia, muitos tentaram os atalhos cognitivos informacionais sobre religião, profissão, parentesco, papel social ou hipocorísticos, como nome de urna, conforme apresentamos a seguir, por município, seguindo a classificação antroponímica proposta por Amaral (2011).

4.1 Serra da Saudade – MG

Localizada no Centro-Oeste de Minas Gerais com 815 habitantes, a cidade teve 15 candidatos disputando 9 vagas na câmara de vereadores (ortônimos 40% e alônimos 60%).

Foram 6 formações do nome de urna com ortônimos, sendo 1 mononuclear: *Virgínia* (utilizando apenas prenome simples) e 5 multinucleares: *José Wilson*, *Sirlei de Oliveira*, *Amanda Araújo*, *Rogério Alves* e *Isabela Machado*, formadas por prenomes compostos ou prenome + sobrenome.

No grupo dos alônimos tivemos: 02 hipocorísticos, formados pelo acréscimo de diminutivo “*Renatinho*” e abreviação do prenome “*Geraldo*” por “*Gê*”; e, 07 apelidos com duas formas de constituição:

- a) referência a traços físicos e/ou comportamentais (03): *Branco* (mononuclear); *Eustáquio Preto*; e, *Geraldo Batata* (multinucleares prenome + apelido);
- b) referência a vínculo familiar (04): *Irene do Tarcisio*; *Simone do Zé da Dina* (prenome + sintagma preposicional + vínculo familiar); *Carlinhos da Tereza* (hipocorístico + sintagma preposicional + vínculo familiar); e, *Filho do Zé Meloso* (substituição do prenome Adilson por Filho + sintagma preposicional + vínculo familiar).

4.2 São José do Jacuri – MG

Localizada no Vale do Rio Doce, com 6.477 habitantes, onde foram registradas 49 candidaturas (ortônimos 33% e alônimos 67%), para as 9 vagas legislativas.

Registrados com ortônimos foram 16 nomes, sendo 6 formações mononucleares, apenas com prenomes simples: *Lusmar*, *Judite*, *Nildece*, *Nora*, *Wélida* e *Odélcio*; em 10 multinucleares, sendo prenomes compostos ou prenome + sobrenome: *Ana Ordália*, *Paulo Henrique*, *José Timóteo*, *Alberth Matias*, *Alex Sandro*, *Jair Barroso*, *Ovídio Nogueira*, *Simone Campos de Moraes*, *Marília F* e *Jorge Lacerda*.

Alusivo aos alônimos tivemos 33 registros: 11 hipocorísticos formados por redução do prenome - *Floriana* por *Flor*, *Valdivina* por *Divina*, *Tio Lauro* por *Tilau*; acréscimo de diminutivo ao prenome - *Euzébio* por *Zibinho*, *Alessandro* por *Sandrinho*, *Júlio* por *Julinho*, *Alaíde* por *Leidinha*; acréscimo de aumentativo ao prenome - *Milton* por *Miltão*; ou, apenas afetividade - *Zizi*, *Pitoca*, *Birreque*. Foram observados apelidos com 4 formas de constituição:

- a) traços físicos ou comportamentais (8): *Soró*, *Faísca* (mononucleares); e, *Zé Cueca*, *Geraldo Turinha*, *Geraldo Calcinha*, *Geraldo Pequeno*, *Chiquinho Cipó*, *Emerson Bolão* (multinucleares, prenome ou hipocorístico + apelido);
- b) vínculo familiar (6): (todos multinucleares formados por prenome ou apelido + sintagma preposicional + vínculo familiar): *Rosalvo do Neguito*, *Afonso do João Geraldo*, *Maria do Zé da Inês*, *Branco do Chico Alves*, *Vaninho do Sr. Wallace* e *Lucinha do Neguinho*;
- c) área/local de trabalho (5): (todos multinucleares compostos por prenome ou apelido + sintagma preposicional + ocupação): *Ana da Agricultura*, *Ailton da Saúde*, *Laninha do GS*, *Terezinha da Carlota* e *Everaldo do Léo*;
- d) residência (3): (multinucleares, formados por prenome + sintagma preposicional + local de residência): *Lúcio do Trevo*, *Joel do Tabuleiro* e *Willian do Tabuleiro*.

Em relação aos apelidos com referência à ocupação, é imprescindível que se conheça os candidatos para não confundir com vínculo familiar como em *Laninha do GS* e *Everaldo do Léo*, em que GS e Léo são nomes dos supermercados onde trabalham ou em *Terezinha da Carlota*, em que Carlota é o nome da dona da casa onde a candidata trabalhou por muito tempo, portanto não existe nenhum vínculo familiar.

4.3 Araçuaí – MG

Localizada no Vale do Jequitinhonha com 36.705 habitantes, cidade em que 97 candidatos (ortônimos 25% e alônimos 75%) disputaram as 11 vagas para vereadores.

Em Araçuaí tivemos apenas 24 ortônimos: 6 mononucleares formados por prenomes - *Fabírcia, Darly, Martinha²³, Roberta, Romário, Ustane*; e 18 nomes multinucleares formados por prenomes compostos - *Mônica Cássia, Maria Aparecida, Ana Helena, Maria Rosa*; prenome simples + sobrenome - *Lúcio Assis, Yuri Hunas, Sumaia Neiva, Antônio Mendes, Demário Batista, Reginaldo Coelho, Lucrecia Colares, Jeane Gama, Mônica André, Paulinni Gusmão, Cléa Amorim e Carlindo Dourado*; ou prenome composto + sobrenome: *João Luis Rezende e Maria Aparecida Paiva*.

No grupo dos alônimos tivemos 25 hipocorísticos: formados por redução de prenomes - *Léo, Diana, Lena, Tim, Ita, Cristal, Zé Cinzano, Zé Pereira*; truncamento - *Majela* por *Majal*; acréscimo de diminutivo - *Tidinho, Zaninha, Pedrinho, Carlinho(s), Kenninho, Marildinha, Tiãozinho*; acréscimo de aumentativo - *Domingão, Cidão*; ou apenas forma carinhosa atribuída ao nomeado, pelos familiares e amigos - *Tyo, Gilsa, Ninha, Tuquira, Sinhá, Liu, Tula*.

Um total de 48 apelidos, com 8 formas de constituição, foram observados:

a) traços físicos ou comportamentais (07): 2 mononucleares - *Fera, Prefeito*; e 5 multinucleares, formados por prenome + apelido - *Zé Mário Carão, Tiago Sensação, Guilherme Kokeiro, Desudeth Brocão*; ou hipocorístico + apelido - *Vando Pica Pau*;

b) vínculo familiar (4): multinucleares, formados por nome ou apelido + sintagma preposicional + vínculo familiar - *Vicente de Minguinho, Dio de Jafet, Pingo de João de Merita e Ronaldo de Daim*;

c) área/local de trabalho (14): multinucleares, formados por prenome/hipocorístico + área ou local de trabalho do candidato - *Rejane da Saúde, Silvana da Saúde, Nenzinha da Saúde, Fernando da Limpeza, Marcinho da Lanchonete, Carlinhos da AABB, Roger Silva da Rádio, Áureo do Bar, Paulinho do Caminhão, José Luís da Mercaria São José, Vanglei da Marmoraria, Genildo da Creche, Miltinho da Banca e Jaqueline da Farmacinha²⁴*;

d) local de residência (3): todos multinucleares, prenome + o topônimo identificador - *Marcinha Baú, Tadeu do Schnoor e Ilma do Morro da Liga*;

e) ocupação²⁵ (14): multinucleares, sendo o prenome/apelido + a ocupação - *André Contador, Douglas Assistente Social, Nanico Mototáxi, Maria Emília Trabalhadora Rural, Nestor Carpinteiro, Cláudio Mascate, Aécio Vidraceiro, Arthur Vereador, Frederico Vereador, Elias Verador, Koká Vereador*; ou a ocupação + o prenome/apelido - *Professor Welder, Vereador Asdubal, Vereador Cláudio*. Referente à ocupação é importante ressaltar que 6

²³ O sufixo -inha normalmente é usado como hipocorístico, no entanto, é o nome civil da candidata.

²⁴ Linguisticamente o sufixo -inha indicaria uma farmácia pequena, porém, na cidade é usado para identificar a farmácia pública, com distribuição gratuita de medicamentos.

²⁵ Foram incluídas nesta categoria apenas as ocupações constantes no código brasileiro de ocupações – CBO, disponível em <http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/home.jsf>.

candidatos tentaram reeleição usando o termo vereador como nome de urna, destes apenas 3 foram reeleitos;

f) causalidade²⁶ (04): multinucleares com ou sem sintagma preposicional - *Vicente do violão, Agnaldo Salgado, Clovinho do café e Istela Cosmético*. Respectivamente pelo fato de tocar violão em um coral da cidade, vender salgados pela rua, vender café e ter uma loja de cosméticos);

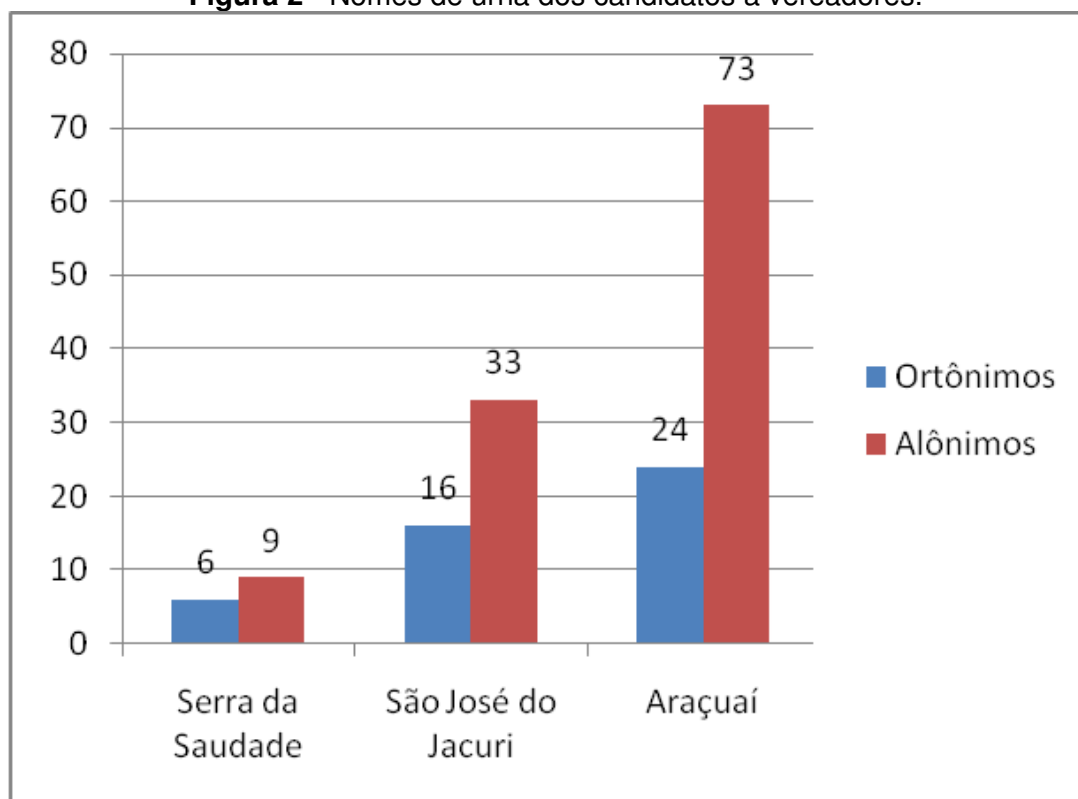
g) título religioso: apenas 1 com o uso do termo bispo antes do prenome - *Bispo José Rios*; e,

h) limitação física: apenas 1 registro com hipocorístico + condição física - *Carlinhos Cadeirante*.

4.4 Comparativo

Somando-se o número de candidatos das 3 cidades tivemos 161 (cento e sessenta e um) candidatos e 29 (vinte e nove) eleitos. Tanto no que se refere ao nome de urna dos candidatos quanto ao nome de urna dos eleitos, prevaleceram os alônimos (hipocorísticos e apelidos), como pode ser observado nas Figuras 2 e 3 respectivamente.

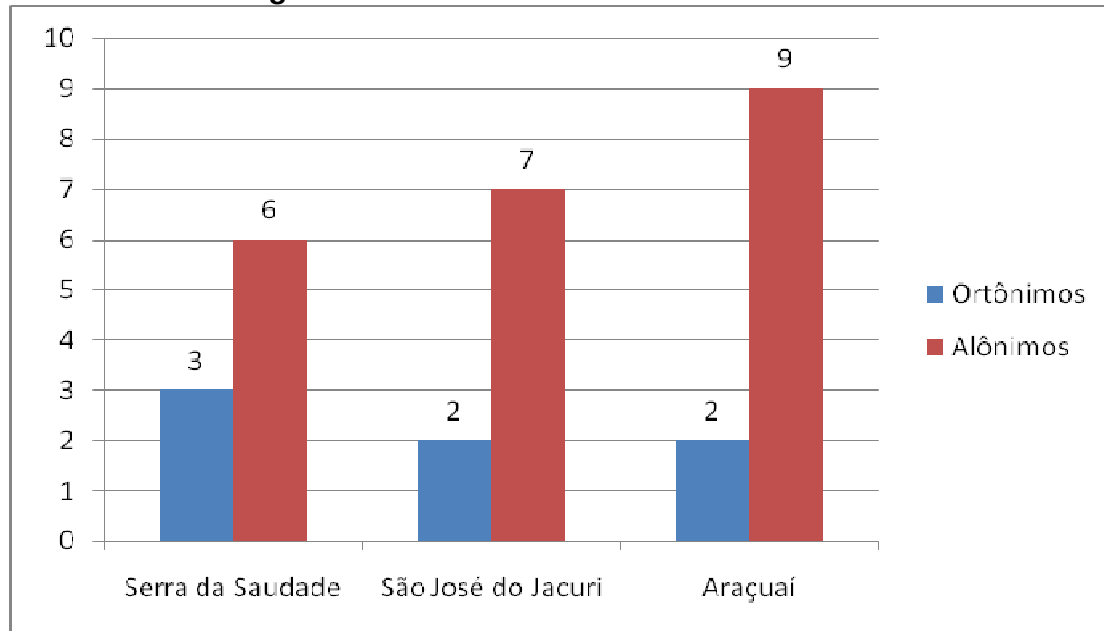
Figura 2 - Nomes de urna dos candidatos a vereadores.



Fonte: elaborado pelas autoras.

²⁶ Optamos por esta nomenclatura tendo em vista que se trata de um motivo pelo qual o nomeado é conhecido na cidade.

Figura 3 - Nome de urna dos vereadores eleitos.



Fonte: elaborado pelas autoras.

Comparando o número de candidatos com o número de eleitos e a relação com o uso de alônimo ou ortônimo como nome de urna, observamos que dos 161 candidatos, 115 usaram alônimos (71.4%) e 46 ortônimos (28.6%). Quando passamos para o número de eleitos, esta proporção aumentou, pois dos 29 candidatos eleitos, 22 (75.9%) se apresentaram aos eleitores com alônimos e apenas 7 (24.1%) com ortônimos, fato que indica o sucesso do uso de alônimos como estratégia para angariar votos.

Estes 22 eleitos com o uso de alônimos como nome de urna, utilizaram os seguintes processos de constituições:

- a) a ocupação (3): *vereador Cláudio, Koká vereador, vereador Asdúbal*;
- b) ênfase na área/local de trabalho (1): *Ailton da Saúde*;
- c) hipocorístico (11): *Domingão Ramalho, Léo Onnis, Sinhá, Tiãozinho, Birreque, Julinho, Zizi, Sandrinho, Branco, Renatinho, Gê*;
- d) apelidos que enfatizam:
 - 1) traços físicos ou comportamentais (4): Guilherme Kokeiro, Faísca, Geraldo Turinha; Geraldo Batata;
 - 2) vínculo familiar (3): *Erotides Filho Tidinho, Filho do Zé Meloso, Carlinho da Tereza*.

Constatamos que o alônimo que se destacou como possível favorecedor de conquista de voto foram os hipocorísticos, o que se justifica pelo fato de nos municípios pequenos, a maioria das pessoas se identificarem assim. Ressaltamos também que o uso do termo "vereador", na composição do nome de urna, pode ser um fator positivo ou negativo, dependendo dos feitos do candidato na gestão do cargo. Nesta pesquisa tínhamos 6 candidatos que o utilizaram como estratégia junto ao nome e apenas 3 foram reeleitos. Provavelmente os que foram bons vereadores no mandato anterior.

Outra observação diz respeito aos termos *turinha*, *torinha* e *batata*, substantivos comuns que, ao se transformar em antropônimos, passam a ter o caráter de próprio, ratificando a definição de alônimos proposta por Henriques (2007):

Epítetos, cognomes, apelidos, antonomásias, alcunhas são substantivos comuns tomados a partir de uma motivação metonímica ou metafórica – conhecida ou desconhecida – como substitutos de um antropônimo e, em decorrência disso, às vezes redigidos também como substantivos próprios (HENRIQUES, 2007, p. 225).

Definição ratificada quando deparamos com nomes comuns (*calcinha*, *sensação*, *batata*, *filho*, etc.), que perdem o seu sentido lexical e, por uma motivação metafórica ou metonímica, são tomados como nomes próprios, escritos com letra maiúscula, que é uma característica de prototipicidade dos nomes próprios apontada por Jonasson (1994): *Geraldo Calcinha*, *Tiago Sensação*, *Geraldo Batata* e *Filho do Zé Meloso* (*Filho* substitui o prenome “*Adilson*”).

Ademais, ocorreu uma forma de apelidamento nas 3 cidades que recorre a duas gerações para estabelecer o vínculo familiar: *Simone do Zé da Dina*, *Maria do Zé da Inês* e *Pingo de João de Merita*.

Na formação de apelidos por referência a vínculo familiar, observamos que em São José do Jacuri e Serra da Saudade aparece o artigo definido como determinante: Serra da Saudade (*Irene do Tarcisio*), S.J.Jacuri (*Vaninho do Sr. Wallace*), Araçuaí (*Vicente de Minguinho*). Esta presença de artigo diante dos antropônimos, para Cunha e Cintra (1985), indicaria um tom de afetividade ou familiaridade. Para Neves (2000), o artigo é utilizado principalmente em situações coloquiais e antes de nomes de pessoas conhecidas e famosas. No entanto, ela reconhece que este uso é ligado a costumes regional, familiar ou pessoal, o que observamos nas três cidades analisadas.

Sabemos que, mesmo várias gramáticas tradicionais precrevendo que os nomes próprios de pessoa não levam artigo porque aquele a quem falo em geral não conhece, uma por uma, as pessoas que eu conheço ou que se usa apenas na linguagem da intimidade, o que se observa, é que tanto na língua portuguesa como em outras línguas, há um comportamento distinto sobre o uso ou não do artigo. Passamos na próxima seção às considerações finais do artigo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o objetivo deste trabalho que foi levantar uma discussão sobre a possibilidade do nome de urna interferir ou não na escolha de um candidato pelos eleitores, após coleta e análise constatamos que a escolha certa do nome de urna é um dos fatores que pode influenciar na escolha do eleitor.

Nesta pesquisa ratificamos o postulado de Carvalhinhos (2007, p. 2), segundo o qual “o nome próprio tem como função registrar atitudes e posturas sociais de um povo, suas crenças, profissões, região de origem, entre outros aspectos”, conforme

constatamos nos nomes de urna, com a força demonstrada pelos apelidos e hipocorísticos, enquanto estratégia eleitoral.

Dessa forma podemos afirmar que os nomes de urna funcionam como uma espécie de atalho cognitivo para o candidato se fazer mais próximo do eleitor, seja enfatizando sua ocupação, seus vínculos familiares ou a intimidade de poder ser chamado pelo apelido.

Algumas hipóteses possíveis para um estudo mais aprofundado são:

- a) a escolha do nome de urna é uma estratégia para angariar votos;
- b) o uso de nomes de urnas formados com ocupações, apelidos, títulos religiosos ou militares tanto podem gerar efeito positivo quanto negativo;
- c) em municípios pequenos o candidato precisa escolher um nome de urna que torne mais próximo possível do eleitor;
- d) muitos candidatos a cargos políticos veem o nome de urna como mais importante para angariar votos do que suas propostas políticas.

Por fim, enetendemos que os nomes próprios merecem a devida importância em diferentes épocas e espaços, sob diversas perspectivas, conforme sintetizado por Dauzat (1950, p. 6), para o qual “o interesse psicológico e social dos nomes de pessoas é considerável. Para quem sabe interpretá-los, os nomes carregam em sua fisionomia o reflexo, a marca das civilizações passadas”. E, embora não existam muitos trabalhos sobre os nomes de urna, trata-se de uma escolha importante tanto para o candidato quanto para o eleitor. É um tema que requer atenção e mais estudos relacionando áreas como Psicologia, Ciência Política e Antroponímia, a fim de uma análise científica desta interface.

REFERÊNCIAS

AMARAL, E. T. R. Contribuições para uma tipologia de antropônimos do português brasileiro. *Alfa Revista de Linguística*, São Paulo, v. 55, n. 2, p. 63-82, 2011.

AMARAL, E. T. R.; MACHADO, V. B. 2015. Nomes de urna e nomes parlamentares de vereadores da Câmara Municipal de Ouro Preto. *Revista GTLex*, v. 1, p. 52-65, 2015. DOI 10.14393/Lex1-v1n1a2015-4.

AMARAL, E.T.R; SEIDE, M.S. 2020. *Nomes próprios de pessoa: introdução à antroponímia brasileira*. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2020.

BOAS, T.C. Pastor Paulo vs. Doctor Carlos : Professional Titles as Voting Heuristics in Brazil. *Journal of Politics in Latin America*, v. 2, p. 39-72, 2014. Disponível em : http://people.bu.edu/tboas/pastor_paulo.pdf. Acesso em: 10 jun. 2019.

BRASIL. *Resolução nº. 23.455, de 15 de dezembro de 2015*. Dispõe sobre a escolha e o registro dos candidatos nas eleições de 2016. Brasília, DF, dez. 2015. Disponível em: <http://www.tse.jus.br/legislacao-tse/res/2015/RES234552015.htm>. Acesso em: 09 de junho de 2019.

BRASIL. *Lei nº 6.015, de 31 de dezembro de 1973*. Dispõe sobre os registros públicos, e dá outras providências. Brasília, DF, dez. 1973. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6015compilada.htm. Acesso em: 05 de junho de 2019.

CARVALHINHOS, Patrícia de J. As origens dos nomes de pessoas. *Domínios de linguagem*. Ano 1, nº 1. 1º semestre 2007. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11401/6686>. Acesso em 05 de junho de 2019.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DAUZAT, A. *Les noms de personnes: origen et évolution Prénoms – Noms de famille – Surnoms*. 4. ed. Paris: Delagrave, 1950.

DICK, M. V. P. A. *Toponímia e antroponímia no Brasil*. Coletânea de estudos. São Paulo: Gráfica da FFLCH/USP, 1992.

DINIZ, Maria Helena. *Curso de Direito Civil: teoria geral do direito civil*. vol. 1. 26. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

LEBORANS, F. M. J. El nombre propio. In: *BOSQUE MUÑOZ, Ignacio; DEMONTE BARRETO, Violeta (dir.). Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1999. p. 77-128.

G1. [Número de candidatos pastores cresce 25% em quatro anos](http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2016/blog/eleicao-2016-em-numeros/post/numero-de-candidatos-pastores-cresce-25-em-quatro-anos.html). 14 de setembro de 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2016/blog/eleicao-2016-em-numeros/post/numero-de-candidatos-pastores-cresce-25-em-quatro-anos.html>. Acesso em 10 de junho de 2019.

G1. *Promotor fala de recomendação que proíbe registro de nomes vexatórios*. G1, 01 de abril de 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2016/04/promotor-fala-de-recomendacao-que-proibe-registro-de-nomes-vexatorios.html>. Acesso em 03 de agosto de 2020.

GUERIOS, R. F.M.1973. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 3 ed. São Paulo: Ave Maria, 1981.

HENRIQUES, C. C. Escritores, Epítetos e Dicionário: uma parceria afinada. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria. (Org.). *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande; São Paulo: Ed. UFMS; Humanitas, 2007, v. III, p. 223-233.

IBGE. Conheça as cidades e estados do Brasil. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 10 de junho 2019.

JONASSON, K. *Le Nom Propre: Constructions et interprétations*. Louvan-la-Neuv: Duculot, 1994.

MARTINS, J. R. *Presságios: o livro dos nomes*. São Paulo: Alegro, 2002.

MICHAELIS. *Palavra étimo*. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/%C3%A9timo/>. Acesso em 10 de junho de 2019.

NEVES, M.H.de M. *Gramáticas de Uso do Português*. São Paulo: UNESP, 2000.

SILVEIRA, F. *O novo eleitor não racional*. 1996. Tese (Tese de Doutorado em Sociologia) – FFLCH/USP, São Paulo, 1996.

STE. Repositório de Dados Eleitorais. Disponível em: <http://www.tse.jus.br/eleicoes/estatisticas/repositorio-de-dados-eleitorais-1/repositorio-de-dados-eleitorais>. Acesso em 07 de junho 2019 .

UOL. *O camelô da rua do Ouvidor*. 01 de agosto de 2000. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/tv_15.htm. Acesso em 05 de junho 2019.

VAN LANGENDONCK, W. *Theory and Typology of Proper Names*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2007.

VASCONCELOS, J. L. *Antroponímia portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1928.